



UCS
UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

O TURISMO PELAS LENTES DO IDOSO ASILADO:
um estudo no Asilo Padre Cacique/ Porto Alegre – RS

LUCIANA RAQUEL BABINSKI

Caxias do Sul
Julho/ 2007

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

O TURISMO PELAS LENTES DO IDOSO ASILADO:

um estudo no Asilo Padre Cacique/ Porto Alegre -RS

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Airton Negrine

LUCIANA RAQUEL BABINSKI

Caxias do Sul
Julho/ 2007

AGRADECIMENTOS

Mencionar agradecimentos não é simplesmente a representação de gratidão por algo prestado, mas um amplo universo de sentimentos profundos e sinceros que se remete a pessoas especiais e vivências inesquecíveis.

Agradeço a Deus pela vida e por todas as conquistas que sempre foram alcançadas.

Agradeço a meus pais, irmãos e cunhado pelo apoio, compreensão e paciência disponíveis em todos os momentos.

Agradeço ao meu orientador e professor Dr. Airton Negrine por confiar em meu potencial, refletir, planejar e construir comigo este trabalho.

Agradeço aos meus amigos pela compreensão de minha ausência e pelas expressões de carinho. Dentre estes não há como deixar de mencionar um agradecimento especial aos queridos colegas e amigos do Mestrado em Turismo com quem troquei idéias, compartilhei emoções e constitui verdadeiras amizades.

Agradeço a Alexandre Rosa Lopes pelo apoio, carinho e incentivo prestados.

Agradeço a Sociedade Humanitária Padre Cacique por permitir minha aproximação e convivência junto aos idosos e pela disponibilidade em prestar informações.

E finalmente um agradecimento muito especial aos idosos do Asilo Padre Cacique que foram os atores e a razão de ser deste estudo.

Muito obrigada!

RESUMO

O acelerado envelhecimento populacional mundial, especialmente o brasileiro, remete a necessidade de atenção e estudos que contribuam para melhor compreensão e estímulo de iniciativas que possam promover a integração social e o bem-estar dos idosos. O turismo, enquanto alternativa de lazer, tem demonstrado interesse, ainda que pouco, em direcionar seus estudos ao atendimento de idosos apresentando, normalmente, como foco a segmentação de mercado. Ao se direcionar o “olhar” nos “sujeitos do turismo”, verifica-se uma lacuna de estudos que atente as possibilidades turísticas para idosos asilados e, geralmente esquecidos pela sociedade. Diante disso, esta investigação, de corte qualitativo, utilizou a história oral de vida de 14 idosos do Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre, para verificar se a inserção de atividades de lazer e turismo neste asilo podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida e o bem-estar de seus moradores, além de buscar identificar os sentidos e significados do turismo a estes idosos. O estudo é apresentado por uma narrativa que menciona a história de dona Odete, uma personagem inspirada nas histórias de vida dos idosos do asilo e criada como pano de fundo para apresentar as discussões sobre o processo de envelhecimento; a conjuntura asilar; questões vinculadas ao lazer e ao turismo apresentando resultados que explicitam a necessidade de implantação de ações que focalizem o elemento humano como princípio de práticas turísticas e de lazer.

Palavras-chave: lazer; turismo; velhice; idoso asilado.

ABSTRACT

The fast world population aging process, specially the brazilian, leads to a necessity of attention and studies that contribute to a better comprehension and encourage initiatives that promote a social integration and wellness of the elderly. The tourism, as an alternative of leisure, has shown interest, even still small, in direct their studies to the elderly assistance presenting, usually, as a focus of market segmentation. When focusing the “look” in the “subjects of the tourism”, we notice a lack of studies that attempt to these touristic possibilities for old age pensioners, and, usually forgotten by the society. Facing that, this investigation, of qualitative cut, used the told life story of 14 elderly from the old age home Asilo Padre Cacique, in Porto Alegre, to verify if the insertion of leisure and tourism activities in this home can contribute for a better life quality and wellness of their residents, besides of identifying the meaning of tourism for this elderly. The study is presented by a narrative that mentions the story of Miss Odete, a character inspired in the residents life style stories and created as a background to show the discussions about the aging process, the home structure, questions connected to leisure and tourism showing results that evidence the necessity of actions that focus in the human element as the beginning of leisure and tourism practices.

Keywords: leisure, aging process, old age pensioners.

SUMÁRIO

1 PENSANDO O CAMINHO	7
1.1 O lugar e os personagens	7
1.2 O desafio	8
2 O ENREDO: alinhavo dos tecidos	11
2.1 Cena I – Envelhecimento	11
a) Ensaio para estudos do envelhecimento	11
b) O processo do envelhecimento	12
c) O processo do envelhecimento/ velhice	14
d) Visões da velhice na linha do tempo	15
e) Categorizações da velhice	23
f) Aspectos demográficos do envelhecimento	25
g) O processo natural do envelhecimento	27
h) Relevância psicossocial	28
h.1 Auto-estima	29
h.2 Aposentadoria e seus significados	30
h.3 Relacionamento familiar	33
h.4 Memória	35
h.5 Qualidade de vida	36
i) O idoso asilado e o seu lar	38
2.2 Cena II – Lazer	41
a) Ensaio para estudos do lazer	41
b) O tempo: de trabalho, de lazer, de ócio	42
c) Mas afinal, o que é o lazer?	46
d) O lazer e a velhice: uma relação de conquista	50
2.3 Cena III – Turismo	52
a) Ensaio para estudos do turismo	52
b) Teorização do turismo	53
c) Os sujeitos do turismo	59
d) Projeto Turista Cidadão	62
e) Turismo e o processo de envelhecimento humano	64
f) Dona Odete: inquietudes e aprendizagens	66
3 INQUIETAÇÕES: Descortinando cenas	68
4 O PERCURSO: desbravando estradas	70
5 O CENÁRIO E OS ATORES	79
6 A HISTÓRIA VISTA PELAS LENTES	87
6.1 Asilo fechado X asilo aberto	87
a) A convivência	89
b) O lazer como movimento	89
c) O turismo e os passeios	91
d) Qualidade de vida e o seu contexto	93

6.2 Trajetória de vida	94
a) Eu era muito sapeca	95
6.3 A vida no asilo	95
a) Estou aqui porque quis	96
b) Aqui a gente tem tudo	97
c) O lugar é legal mas....., né?!	97
d) Aqui no asilo eu gosto de	98
e) De alguma coisa a gente sempre participa	98
f) Ah, bem que poderia ter... ..	99
6.4 O turismo do idoso asilado	99
a) Eu gosto de sair	100
b) Lembro de quando fomos a... ..	101
c) Gostaria de ir a... ..	101
d) É cada lugar pra se conhecer com o turismo!	102
e) Qualidade de vida é tudo de bem!	102
f) Ai que falta me faz!	103
g) Hoje o que mais quero é... ..	104
 7. NOVAS DESCOBERTAS	 105
 8. REPRODUZIR OU MUDAR O RUMO DA HISTÓRIA?	 115
 REFERÊNCIAS	 118
 ANEXOS	 127
Anexo A	127
Anexo B	129
Anexo C	131
Anexo D	134
Anexo E	136
Anexo F	139
Anexo G	143
Anexo H	145
Anexo I	147
Anexo J	149

1 PENSANDO O CAMINHO

1.1 O lugar e os personagens

Dona Odete Silva é uma senhora de 69 anos, pedagoga aposentada e moradora da cidade de Porto Alegre. Teve uma infância feliz! Caçula de uma família com 5 filhos morou com os pais até casar-se aos 19 anos com Paulo. O casal tem dois filhos e 3 netos. Seus filhos moram em outro estado e, devido às atribulações diárias, a visitam com pouca frequência. Sua vida sempre foi permeada de muito trabalho. Além de cuidar da casa e da família, trabalhou como professora em escola pública até se aposentar. Sempre foi muito ativa e com o marido adorava usufruir os momentos de folga para curtir sua família ou realizar algum passeio pela cidade. Quando os filhos casaram e foram morar em outro lugar, Odete e Paulo passaram a viajar com frequência. Os fins de semana costumavam sair e se aventurar pelas estradas. Muitas vezes, partiam sem rumo certo. Decidiam o destino durante o percurso. A cada viagem novas descobertas, novas aventuras, conhecimento e cultura. Sempre foram grandes companheiros um do outro! Há 4 anos, porém, suas vidas sofreram profundas mudanças...

Esta será a história narrada no decorrer deste trabalho. A história de dona Odete Silva. Uma personagem que usufruiu a vida de forma muito ativa ao lado da família, até passar por momentos de adaptações e descobertas. Esses momentos surgem com uma sequência de acontecimentos a partir da aposentadoria. Problemas de saúde e luto. Ao olhar o espelho percebe as modificações de seu corpo, face, cabelos e alterações no aspecto físico. Sem dar chances à apatia, parte para uma nova “viagem”, a da investigação e do conhecimento sobre diversos aspectos que envolvem o processo do envelhecimento.

A investigação lhe encaminha a um local que até então lhe era desconhecido: um asilo para idosos, especificamente, o Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre. Neste local, dona Odete passa a conviver com profissionais, voluntários e idosos que lhe proporcionam uma vivência diferenciada e o conhecimento de histórias de vida surpreendentes. A convivência lhe inspira a uma investigação ainda maior. Ao recordar seus agradáveis momentos de lazer e turismo com à família, questiona-se se a inserção destas atividades no asilo podem contribuir para a melhoria da *qualidade de vida e o bem-estar* dos idosos moradores daquele local. Além

disso, passa a questionar o que pensam os idosos daquele lugar sobre o *turismo*¹ como uma opção de lazer e ocupação do tempo ocioso?

A história contada até então é ficção, todavia foi construída baseada em relatos de vida de muitos idosos que se ouviu no decorrer do processo investigatório.

O cenário deste estudo é o *Asilo Padre Cacique*, localizado na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. Os principais atores desta narrativa são os idosos moradores do local. A história de dona Odete surge para contextualizar e orientar as perspectivas do estudo, na tentativa de associar o turismo como uma das possibilidades de lazer àqueles idosos e identificar a compreensão que eles possuem sobre esta atividade.

Dona Odete Silva é uma personagem fictícia, mas, com certeza, pode significar a vida de muitas pessoas, uma mãe ou pai, uma avó ou avô, ou alguém que não se enquadre nos rótulos anteriores, mas que já tenha alcançado uma idade avançada.

Os idosos moradores do Asilo Padre Cacique são personagens reais e através de suas histórias de vida, serão apresentados relatos verdadeiros que nortearam a pesquisa na busca dos objetivos. Com o propósito de respeitar a identidade e privacidade dos participantes, os nomes dos idosos foram alterados. Optou-se por usar pseudônimo, já que a relevância está nas informações recolhidas.

Portanto, a partir da narrativa de dona Odete se discute: o processo de envelhecimento; a conjuntura asilar; as questões relativas ao lazer e ao turismo, as estratégias metodológicas adotadas e os resultados da pesquisa.

Antes de dar continuidade à narrativa da história, no próximo segmento apresenta-se a justificativa da temática abordando o lazer e o turismo aos idosos asilados.

1.2 O desafio

O desenvolvimento de estudos destinados às implicações do turismo como fruição do lazer para idosos apresenta-se relevante, levando-se em consideração as alterações demográficas projetadas e evidenciadas sobre o envelhecimento populacional mundial, especialmente no âmbito brasileiro.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, censo demográfico de 2000, o contingente de idosos no país representa 8,6% da população brasileira, abrangendo

¹ A palavra turismo deve ser lida como oportunidades que os idosos do Asilo Padre Cacique têm de realizarem vivências sociais fora do cotidiano do ambiente asilar, realizando visitas a museus, parques, zoológico, passeios pela cidade e/ ou localidades próximas.

quase 15 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade. Aspectos como a redução da taxa de natalidade e a queda da taxa de mortalidade, aliados aos avanços na área médica, tecnológica e social, no que diz respeito às leis trabalhistas e ao saneamento básico, estão contribuindo de forma significativa para este aumento populacional. A previsão é que em 2050, a população idosa mundial seja de 1.900 milhões de pessoas. Considerações como estas comprovam a necessidade de atenção, relevância política, econômica, social e estudos que contribuam para melhor compreensão e estímulo de iniciativas que possam promover a integração social e o bem-estar dos indivíduos.

Tendo em vista as diversas áreas do conhecimento, o turismo enquanto alternativa de lazer tem apresentado interesse, ainda que pouco, em direcionar seus destinos e atividades para o atendimento de idosos. Ao se tratar desses sujeitos, normalmente os estudos e as práticas de turismo são direcionados a grupos estruturados dos quais participam pessoas da terceira idade, sendo que o foco costuma estar centrado nas questões mercadológicas sem maiores preocupações por outras questões pertinentes ao processo de desenvolvimento humano.

Tem-se a idéia de que, no momento em que o idoso se aposenta, terá tempo e dinheiro para poder aproveitar a vida e viajar, ou ainda, realizar todas as atividades que até então lhe foram privadas devido a diversas responsabilidades profissionais e familiares. Para muitos idosos esta concepção na realidade se configura. Para outros, porém, como os de baixa renda, a vida parece se tornar ainda mais difícil. Pensando neste último segmento, imagina-se qual será a perspectiva de vida dos idosos que não possuem condições financeiras suficientes para poder realizarem atividades turísticas e até mesmo de lazer?

É provável que muitos desses idosos já houvesse tido sua casa, constituíram uma família com quem desfrutaram momentos de lazer e realizaram passeios e viagens. Hoje muitos desses idosos moram em *instituições asilares* por motivos diversos sendo esquecidos pelos órgãos públicos, pela sociedade e/ou até mesmo pelos familiares. São pessoas idosas que não fazem parte da categoria eleita pelo mercado turístico, devido às dificuldades financeiras, biológicas e psicológicas encontradas para a realização de tais atividades. A visão do mercado exclui camadas populacionais de baixo poder econômico, incitando os profissionais da área a realizarem pesquisas de cunho puramente mercadológico, de característica funcional; com a organização e programação de pacotes ou atividades turísticas destinadas a grupos de idosos visando à compensação financeira.

Faz-se necessário esclarecer que não é intenção desconstruir a prática dessas pesquisas, ao contrário, acredita-se na necessidade de planejamento de atividades turísticas

que consiga atender de forma adequada e direcionada ao público idoso disposto a dispensar tempo e recursos financeiros à fruição do turismo. Pensa-se, no entanto, que o turismo possui propósitos para muito além dos aspectos econômicos, podendo também ter uma concepção focada nos sujeitos.

Acredita-se, desta forma, que o planejamento e a execução de práticas turísticas em instituições asilares possam contribuir para o bem-estar dos idosos, reintegrando-os a sociedade e possibilitando a efetivação do direito ao lazer mencionado na Constituição da República Federativa do Brasil (1994, p. 10), de 5 de outubro de 1988, cap. II, art. 6º, dos direitos sociais que diz: “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência dos desamparados, na forma desta Constituição”.

Com o intuito de averiguar os referenciais teóricos relacionados ao lazer e/ou turismo direcionados a idosos asilados ou terceira idade, realizou-se um levantamento do conhecimento produzido no Banco de Teses de Programas de Mestrado reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES): Mestrado em Turismo na Universidade de Caxias do Sul e Universidade de Brasília; Mestrado em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí; Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi; Mestrado em Turismo e Meio Ambiente do Centro Universitário UNA e Programa de Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo no período de 1998 a 2005. Dentre as dissertações desenvolvidas e consultadas, apenas 1 do Programa de Mestrado em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí e 5 do Programa de Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo apresentaram trabalhos relacionados à temática (Anexo A).

Foi também realizada uma verificação as revistas científicas como “Turismo em Análise”, “Turismo: Visão e Ação”, “Estúdios y Perspectivas en Turismo”, “Annals of Tourism Reseach”, “Tourism Management” e no “Caderno Virtual de Turismo”. No total foram 1.114 artigos encontrados em 149 exemplares dos 6 periódicos sistematizados, compreendendo apenas 3 trabalhos referenciando o lazer e o turismo para a terceira idade e 01, internacional, mencionando o termo turismo sênior (Anexo B).

Desta forma, acredita-se na relevância do estudo como tentativa de contribuir para o conhecimento científico e para ampliar a compreensão do turismo como forma de lazer a idosos asilados.

2 O ENREDO: alinhavo dos tecidos

2.1 Cena I – Envelhecimento

a) Ensaio para estudos do envelhecimento

Quando os filhos casaram e foram morar em outros estados, dona Odete estranhou muito o vazio da casa. Primeiro foi o Renato, que se mudou para o Mato Grosso. Pouco tempo depois, chegou à vez de Caetana ir para São Paulo. No princípio, dona Odete sentiu-se muito só. Já estava aposentada e as tarefas da casa não lhe ocupavam o mesmo tempo de antes. Há pouco, cuidava de uma família inteira. Hoje, são somente ela e o marido. A distância dos filhos, por vezes, lhe gerava uma sensação de abandono e solidão. Felizmente, esses sentimentos duraram por pouco tempo. Dona Odete, finalmente, resolveu ocupar a sua ociosidade com novas atividades: matriculou-se na academia de ginástica e resolveu inscrever-se na universidade para cursar Turismo. Decidiu buscar novos conhecimentos, conhecer novos amigos e tentar algo que pudesse lhe gerar prazer e grandes desafios. Afinal, os amigos sempre lhe disseram que era uma “mulher de fibra”, batalhadora, comunicativa e muito ativa. Seu marido sentiu-se orgulhoso por sua iniciativa e força de vontade. O ano passou e dona Odete permanecia firme em seus propósitos. Tudo parecia perfeito, pois estava realizando atividades que lhe proporcionavam muito prazer.

Entretanto, surgem momentos em que teve que compartilhar as angústias com seu marido. Certo dia, ele volta do trabalho decepcionado: havia sido demitido do emprego pelo qual se dedicou por longos anos. Estava nessa ocasião com 70 anos. Felizmente, Paulo já era aposentado, mas para sua infelicidade, há muito tempo não sabia o que era deixar de trabalhar. Sempre se dedicou à vida laboral e à família. De seu tempo livre, normalmente nos finais de semana, viajava com dona Odete para lugares próximos e por eles desconhecidos. A notícia do desemprego, inicialmente foi um choque para toda a família. Os filhos ligavam com frequência em busca de notícias do pai. Com o passar dos dias, os ânimos foram se acalmando e dona Odete, sempre muito positiva, o incentivava a realizar passeios pela cidade, ir ao cinema, museus, parques e a realizar uma prolongada viagem no intuito de visitar os filhos e os netos, descansar, divertir-se e curtir a vida! Mesmo sem gostar de passar longos dias distante de casa, Paulo aceitou o convite e os dois partiram. No princípio, ele estava entediado, mas ao reencontrar seus filhos e netos, voltou a sorrir. A viagem, os passeios e o reencontro com a família foram ótimos, mas os dias longe de casa fez com que Paulo sentisse falta de seu espaço, de seu lar e após dois meses, o casal resolveu retornar para Porto Alegre.

A partir desse momento a vida do casal mudou. Paulo partiu em busca de um novo emprego sem obter sucesso. A aposentadoria do casal os mantinha estáveis financeiramente, mas o sentimento de inutilidade estava consumindo-o. Com o tempo Paulo foi entregando-se a apatia, ao descaso, ao isolamento, a depressão. Passou a tomar medicamentos e a realizar tratamento psicoterápico. Dona Odete estava desesperada! Paulo, pouco reagia ao tratamento. Com o tempo, Paulo entregou-se ao desalento e faleceu. Dona Odete, recebeu apoio de amigos e familiares, permaneceu na casa dos filhos por alguns dias e resolveu retornar a sua casa, sozinha. Sentiu-se desamparada e sofreu muito a morte do marido. Olhou-se no espelho e percebeu o quão rápido o tempo passou e o quanto sua face, seus cabelos e seu corpo haviam se modificado. Pela primeira vez, aos 69 anos sentiu-se velha. Percebeu as rugas e a tristeza de seu olhar. Passou a questionar-se sobre o tempo, o envelhecimento e a vida! Sem encontrar respostas para muitos de seus anseios, resolveu investigar. Queria compreender melhor as alterações que os anos de vida lhe proporcionaram e que perspectivas poderiam ter para seu futuro. Diante disso, resolveu buscar na literatura uma melhor compreensão aos seus questionamentos.

b) O processo do envelhecimento

Envelhecimento é um processo que acompanha o ser humano desde o princípio de sua existência. Envelhecer é inerente à condição humana, a natureza e aos objetos que nos cercam.

Segundo o dicionário da língua portuguesa escrito por Ferreira (2004) a palavra envelhecer tem como sentido literal “tornar (-se) velho” (p. 277).

Beauvoir (1990) relaciona o envelhecimento à idéia de mudança afirmando que ele não é estático, mas o resultado e o prolongamento de um processo. Considerando que o ser humano siga um processo de vida normal, Haddad (1986) menciona uma série de três estágios que iniciam com o nascimento até se alcançar a morte. O primeiro estágio constitui-se ao da juventude, como período de progresso, desenvolvimento e evolução; o segundo compreende a idade adulta, momento de estabilização e equilíbrio; e o terceiro e último estágio é o da regressão ou velhice. Magalhães (1987) complementa a idéia mencionando que, biologicamente, o ciclo da vida do ser humano segue pelas etapas de “concepção, desenvolvimento intra-uterino, nascimento, infância, adolescência, maturidade, velhice e morte” (p. 17).

Para muitas pessoas, o período da velhice parece ser a única etapa da vida na qual o processo de envelhecimento é percebido, como se este não ocorresse nas demais fases do

ciclo de vida. O envelhecer, muitas vezes, apresenta uma conotação deprimente, decadente, como se já estivesse ultrapassado o prazo de validade. Costuma-se fazer uma associação antagônica de inferioridade quando comparado ao período da juventude e da idade adulta.

De acordo com Domiciano e Zagabria (1997) tal depreciação da velhice, consiste fundamentalmente na forma como é percebida pela sociedade. Costuma ser vista como uma condição, e não como um processo natural que precisa deixar de ser temido para ser compreendido.

O envelhecimento como processo é sistemático e irreversível, porém não é linear, varia de indivíduo para indivíduo em função dos hábitos e modos de vida.

Domiciano e Zagabria (1997) mencionam que as alterações mais perceptíveis encontram-se nos aspectos biológicos e fenotípicos dos indivíduos, havendo, no entanto, alterações que também podem ser presenciadas no campo psíquico e social.

Sabe-se que a percepção da velhice acontece, geralmente, de fora para dentro. Isso porque se sobressai de alguma situação do cotidiano, da própria imagem refletida no espelho, de alguém que manifesta ou sub-repticiamente a põe em evidência. Por tratar-se de um processo lento, gradual e silencioso, a própria pessoa, às vezes, não se dá conta, de imediato, de que está envelhecendo. (BETTINELLI; ERDMANN; ROSA, 2004, p. 245– 246).

Nota-se que o indivíduo pode se sentir velho muito mais pela percepção de outras pessoas do que pela sua própria. As rugas e os cabelos brancos, normalmente, são os primeiros e mais aparentes sinais evidenciados, principalmente quando o indivíduo se vê frente ao espelho.

A exaltação da sociedade em relação ao novo, seja quanto a aparelhos eletrônicos, vestuário ou demais produtos lançados no mercado pode ser comparado a idealização aos quesitos de beleza e juventude que ainda são vivenciados. Bettinelli, Erdmann e Rosa (2004) mencionam a veiculação da valorização ao corpo e à corporeidade que os meios de comunicação normalmente transmitem a sociedade, estimulando modismos. Debert (1994) acredita que as representações acerca da velhice, a posição social dos velhos e a forma como são tratados pelos jovens, adquirem significados distintos e particulares conforme contextos históricos, sociais e culturais os quais estejam inseridos. Diante disso, categoriza a velhice como socialmente produzida.

Compreender o processo do envelhecimento e todos os elementos que o envolvem e o influenciam constitui um grande desafio, permeado por constantes buscas por respostas e descobertas. O envelhecer acompanha o ser humano ao longo de sua existência, gerando modificações em sua relação com a sociedade, sua família e consigo mesmo. Conceituar o

envelhecimento parece ser uma ousadia, visto que, até o momento ainda não foi possível que seus estudiosos alcançassem um consenso diante de tamanha subjetividade, complexidade e modificações do ser, sentir e pensar dos indivíduos. Considerando as etapas do ciclo de vida humano, a velhice será destacada neste estudo na tentativa de identificar os diversos aspectos que a envolvem e se obter uma melhor compreensão de sua complexidade e amplitude.

c) O processo envelhecimento/velhice

Diante das considerações acerca do ciclo de vida humano, a velhice compõe-se como resultado do processo de envelhecimento que envolve uma série de características muito subjetivas em pessoas que alcançam uma idade avançada.

Do ponto de vista biológico, Gaiarsa (1986) menciona a velhice como um processo de encolhimento, um gradativo enrijecimento das estruturas e funções fisiológicas dos seres humanos, ocorrendo de maneira e velocidade desigual entre órgãos, tempos e indivíduos diferentes. Aslan (1994) relata a velhice como uma desarmonia do organismo humano, onde o equilíbrio metabólico já não é mais perfeito.

Beauvoir (1990) comenta que do nascimento até aproximadamente 20 anos de idade, o organismo humano intensifica suas chances de sobrevivência, se fortificando e se tornando mais resistente. Após os 20 anos, e principalmente a partir dos 30, o organismo humano sofre declínios. Para Aslan (1994), esse é o período em que o crescimento do organismo chegou ao fim. É um processo real que biologicamente prossegue por um longo período de vários decênios.

Meirelles (1999) atribui à velhice como um processo dinâmico, que sofre progressivas transformações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas. Estas modificações influem na capacidade de adaptação dos seres humanos ao meio ambiente, gerando maiores vulnerabilidade e incidência de processos patológicos. Para Beauvoir (1990) a velhice termina com a morte, porém dificilmente a resulta sem que haja intervenções patológicas.

Ser velho, no entanto, não significa ser ou estar doente. Conforme Neri (2000) há uma maior probabilidade de doenças e limitações biológicas durante a velhice, porém, há também a possibilidade de manutenção e aprimoramento das funções física, cognitiva e afetiva do ser velho. Desta forma, a velhice não pode ser considerada apenas como um período de perdas e limitações. Angulo citado por Haddad (1986) igualmente acredita que o declínio e a redução orgânica na velhice não significam doença e que as características biológicas resultantes neste período são semelhantes a outros momentos de vida.

Assim como o processo do envelhecimento, não há unanimidade para a definição da velhice. Conforme Angulo citado por Haddad (1986), estabelecer o marco de início desta etapa da vida envolve inúmeras dificuldades como o aspecto de variabilidade de indivíduo para indivíduo, ocorrendo então de forma muito subjetiva; além do fato que os primeiros sinais de envelhecimento apresentar-se de forma quase imperceptíveis.

Silva (1998) menciona que, cronologicamente, o princípio da velhice nos países desenvolvidos é definido pela Organização Mundial da Saúde – OMS a partir dos 65 anos de idade. Para os países em desenvolvimento a Assembléia Mundial das Nações Unidas estabeleceu a velhice a partir dos 60 anos.

São muitas as especificidades que compreendem a velhice, dentre estas, é normal ocorrerem declínios nas funções orgânicas e funcionais dos seres humanos. Não há, no entanto, regras nem período determinado para que isso ocorra, seja sentido ou percebido pelos indivíduos. Pode-se alcançar os 60 anos, sentindo ou aparentando muito menos idade. A forma como se considera a velhice varia de acordo com os valores de cada pessoa, de cada sociedade e ao longo da evolução histórico-social. O que se pode afirmar é que, todo esse processo do envelhecer jamais poderá ser considerado único, mas sim o somatório de vários aspectos que se apresentam de maneira distinta.

d) Visões da velhice na linha do tempo

Sabe-se que o envelhecimento ocorre de forma muito subjetiva entre os indivíduos. Não se pode negar, porém, que estes indivíduos sempre fizeram parte de uma coletividade que ao longo de sua evolução histórica percorre caminhos constantemente mutáveis quanto as representações sociais.

Debert (1994) menciona que as maneiras como se periodiza a vida e se define as práticas de cada período social apresentam variações conforme os grupos sociais existentes em uma mesma sociedade. Apresentam ainda, as categorias de idade como construções culturais que historicamente sofrem alterações e são constituídas de exclusivas realidades sociais, as quais se encontram em um todo social, definindo direitos e deveres para cada categoria populacional, orientando o relacionamento entre as gerações e determinando poderes e privilégios.

É pensando justamente na subjetividade e especificidades que envolvem a velhice que Debert (1994) apóia-se nos preceitos de Geertz, alertando ao fato de que são nas particularidades culturais de um povo, as quais menciona como “esquisitices”, que se pode descobrir maiores informações sobre o que é ser genericamente humano.

Beauvoir (1990) acredita que será possível compreender a realidade e o significado da velhice ao realizar-se uma análise sobre a representação que a sociedade faz dos velhos em diferentes tempos e lugares. Afirma que a coletividade humana sempre existiu e que os indivíduos em idade avançada eram exaltados ou eliminados conforme a cultura vigente.

Entre os povos primitivos, cujo sistema de subsistência baseia-se na caça e coleta, os velhos permaneciam integrados a sociedade desde que não representassem uma ameaça a subsistência do grupo. Fericgla (1992) menciona que a alimentação era questão fundamental para sobrevivência do grupo, de forma que a má temporada de caça ou períodos de escassez representava perigo permanente aquela sociedade. O indivíduo era considerado velho quando sobrevivia por mais tempo que a maioria das pessoas que integravam o seu grupo. Os poucos velhos que sobreviviam, quando não tinham mais condições de buscar seu próprio alimento, recebiam a solidariedade dos demais membros do grupo quando o alimento caçado ou coletado era suficiente para toda tribo. Beauvoir (1990) complementa apresentando a principal diferença entre os povos sedentários e nômades: no primeiro, o principal problema de permanência do velho ao grupo era o de sustento; enquanto que para os povos nômades, além do sustento havia a dificuldade do deslocamento. Se o indivíduo não conseguisse acompanhar o grupo, era abandonado. Fericgla (1992) comenta que aos velhos sobreviventes era atribuído um papel importante dentro da coletividade: transmitir oralmente os seus conhecimentos, sua experiência acumulada; considerado como a fonte dos saberes. Por assimilarem muitos conhecimentos, os povos primitivos descreviam os indivíduos mais velhos como xamãs, bruxos ou curandeiros. Para Beauvoir (1990), em função de sua memória os velhos tornavam-se indispensáveis. Eram eles quem transmitia os rituais, cantos, mitos e tradições a coletividade. O conhecimento adquirido, porém, não era o bastante diante da insuficiência alimentar, o que não impedia a morte entre os velhos primitivos.

Nas sociedades agrícolas sedentárias ou semi-sedentárias, os velhos que ainda mantinham sua força de trabalho executavam tarefas que ajudavam a sobrevivência do grupo como a guarda dos rebanhos, cuidados com a horta e a confecção de ferramentas domésticas. Segundo Fericgla (1992), os velhos das sociedades agrícolas eram os detentores de conhecimentos esotéricos e simbólicos, sabiam como organizar cerimônias religiosas, além de serem especialistas em técnicas de cultivo, reprodução e cura dos animais. Embora o número de indivíduos velhos neste grupo fosse maior que nas sociedades caçadoras-coletoras, sua representação numérica diante do grupo ainda era reduzida. Havia tensões sociais entre distintas gerações e entre sexos. Os velhos passaram a ter influência política, social, familiar, econômica e ritual entre a sociedade agrícola, impondo sua autoridade através de uma rede de

normas culturais. Através das melhores condições alimentares, os velhos adquiriram maior força de trabalho que lhes garantiu maior influência entre as gerações até alcançar sua morte, quando então passavam a ser sucedido pelo seu descendente adulto. Beauvoir (1990) afirma que entre as comunidades pobres era difícil encontrar velhos com bens que os permitissem sustentar-se. Mesmo quando eram donos de terra e rebanho, logo que sua força de trabalho enfraquecia seus herdeiros assumiam a propriedade, chegando até mesmo a livrar-se do velho para que mais rapidamente pudesse se tornar o responsável por ela.

Entre as sociedades primitivas e agrícolas a idade cronológica não era determinante para identificação do indivíduo velho, mas sim suas habilidades e disposição para o trabalho. Velhos eram os indivíduos que não tinham mais forças para caçar ou quando sobreviviam aos demais indivíduos de sua geração, adquirindo uma experiência de vida mais prolongada. Para Beauvoir (1990), o destino dos velhos era definido pela coletividade, conforme suas possibilidades e interesses. As sociedades até então mencionadas, resolviam de forma prática suas dificuldades com os velhos apresentando como alternativas a morte, seja matando-os ou abandonando-os para que morressem; garantindo-lhes o mínimo necessário para sua sobrevivência ou até mesmo assegurando sua honra e proporcionando-lhes atenção. A autora menciona, ainda, que essas formas de tratamento permaneceram sendo aplicadas pelos povos considerados civilizados, apresentando como proibição apenas o assassinato.

Rodrigues e Terra (2006) comentam sobre o primeiro texto que fez referências sobre a velhice, encontrado no Egito e escrito em 2500 antes de Cristo pelo filósofo Ptah-hotep. Nele encontra-se uma descrição penosa das condições dos velhos, mencionando seus declínios quanto a audição, visão, fala e força física; definindo a velhice como a pior desgraça que os homens podem sofrer. Relacionar a velhice à idéia de declínio acompanhava o povo egípcio que buscava o prolongamento da vida, tentando retardar o envelhecimento e mantendo, para este fim, cuidados alimentares (SILVA citado por LOBO, 2000).

Para os gregos, eternizar a juventude do homem seria alcançar o máximo de sua felicidade. Silva citado por Lobo (2000) menciona que os gregos, assim como os egípcios, também buscavam a longevidade, cuidando de sua alimentação e realizando exercícios físicos. A visão da velhice pelos gregos era relacionada a doença, consideração que, segundo Rodrigues e Terra (2006), permaneceu até o princípio do século XX. A medicina, no entanto, teve um grande desenvolvimento na Grécia antiga de forma que Hipócrates, médico grego da época, é considerado o Pai da Medicina.

Os romanos seguiam o exemplo dos gregos de forma muito disciplinada e somaram aos cuidados com o corpo a importância dos cuidados com a mente e com o espírito. *Mens*

sana in corpore sano, ou seja, mente sã em corpo são referindo-se também a importância da medicina psicossomática (LOBO, 2000).

O fim do mundo antigo é marcado pela invasão dos bárbaros e a afirmação do cristianismo que, segundo Beauvoir (1990) preocuparam-se inicialmente com classes mais humildes da população assumindo, posteriormente as mesmas vestes greco-romanas de atendimento as pessoas ricas. A sociedade era conduzida pelos jovens considerados fisicamente fortes; aos fracos, não havia espaço. Para a autora, a Igreja apresentou uma contribuição positiva ao período, criando no século IV, asilos e hospitais que garantiram o cuidado de órfãos e doentes de Alexandria e Roma, instituindo ainda a esmola como um dever.

Na Idade Média, a vida permanecia difícil e raramente se alcançava a longevidade. No entanto, no século XI da era cristã, o médico chamado Galeno escreveu um tratado sobre como se obter um bom envelhecimento conhecido como *Gerokomia*, ou seja, higiene dos velhos. Posteriormente, surge o livro de Vancues sobre *Normas para a metodologia da investigação do organismo senil* (RODRIGUES e TERRA, 2006).

A partir do século XIII, chega-se ao renascimento da vida urbana, com o mercantilismo. A possibilidade de acumulação de riquezas altera a condição de poucos velhos abastados que deixaram de ser dependentes da força física para a relevância de posses adquiridas. A velhice, no entanto, era considerada como o período em que os indivíduos preparam-se para a morte, inclusive recebendo conselhos de como realizar testamentos. Durante a renascença cultuava-se a beleza do corpo, especialmente a de jovens mulheres, contrapondo-se ao aspecto físico do corpo dos velhos (BEAUVOIR, 1990).

Rodrigues e Terra (2006) mencionam que durante o século XVI utilizava-se, além da medicina, diversos tipos de superstições como talismãs, quiromancia, magia e bruxarias em busca de melhor estado de saúde e no combate ao envelhecimento. Foi nesse período secular que passou-se a enfatizar aspectos como a observação, experimentação e a verificação na tentativa de se descobrir as causas da velhice. Os dois séculos seguintes foram marcados por avanços na fisiologia, anatomia, patologia e na química. Beauvoir (1990) afirma que durante o século XVIII, melhoras nos sistemas de higiene beneficiaram o crescimento e, conseqüentemente, o rejuvenescimento da população européia. Este fato favoreceu, inclusive, para o prolongamento da vida de alguns indivíduos, embora isso permanecia visível somente nas classes privilegiadas da sociedade. Os homens velhos, detentores de posses, adquiriram especial importância representando a unidade e a continuidade da família. Mesmo quando envelhecia, o chefe da família mantinha-se dono de suas propriedades e usufruía de prestígio

econômico marcado pelo princípio do individualismo burguês do período capitalista. Passou-se a ter maior benevolência entre os mais fracos, considerando assim as crianças e os velhos.

No século XIX, ocorreu o princípio das transformações demográficas com o aumento do número de velhos na Europa. Paralelo a este fato, também houve aumento no número de obras escritas sobre a velhice interessando-se, inclusive, pelos velhos das classes exploradas. Não quer dizer, no entanto, que este acontecimento tenha tornado a situação dos velhos mais favoráveis. No período marcado pela Revolução Industrial, êxodo rural, desenvolvimento urbano e o surgimento do proletariado; a população trabalhava de maneira árdua e explorada. Ao envelhecerem, muitos operários não conseguiam mais suportar o ritmo de trabalho. Entre as famílias, o velho era respeitado e conservava sua autoridade enquanto mantinha-se suficientemente vigoroso e detentor de riquezas. Ainda em vida, quando seus bens eram partilhados entre os familiares, deviam receber em troca uma renda vitalícia paga por seus filhos. Os velhos mais pobres encontravam-se no mais baixo nível da camada social (BEAUVOIR, 1990).

Segundo Fericgla (1992), o que ocorreu durante a sociedade industrial é um tipo de velhice isolada de forma que os mais velhos residiam em suas próprias casas enquanto conseguiam manter-se sós. Não dispondo de recursos econômicos suficientes, seus familiares contribuíam com uma pequena renda. Caso o indivíduo entre em um processo senil, a família o acolhia por um período, embora fosse cada vez mais comum interná-lo em uma residência para velhos ou asilo, o que o autor considera o princípio da morte social do velho. Para ele, o elemento sociocultural integrador era a ocupação laboral. Quem não trabalhava usufruía de um coletivo de segunda categoria, de uma marginalização social, mantendo-se fora do prestígio e sem identidade social, como é o caso dos velhos, que sofriam de uma pena de morte social acompanhada das enfermidade somáticas. Há, portanto, um modelo universal de família que tinha como base a relação conjugal produzindo idosos que eram cuidados e protegidos indiretamente pela coletividade através de meios de redistribuição social de benefícios e de instituições criadas com essa finalidade, como os asilos.

Na segunda metade do século XIX, Debert e Simões (1994) comentam que a França implantou o sistema de aposentadoria contra a oposição de burgueses industriais e de católicos conservadores que consideravam o benefício aos velhos como uma ameaça à família, até então considerada como a única solução para questões da velhice. Ideologias vinculadas a Revolução Industrial julgava os indivíduos conforme sua capacidade de produção, contrapondo-se a velhice caracterizada como um período de perdas físicas,

dependência e destituição de papéis sociais gerando e tornando-se responsável por imagens depreciativas da velhice.

Citando Lenoir e Guillemard, Veloso (2004) comenta sobre a situação dos indivíduos considerados velhos, sem condições de trabalho, que não possuíam apoio familiar e nem patrimônio. A estes, restava apenas o apoio de instituições de caridade que atendia o grande grupo de “excluídos sociais” composto de indigentes que incluía desempregados, pobres e mendigos. No século XIX, teve início a reforma do proletariado contra as péssimas condições de trabalho incluindo baixos salários e excessivas horas diárias de trabalho gerando dificuldades financeiras principalmente quando o trabalho tivesse que ser interrompido por motivos de doença, acidente ou velhice. A reforma ocorreu durante um longo percurso temporal até que fosse generalizada a todos os cidadãos, de forma que, somente a partir da segunda metade do século seguinte esse fato passou a ser concretizado.

Ao tratar sobre o século XX, Beauvoir (1990) menciona a continuidade da urbanização social, desaparecendo vestígios de famílias patriarcais e diminuindo o abandono de velhos incapacitados e sua condenação a morte. Em contrapartida, valores associados a juventude passaram a ser cada vez mais apreciados. Os progressos gerados pela industrialização ocasionaram um aumento significativo no rompimento da célula familiar. Quanto as pesquisas, a velhice passou a ser objeto de estudo, tendo seu princípio relevante no final do século XIX e grande ascensão durante o século XX.

Em 1903, o médico russo Dr. Metchnikoff, criou o termo gerontologia, de origem grega: geron: velho e logo + ia: estudo, até hoje considerada a ciência que estuda o processo do envelhecimento dos seres vivos ou o estudo da velhice, como passou a ser mencionada. Já em 1909, Nascher, o médico austríaco emigrado para os Estados Unidos, foi considerado o pai da geriatria, instituindo-a como o tratamento de patologias da velhice. Igualmente de origem grega a palavra geron: velho + iatrikos: tratamento originou a atual especialidade médica (RODRIGUES E TERRA, 2006).

Goldstein (1999) menciona que a partir de 1920, pesquisas científicas sobre o envelhecimento humano ganharam espaço apresentando aspectos sobre transformações fisiológicas e perdas orgânicas durante a velhice. Entre as publicações acadêmicas, Stanley Hall foi o precursor com a obra *Senescence: the hall of life*, em 1922. Mas as pesquisas na área do envelhecimento foram intensificadas a partir da década de 50 quando os Estados Unidos e diversos países europeus como França, Alemanha e Inglaterra vivenciaram de maneira impetuosa o aumento da população de velhos em detrimento da proporção de jovens.

Como consequência, a sociedade passou a interessar-se na resolução de problemas vinculados a saúde, educação e seguridade social.

Para Featherstone (1994), a partir do século XX o envelhecimento tornou-se um problema social através das mudanças provocadas na sociedade como o aumento da expectativa de vida, novas relações de poder, distribuição de riquezas, novos padrões culturais, avanços médicos, ascensão de padrões educacionais e a propagação dos meios de comunicação.

O Brasil, conhecido historicamente como um país de jovens, a partir da década de 60, sofreu profundas modificações em sua estrutura populacional com o considerável aumento do número velhos. Segundo Goldstein (1999) as alterações demográficas brasileiras instituídas no século XX ocasionou preocupação entre diversos segmentos profissionais, propiciando a movimentação entre os aposentados, a criação de movimentos assistenciais e sócio-culturais.

Conforme Cabral (2004), a Previdência Social, que instituiu as aposentadorias e as pensões aos trabalhadores desde os anos 30, é a mais ampla política estatal organizada pelo Estado. Posteriormente, outras instituições estabeleceram programas destinados a essa população. Na década de 60 surgiu a SBGG, Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia e o SESC, Serviço Social do Comércio, com programas para aposentados. Nos anos 70 surgiu o Programa de Assistência ao Idoso, que promoveu debates nacionais sobre o envelhecimento; o Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural, concedendo aposentadorias aos trabalhadores rurais em idade acima dos 65 anos e pensões as suas famílias; além da articulação de seminários regionais, promovidos pelo Ministério da Previdência e Assistência Social com o intuito de diagnosticar a situação dos indivíduos considerados velhos em todo o país. Questões relativas ao envelhecimento tiveram maior visibilidade durante a década de 80 com a criação dos Conselhos Municipais e Estaduais do Idoso e, principalmente, pelo fato da Constituição Brasileira de 1988 contemplar, pela primeira vez, direitos específicos da população em idade avançada. Nesse contexto, os velhos foram socialmente categorizados por diferenciadas nomenclaturas como idosos, terceira idade e melhor idade. Na área do lazer destinado aos idosos, a Embratur, Empresa Brasileira de Turismo, teve sua representação através da ABCMI, Associação Brasileira dos Clubes da Maioridade organizada durante os anos 90, atendendo a população idosa de médio a alto poder aquisitivo. Ainda neste período, o governo federal dispôs a Política Nacional do Idoso, através da Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994, com o intuito de promover práticas voltadas não somente aos indivíduos considerados velhos como também aos que irão envelhecer. Para

realizar a supervisão e avaliação da Política Nacional do Idoso, foi criado o Conselho Nacional dos Direitos do Idoso, vinculado à Secretaria Especial dos Direitos humanos. Além disso, foram instituídas várias Universidades e Grupos de Terceira Idade visando o bem-estar, e a atividade dos velhos.

Em 1999, comemorou-se o Ano Internacional do Idoso, sendo referenciado pelo Papa João Paulo II através de uma carta aos anciãos, mencionando-os como os guardiões da memória coletiva, que transmitem os ideais e valores humanos que perpetuam e orientam a convivência social (ARAÚJO e CARVALHO, 2004-2005).

Para Goldstein (1999) o futuro do século XXI reserva perspectivas ainda mais alarmantes quanto ao aumento da população com idade acima dos 60 anos; segmento que ultrapassará o número de crianças e adolescentes com 14 anos ou menos.

Diferentemente de tempos anteriores, a velhice deixou de ser exclusividade da esfera privada e familiar para se tornar uma questão social. Vive-se em uma sociedade pós-moderna, desenvolvida com base no consumo e na propagação dos meios de comunicação. Segundo Leite (2003, p. 02), “vivemos em uma sociedade ‘midiatizada’, marcada mais pelo fluxo de informações em tempo real do que pelas antigas tradições de transmissão oral dos conhecimentos e tradições”.

Maffioletti (2005) comenta que a ascendente transição demográfica estabelecida no ocidente transformou a velhice em um problema social, prevendo impactos sobre as áreas econômica, social e de saúde. A cultura ocidental estabelece a velhice através de uma construção histórica, constituindo categorias sociais e estabelecendo os seus sentidos e significados.

Como menciona Beauvoir (1990), estudar as representações dos velhos ao longo dos períodos sociais não é tarefa fácil. A velhice apresenta uma imagem incerta e contraditória tendo como sentido o de categoria social e o de individualidade, tendo um destino singular, próprio para cada indivíduo.

Em todas as sociedades a representação da velhice é determinada por uma construção coletiva. A invenção social da velhice a categoriza em diferenciadas nomenclaturas, podendo segregar a imagem dos velhos que, normalmente, assimilam sua identidade conforme padrões sociais pré-determinados.

e) **Categorizações da velhice**

Ao longo dos períodos sociais, é possível perceber diferenciadas representações da velhice estabelecidas pela coletividade e influenciadas por questões culturais. As transformações decorrentes do período industrial, durante o século XX, foram preponderantes para a construção de imagens, tipologias, categorias ou signos estabelecidos à velhice e perpetuados durante a pós-modernidade.

Segundo Ferreira (2004, p. 732), velhice remete ao “estado ou condição de velho”.

“Velho” é o termo utilizado para indicar as pessoas em idade avançada, que compõe, principalmente, a categoria popular da sociedade, a qual mais nitidamente apresenta traços e declínios originados do envelhecimento (PEIXOTO, 2003).

Ser velho, conforme Dias (1998) reflete-se em uma imagem negativa do envelhecimento, vinculado a representação estereotipada do aposentado, que por não fazer mais parte do mercado de trabalho, não possui mais função social.

Peixoto (2003) comenta que até o século XIX os termos velho ou velhote apresentavam dúbio sentido podendo ser associado à mendicidade, pela falta de recursos financeiros, portanto, sem *status* social; assim como se identificava o indivíduo velho como “bom cidadão”.

Até metade do século XX, tanto no Brasil como em outros países, ainda chamavam-se de velhos os indivíduos com 60 anos ou mais. Foi a partir da década de 60, na França, que esta imagem começou a mudar. Até então as pessoas tinham vergonha de serem chamadas de velhas, por acharem que o termo apresentava uma conotação pejorativa. Surge então a imagem de um novo velho, ativo e dinâmico mesmo quando alcançava a fase da aposentadoria. A este indivíduo se designava o termo idoso. (RODRIGUES E TERRA, 2006).

Peixoto (2003) menciona que os idosos eram considerados os indivíduos com no mínimo 60 anos, com alguns recursos econômicos, culturais e sociais que o permitissem viver sozinho, com os familiares ou em casas geriátricas. Os indivíduos pertencentes a esta faixa etária, porém sem recursos financeiros suficientes ou que não pudessem ser assistidos pela família, tendo, muitas vezes, que ser internados em asilos, permaneciam como denominação o termo velho. Para que a velhice tivesse uma imagem menos estereotipada, designou-se “idoso” os indivíduos velhos em geral, incluindo os de classe mais ou menos favorecida economicamente.

Segundo Souza (2006), no Brasil, o termo “idoso” já existia na língua portuguesa como forma de tratamento ao indivíduos velhos, porém era pouco utilizada por se referir a um tratamento mais respeitoso. Através da literatura técnica sobre o envelhecimento, os termos

utilizados na Europa foram absorvidos no âmbito brasileiro, ainda na década de 60. Desta forma, o Brasil passou a adotar o termo “idoso” no lugar de “velho”.

Voltando ao contexto francês, Debert e Simões (1994, p. 39) cita Lenoir para explicar um novo modelo delineado aos idosos:

Um novo mercado da previdência foi criado, e se estabeleceu uma concorrência entre grupos financeiros que, além de assegurar um rendimento mensal aos aposentados, propunham-se a oferecer uma série de outras vantagens e serviços, tais como: férias, clubes, tipos de alojamento, etc. Ao empregarem cientistas sociais de diversas formações na pesquisa das condições de vida e das necessidades dos velhos, essas instituições contribuíram ativamente para a invenção da “terceira idade” e inspiraram o trabalho com essa categoria em outros contextos, como no caso brasileiro.

Os autores comentam, ainda, que a categoria terceira idade se expandiu junto a uma nova linguagem em contraposição a velhice, da mesma forma em que a aposentadoria ativa colocou-se em oposição à aposentadoria. Segundo Áries (citado por DEBERT e SIMÕES, 1994), conseqüentemente, o mercado passou a se interessar pela terceira idade, desenvolvendo-se e constituindo especialistas para o atendimento deste segmento, originando atividades de lazer, desde turismo até a criação das Universidades da Terceira Idade, visando à circulação monetária dos idosos e intensificando sua segregação.

Para Dourado e Leibing (2002), a atribuição de novos significados a velhice sugerem que este seja o momento para novas conquistas em busca da satisfação, prazer e realização pessoal, chegando a identificar esta fase como mais um estereótipo através da denominação “melhor idade”.

Conforme Gastal (2003, p. 9), as “identidades globalizadas” elaboradas pela mídia, “criam padrões como *Jovem, Terceira Idade, Jovem Mulher Profissional, Ecologista*, e outros; alia-se ao discurso alimentado via meios de comunicação, a colocação de produtos específicos no mercado para atender estas segmentações (...).”

Portanto, é possível acreditar que há uma preocupação mercadológica em criar uma representação imaginária para os idosos, tendo-os como “*nichos de mercado*” para o consumo. Dentre as causas que originaram as imagens designadas aos velhos encontra-se o aumento da longevidade dos indivíduos, bem como a institucionalização da aposentadoria e as alterações demográficas intensificadas em diversos países durante o século XX.

f) Aspectos demográficos do envelhecimento

Desde a metade do século XX, a Europa vivenciou de forma gradativa o envelhecimento de sua população. Esse processo se intensificou apresentando-se como um fenômeno mundial, especialmente nos países em desenvolvimento, como o Brasil.

Em 1956, o envelhecimento da população foi abordado pelas Nações Unidas, recebendo maior atenção em 1982, através do Plano de Ação sobre o Envelhecimento divulgando recomendações para melhorar as condições de vida dos idosos (VERAS, 1998).

Para Rodrigues e Terra (2006), o envelhecimento da população é considerado um fenômeno novo, incontestável e irreversível a humanidade, preocupando os governos de todos os países mundiais. A Organização das Nações Unidas (ONU) concede tanta importância ao fenômeno, que determinou o período de 1975 a 2025, ou seja, 50 anos, como a “era do envelhecimento”, declarando 1999 como o Ano Internacional do Idoso, em que o tema central das comemorações foi “construir uma sociedade para todas as idades”. Segundo os autores, mundialmente, a parcela populacional que mais cresce é a dos idosos. “O mundo começa a se tornar ‘gris’ e, como dizem os europeus, ‘a cada ano que passa há mais cabelos brancos’” (p. 54).

Constituindo mais de seis bilhões de pessoas, a população mundial cresce em 75 milhões de pessoas anualmente, de forma que metade destas possui menos de 25 anos de idade. Entre a faixa etária dos 15 aos 24 anos existem 17 jovens em cada grupo de 100 pessoas. Quanto aos que possuem 60 anos ou mais, encontra-se 646 milhões, na proporção de um indivíduo para cada dez. Para 2050, a ONU estima um decréscimo de 20 para 30% na porcentagem de jovens com menos de 15 anos, ao passo que a porcentagem de idosos deverá sofrer um acréscimo de 22%, atingindo o contingente de dois bilhões de indivíduos (IGBE, 2006).

O site das Nações Unidas no Brasil (2006) informa que dia 1º de outubro é considerado o Dia Internacional das Pessoas Idosas. No ano de 2006 a comemoração ocorreu a partir do seguinte slogan: “Melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas” A ONU se propõe promover estratégias mundiais. Tais estratégias visam o trabalho das comunidades para o desenvolvimento de programas e políticas que permitam a vivência dos idosos em um ambiente onde possam desenvolver suas capacidades, promover a sua independência e proporcionar apoio e cuidados adequados, de forma que possam desfrutar da longevidade sentindo-se felizes, saudáveis e garantindo oportunidades para o desenvolvimento e a satisfação pessoal.

O Brasil começou a sentir o envelhecimento populacional a partir de 1970, com o “boom” da velhice. Antes disso, informações transmitidas pelos censos do IBGE não apresentavam resultados significativos sobre o envelhecimento da população a partir dos 60 anos (RODRIGUES e TERRA, 2006)

Em 6 de janeiro de 2007, Brust publicou no jornal Zero Hora, informações da Organização Mundial da Saúde (OMS), mencionando que em 2025, o Brasil será o 6º país mais envelhecido do mundo, contando com mais de 34 milhões de idosos, concretizando uma rápida transitoriedade demográfica que a França levou 115 anos para alcançar. Fato resultante das baixas taxas de natalidade aliadas ao aumento da expectativa de vida populacional e ao saneamento básico.

Em parceria com o Fundo de População das Nações Unidas (FPNU), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) prestou informações, em 2006, sobre a expectativa de vida da população brasileira ao nascer, alcançando os 78,3 anos, em 2030, Conforme o estudo, Santa Catarina (79,76), Distrito Federal (79,63) e Rio Grande do Sul (79,59) apresentam as maiores expectativas de vida projetadas para o país ultrapassando os 79,50 anos (site globo. com, 14/12/2006).

Em estudo intitulado Síntese de Indicadores Sociais publicado em 2006, citado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), o IBGE menciona que o número de idosos a partir dos 60 anos é de 18,2 milhões de pessoas, correspondendo a quase 10% da população brasileira. Os avanços da medicina aliado as melhorias nas estruturas sociais e a queda da fecundidade contribuíram para o desenvolvimento da longevidade. Dentre todas as faixas etárias medidas, o percentual de idosos que mais cresceu foi os da faixa de 80 anos, em sua grande maioria, composto por mulheres (são 62 homens para cada 100 mulheres neste grupo). Em 2005, os estados brasileiros que apresentaram maior índice de idosos foram Rio de Janeiro (13%) e Rio Grande do Sul (12,3%).

Percebe-se que o número de idosos, especialmente no contexto brasileiro, está alcançando proporções alarmantes em função da queda da natalidade e da mortalidade, o desenvolvimento de políticas de saúde pública, além do desenvolvimento médico, tecnológico e social, possibilitando o aumento da expectativa de vida dos indivíduos. Estes, porém, geram preocupações aos órgãos governamentais quanto às transformações políticas, sociais e econômicas que deverão ser intensificadas com a longevidade dos indivíduos. Aos longevos, resta saber quais aspectos de sua vida passam por transformações significativas.

g) O processo natural do envelhecimento

Sabe-se que o envelhecer é um processo natural, inevitável e inerente aos seres humanos. Sua evolução é acompanhada por variáveis mudanças e limitações desenvolvidas com o passar do tempo e de forma heterogênea entre os indivíduos. Ao tratar sobre o envelhecimento, Chopra (1999) compara o tempo a uma prisão a qual não há como fugir e, durante esse tempo, nossos corpos que funcionam como máquinas bioquímicas, se desgastam.

Jeckel- Neto (2001) comenta que, biologicamente, envelhecer não tem como significado apenas tornar-se velho, o que ocorre são alterações morfológicas e funcionais do organismo que se modificam com o passar do tempo. Há também alterações do fenótipo dos indivíduos, como resultado da interação de seu genótipo às mudanças do ambiente. Portanto, há influências da adaptação dos indivíduos ao ambiente.

Para Simões (1994), o processo biológico do envelhecimento humano manifesta-se no organismo desde as células, órgãos e todo o seu funcionamento. Durante a velhice, percebe-se mudanças mais acentuadas, principalmente nas características físicas como as rugas e os cabelos brancos. Então, encontra-se o principal declínio na velhice, o dos aspectos físicos, normalmente mais perceptíveis aos seres humanos, provocando alterações sociais e psicológicas.

O envelhecimento provoca mudanças em todas as fases da vida, porém, durante a velhice, estas se apresentam mais perceptíveis quanto a perda da altura, tonicidade da pele e do tecido subcutâneo, redução da capacidade funcional e alterações dentárias e oculares (DUARTE, 1998).

Para Malveira e Nascimento (2003) as alterações cutâneas provocadas pelo envelhecimento sempre acompanharam as preocupações da humanidade. Segundo as autoras, há como contornar esse envelhecimento da pele com a ingestão de líquidos, hidratando-a e estimulando o funcionamento renal que promoverá as trocas no organismo; o uso de filtro solar para combater a redução de melanócitos, que concedem cor à pele; a estimulação do tônus muscular através da realização de exercícios físicos e utilizando-se das diversas opções oferecidas pela cosmética que se apresenta em constante evolução.

Além da *cútis*, o aspecto exterior pode apresentar outras alterações no corpo dos idosos como diminuição do equilíbrio, força e rapidez de reação, movimentação mais lenta e alterações na fala (VARANI, 2004).

Chopra (1999) compara o corpo humano a um grande ator shakespeariano capaz de representar Hamlet diversas vezes e vacilar exclusivamente em uma sílaba. E na perfeição do corpo humano, as rachaduras invisíveis apresentam grande importância. A precisão das

células e sua renovação gradativamente diminuem, demonstrando os sinais do envelhecimento.

A imagem que transmitimos e a percepção que outros indivíduos possuem de cada um de nós são importantes aos seres humanos. “(...) tentamos representar quem somos através da visão que os outros têm de nós”.(BEAUVOIR, 1990, p. 357) .

A longevidade das pessoas é mensurada cronologicamente e, para muitos a pergunta: “Quantos anos você tem?” pode parecer cruel e ofensiva, principalmente para alguns idosos. Enquanto criança deseja-se “*virar gente grande*”. Enquanto idosos esta questão inverte-se lamentando o tempo perdido – ou seria a idade perdida?-, temendo um futuro físico e/ou psicologicamente desolador.

Mas antes de responder a pergunta informando sua idade, é preciso considerar três formas distintas para medi-la. Conforme Chopra (1999, p. 87) pode se determinar a idade dos indivíduos conforme:

– idade cronológica, que menciona “quantos anos você tem segundo o calendário”, ou seja, realizando a subtração de sua data de nascimento com a data do ano vivenciado no momento atual.

– idade biológica, que transmite “qual a idade do seu corpo em termos de sinais críticos da vida e processos celulares”. Afeta órgãos e tecidos dos seres humanos ocorrendo de forma muito subjetiva, dependendo, inclusive dos hábitos e estilos de vida de cada um e sofrendo influências sociais e psicológicas constantes, interferindo no seu bem-estar físico e mental.

– idade psicológica que se refere “a idade que você sente que tem” e que você faz de si mesmo, diferente da idade a qual a sociedade estigmatiza. Esta é a idade considerada mais subjetiva, flexível e misteriosa, podendo influir de forma mais incisiva durante o envelhecimento.

Como foi possível verificar, o envelhecimento é um processo que ocorre de forma multifatorial envolvendo modificações de ordem biológica, funcional e física nos seres humanos, além dos componentes psicológicos e sociais que merecem especial atenção pela marcante e intensa influência da autopercepção da velhice pelos indivíduos.

h) Relevância psico-social

São muitas as influências psicológicas e sociais que interferem e intensificam o processo do envelhecimento nos seres humanos. Tornar-se longo pode levar o idoso a

momentos de crise existencial com a ocorrência de perdas, reflexão sobre sua própria vida e o sentimento de aproximação à morte.

Para Teixeira (1998) a forma como o indivíduo encara e se adapta as diversas situações da vida, incluindo as transformações decorrentes e as características do processo do envelhecimento é, muitas vezes, decisiva para se alcançar uma velhice saudável.

Vitola e Argimon (2003) consideram a individualidade e a diversidade as principais características do envelhecimento humano. Questões psicológicas dos indivíduos refletem no seu comportamento diante das alterações geradas nesta etapa da vida. Por viverem mais, muitos idosos tornam-se mais vulneráveis frente às dificuldades, podendo vivenciar perdas afetivas (morte de amigos e parentes) e cognitivas (para reter novas informações).

Perdas marcantes podem alterar o sentimento dos indivíduos, gerando tristeza, insegurança e variáveis medos como: do futuro, de doenças, morte, invalidez e dificuldades financeiras que, conseqüentemente resultam na perda de *status* e prestígio social. Começam a se sentir tristes, depressivos e como forma de defesa se isolam do mundo, temendo a rejeição. É comum o idoso recordar somente o passado, temendo a realidade do presente e a proximidade da morte no futuro (VITOLA, 1997).

Percebe-se que questões como tempo e finitude do ser humano interferem na perspectiva de vida dos idosos. Além disso, os sentimentos resultantes da capacidade do idoso se relacionar com as alterações provocadas pelo envelhecimento podem contribuir tanto para o seu bem-estar quanto para o seu declínio. Ao aspecto negativo, têm-se influências diretas em sua *auto-estima*, podendo levar o indivíduo a depressão. São muitos os papéis sociais que podem ser alterados com a idade avançada. A *aposentadoria* e o *relacionamento familiar* podem ser grandes incentivadores a estas mudanças. A *memória* passa a ter uma função importante para a afirmação da identidade do idoso e diante da complexidade que é o processo de envelhecimento, o fundamental é viver essa fase com *qualidade de vida*.

h.1 Auto-estima

A auto-estima é um excelente marcador da qualidade de vida das pessoas, independente da idade. Para Argoud, Erthal e Lemos (1999) a auto-estima é o pensamento e o sentimento que um indivíduo tem sobre si mesmo e como se comporta diante do que lhe é importante. Possui influência não somente do que o indivíduo pensa e espera de si como também da forma como as pessoas que lhe são importantes pensam e sentem em relação e ele.

Branden (2001) entende que todos os seres humanos possuem auto-estima podendo ser identificadas de forma positiva a negativa. A positiva reflete a valorização pessoal dos

indivíduos, estimulando-os a enfrentar situações adversas, tomar decisões, ter conhecimento de suas limitações, fragilidades, medos e potencialidades. A negativa, gera sentimentos de medo, incapacidade, incompetência, fracasso, incitando sua autocrítica, reprovação e defeitos de maneira constante. O autor, ainda menciona a existência de uma auto-estima média, conduzindo os indivíduos a reações de incertezas e constantes variações na forma de agir e pensar. Branden complementa, mencionando que a auto-estima positiva é fundamental para uma vivência satisfatória, fazendo com que o indivíduo se sinta autoconfiante e mantenha o auto-respeito.

O sentimento de baixa auto-estima e de desvalorização nos idosos pode ser desenvolvido pela dificuldade de aceitação destes quanto a suas próprias limitações, deixando-os deprimidos pela imagem que possuem de si mesmo, rejeitando o seu envelhecimento. Além disso, motivos como redução de renda, em função da aposentadoria, viuvez, perdas significativas e ausência de papéis sociais valorizados podem promover o desequilíbrio físico, mental e intelectual dos idosos podendo levá-los a depressão. (LESSA citado por VITORELI, PESSINI e SILVA, 2005).

Diante disso, Vitola e Argimon (2003) mencionam que frente a todas dificuldades e possibilidades que envolvam o envelhecimento, os idosos devem encontrar meios para sua auto-realização, desenvolvendo estratégias de adaptação ao novo ritmo de vida, adequando suas capacidades e habilidades para melhor lidar com as novas e diferenciadas situações. Como sugestões dessas estratégias, as autoras indicam a prática de atividades físicas e sociais que atuam como efeitos preventivos e terapêuticos em combate ao estresse e as doenças. Dentre essas práticas, sugere-se a participação dos idosos em grupos de convivência, com diversas e diversificadas atividades que podem promover a troca de idéias e, muitas vezes a possibilidade de realização de novas práticas como bailes, caminhadas, passeios turísticos, etc. O lazer é considerado fundamental contra distúrbios depressivos, promovendo e ampliando a comunicação entre os indivíduos e auxiliando na reintegração social dos idosos, por se sentirem parte de um grupo, mantendo laços afetivos não somente com seus familiares como também com a comunidade que o cerca e conseqüentemente, o distancia do isolamento.

h.2 Aposentadoria e seus significados

A palavra aposentadoria se apresenta na literatura com diferentes significados dependendo do autor que aborda o tema. Guidi (1996) diz que essa palavra apresenta um sentido pejorativo indicando “excluir-se, alienar-se”. No vocabulário francês, identifica-se por *retraire*, com a idéia de “retiro, isolamento”. Na língua inglesa menciona-se *retirement*, no

sentido de “retirada, segregação, isolamento” representando o lado negativo da interrupção do trabalho assalariado.

Debert e Simões (1994) mencionam que as reivindicações operárias em prol da aposentadoria dos europeus ocorreram apenas no final do século XIX. No princípio do século XX, nos Estados Unidos, a luta dos operários vinculava-se muito mais a não demissão dos trabalhadores em idade avançada do que a garantia de renda na vida pós-trabalho. Isso ocorria porque, inicialmente, as aposentadorias foram implantadas como forma de substituição as intervenções filantrópicas direcionadas as populações mais necessitadas. Portanto, relacionava-se aposentadoria com a pobreza. De 1945 a 1960, a propagação da aposentadoria proporciona uma identidade de condições aos idosos, desvinculando-o de sua relação com o segmento atendido pela assistência social. De 1959 a 1967, foram enfatizadas as condições de vida dos idosos e o incentivo a novas práticas incluindo lazer, férias e serviços de saúde. Isso se deveu a ampliação da classe média assalariada refletindo em uma nova visão apresentada a aposentadoria, com escalas mais elevadas de aptidões, desejos e consumo. Nesse momento a aposentadoria adquiriu à idealização de um período destinado a realização de atividades de lazer e realização pessoal em detrimento do descanso e recolhimento. E a partir de 1967, surge a pré-aposentadoria marcada pela revisão da idade cronológica adequada para a saída do mercado de trabalho.

No Brasil, a Lei Elói Chaves – Lei 4.862, de 24/01/1923 – estabelece o marco da primeira lei de previdência social, passando a identificar a velhice no país como uma questão social, através da criação de um caixa de aposentadoria e pensão para os trabalhadores das estradas de ferro brasileiras. Os movimentos grevistas que antecederam e sucederam a Lei significaram a luta pela institucionalização do idoso que era identificado como um trabalhador velho e desprovido de capacidade para produção e necessitado de proteção estatal. (MAGALHÃES, 1987).

As reivindicações trabalhistas continuaram. Em 1960, conquistou-se a unificação da previdência, concedendo aposentadoria por invalidez, tempo de serviço e a ex-combatentes (GUIDI, 1996).

Conforme Witczak (2006), o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) foi criado em 1966, centralizando as decisões vinculadas a aposentadoria e criando, 1973, a aposentadoria normal, a qual a compulsória é de 65 anos para os homens e 60 anos para as mulheres.

Para Assis (1998) a aposentadoria é considerada um marco na vida dos trabalhadores, podendo ser identificada como um momento gratificante, de realizações

peçoais ou como conseqüências negativas, ocasionando o declínio geral da saúde. Enquanto se trabalha, sofre-se as pressões do cotidiano vinculadas a produtividade, metas, horários, etc., provocando o desejo da libertação com a aposentadoria. No entanto, quando esta passa a ser adquirida pelo indivíduo, normalmente sofre-se com a diminuição dos rendimentos, gerando a redefinição do padrão de vida ou a busca por uma nova ocupação laboral como forma de renda complementar. A perda econômica pode ser associada à perda da própria identidade social do idoso que era determinada pela sua identidade profissional, podendo promover a redução de seus contatos sociais e a baixa auto-estima. Com a aposentadoria não há mais o *status* pela profissão, mas o rótulo de aposentado que o iguala a todos.

Witczak (2006) comenta que, desde o seu nascimento, os seres humanos são orientados a cumprir como destino o trabalho, sendo preparados e socializados para fazerem parte do sistema de produção e consumo. Ao iniciarem a atividade laboral, perpetuam sonhos, projetos de consumo e realizações que ao se aposentarem, é provável que, em parte, tenham sido concretizados. “O presente era uma porta para o futuro ainda distante” (p. 98). Com a aposentadoria, o idoso busca sua identidade no passado, diante de um futuro que lhe pode ser considerado estreito.

Para muitos idosos a aposentadoria chega, mas a necessidade de um novo trabalho bate a sua porta. A situação mundial com crescente número de desempregados privilegia a concentração de renda ao poder de poucos. Diante disso, grandes partes dos aposentados vêm-se na necessidade de retorno ao mercado de trabalho para a manutenção, quando não a sobrevivência financeira de suas famílias. Conforme Peixoto, citado por Nascimento, Argimon e Lopes (2006), apenas 58% dos indivíduos que possuem idade para gozar a aposentadoria conseguem atingi-la, pois mais de um terço permanece trabalhando.

Aos que conseguem alcançar e se manter com a aposentadoria, é inegável a absorção de mais tempo livre. Muitos idosos sentem-se perdidos e a reconstrução do cotidiano passa a ser demorada, ocorrendo uma mudança temporal e espacial na vida em suas vidas. Pode representar o sentimento de abandono dos amigos, de interesses, de atividades... Para Assis (1998), quando os aposentados sentem-se sem saber como preencher o tempo livre que possuem, podem seguir um percurso em direção a inatividade e ao isolamento.

Moragas (1997) acredita que a tendência para o século vigente é a de que os aposentados consigam reconhecer, além do papel do trabalhador, outros que sejam socialmente importantes desenvolvidos de forma construtiva durante o tempo livre, em contraposição ao ócio e a passividade. Para que esse tempo seja consolidado de forma socialmente importante, o lazer deve ser considerado uma atividade válida tanto quanto o

trabalho produtivo para os que se encontram na fase da aposentadoria. O êxito dos aposentados está relacionado à sua disposição para ajustar-se ao novo período vivenciado, incluindo o interesse e a motivação em realizar habituais ou novas atividades.

Para muitos idosos a palavra aposentadoria significa retiro, isolamento, seja por ter sido desfeito o vínculo empregatício, seja pelo interesse pela vida a partir da aposentadoria. Aliado a isso, o aposentado/idoso inativo, passa a ter outra preocupação, decorrente da redução de salário que vai ter influências na renda familiar. Dependendo da forma como o idoso percebe e enfrenta tais mudanças, sua vida pode se tornar penosa e depressiva tendo influências na qualidade de vida. O tempo livre nessa fase da vida quando utilizado como atividades de integração com outros idosos, em passeios e em eventos, é que vai determinar a melhoria da qualidade de vida.

h.3 Relacionamento familiar

Através dos indícios histórico-sociais de representação da velhice, é possível crer nas modificações de valores, comportamento e estrutura das unidades familiares ao longo das gerações. Nas sociedades primitivas, os velhos tinham a função importante em seu meio, transmitindo aos mais jovens toda sua experiência e conhecimentos. Nas sociedades patriarcais e agrárias, o patriarca mantinha poder e autoridade sobre seus herdeiros, enquanto que, o velho que não detinha posses, era pobre e acolhido pelos filhos ou morador de asilos de mendicância.

No período moderno, percebe-se alterações quanto ao papel do idoso no âmbito familiar, caracterizado pela perda do poderio autoritário, antes decisivo à vida de seus descendentes. Assis (1998) comenta que há uma tendência natural de se intensificar um afastamento entre as gerações, devido às mudanças de valores sociais e os avanços tecnológicos dificultando a comunicação entre jovens e idosos. Vêm-se mudanças como à estrutura familiar com membros numericamente reduzidos, a inserção feminina no mercado de trabalho e a constante “falta de tempo” como dificuldades para o suporte familiar dos idosos, principalmente em casos de doenças e/ou incapacidades.

Em todas as sociedades, os seres humanos exercem variados papéis como o profissional, político, religioso e familiar. Neste último, encontram-se as categorias como filho, pai, avô e bisavô. Para Guidi e Moreira (1996) verifica-se no contexto familiar a ruptura de determinados papéis. Quando os filhos crescem e/ou casam-se tornam mais ou totalmente independentes de seus pais, reduzindo a ocupação deste indivíduo e provocando o desengajamento ou afastamento de seus contatos e das atividades sociais até então

compartilhadas. Frequentemente é possível verificar a perda da autoridade do idoso não somente em relação aos seus descendentes como a si próprio, passando da função de provedores para dependentes das decisões dos mais jovens por motivos de doenças ou fragilidade emocional.

Dentre as perdas que influenciam o relacionamento familiar com o idoso é necessário destacar a viuvez que, segundo Assis (1998), ocorre com mais frequência entre as mulheres, que apresentam uma maior longevidade. A perda do cônjuge pode afetar a psique, a saúde e as relações sociais, fazendo com que o idoso se sinta fragilizado e com dificuldades para reconstrução e readaptação à vida.

Fericgla (1992) comenta que a estrutura familiar é considerada a principal referência e principal grupo de pertencimento dos idosos. Para estes, a família possui importância muito superior a qualquer outro grupo que o idoso possa fazer parte. É na família que os idosos buscam auxílio, companhia, relações sociais mais íntimas, cooperação, etc. Os idosos exigem atenção familiar e esperam por isso. Os familiares, normalmente, chegam a sentir uma obrigação ética em dedicar sua atenção ao idoso, mas nunca dispõe de tempo hábil para essa atividade. Inicia-se, então, um novo tipo de relação familiar identificada pelo autor como “intimidade à distância”, na qual o telefone possui um papel central para a comunicação entre os familiares que não podem ou não querem se manter próximos aos seus idosos. Isso gera uma relação de intimidade familiar artificial, exigindo tempo e esforço mínimos dos familiares.

Diante destas considerações, Assis (1998) expõe a necessidade de disposição de oportunidades sociais que possibilitem a inserção e reintegração dos idosos ao ambiente social, permitindo-os construir ou retomar projetos de vida.

Realmente são muitas as mudanças sociais vivenciadas durante a velhice. Talvez, para alguns idosos, o afastamento da família, a perda da autoridade familiar, a dependência financeira ou física e/ou a viuvez envolvam os mais dolorosos processos de transição. Sabe-se da importância do apoio familiar em qualquer etapa da vida e é possível crer que esta necessidade se intensifique com o passar dos anos. Nota-se que os seres humanos são dependentes de muitos aspectos como posição e valorização social. Todavia, parece que essa dependência se intensifica com a velhice. Aumenta a necessidade de carinho, atenção e aproximação de entes que lhe sejam bem quistos para que se sintam valorizados e pertencentes a um grupo familiar.

h.4 Memória

Para muitas pessoas os idosos só vivem do passado. Tempos que sempre parecem ter sido melhores que o atual, lembranças de uma vida de muitas emoções e sentimentos que costumeiramente são lembrados no momento presente.

Cortelleti, Casara e Herédia (2004) referem-se à memória como a capacidade que os indivíduos adquirem para reter, conservar e lembrar de fatos constituídos por suas experiências de vida, relacionando-a as circunstâncias que este indivíduo vive no presente.

Mencionando a memória como “a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações”, Izquierdo (2002, p. 9) a considera importante para a afirmação da individualidade e definição de identidade dos seres humanos, de forma que cada um possui um conjunto de memórias que determina sua personalidade ou forma de ser. O autor refere à evocação o sentido de recordação, recuperação, lembrança; e comenta que cada indivíduo é o que recorda como também o que deseja esquecer.

Para Tedesco (2004), o universo da memória compreende elementos como temporalidades, lembranças, oralidades, subjetividades, factualidades e espacialidades. A memória compreende uma auto-análise da imagem presente dos indivíduos, referenciando e conservando traços de experiências vivenciadas no passado através da lembrança.

Citando Halbwachs, Bosi (1994) apresenta a lembrança como a construção de imagens passadas, sofrendo influências de nossas representações dispostas no tempo presente.

Em conjunto com a lembrança, a memória possui uma importante função no processo do envelhecimento diante das profundas alterações de valores e representações entre o passado e o presente do idoso que vão sendo desintegrados e esquecidos se não forem recordados; principalmente no que se refere na reprodução de sua vida e na construção da sua identidade, entendida como um “*continuum* de representações do seu estar sendo no mundo” (CORTELLETI; CASARA; HERÉDIA, 2004, p. 65).

Ao citar Ferrarotti, Tedesco (2004, p. 93) apresenta a personalidade dos indivíduos como um “conjunto de idéias e valores com tendência de coerência” que é construída pela memória através do acúmulo de lembranças. A identidade se constitui, então, tendo como base a experiência vivida e rememorada, num processo dinâmico que vai formando-a e transformando-a aos poucos. Desta forma, a auto-imagem do indivíduo tem como origem sua experiência social vinculada às maneiras de mediação simbólica do que foi vivenciado. E a memória apresenta-se como elemento necessário para a formação da identidade do indivíduo e para sua integração social.

Confirma-se, portanto, a importância da memória dos idosos para uma melhor compreensão e representação de suas próprias vidas, resgatando aspectos de sua identidade formada no tempo passado para a constituição e manutenção de sua identidade durante sua vivência presente e futura.

h.5 Qualidade de vida

Com o aumento da expectativa de vida populacional, questões vinculadas à qualidade de vida dos seres humanos passaram a ter maior repercussão e interesse entre todos os segmentos populacionais, indiferentemente de cor, sexo, raça e/ou idade.

Definir um conceito para qualidade de vida torna-se quase impossível por envolver aspectos muito subjetivos dos indivíduos, não havendo como mensurá-la. Para Knorst et al (2002) sua definição está vinculada a sensação de bem-estar dos seres humanos, aliado a sua autonomia, independência e satisfação pessoal. Dentre as influências que podem interferir ao alcance da qualidade de vida encontra-se as condições de saúde médica, social e mental, bem como questões socioeconômicas e ambientais, quanto ao local onde se vive e/ou interage.

Para Lopes (1996), qualidade de vida envolve uma definição multidimensional vinculada a conquista e a manutenção de um conjunto de funções incluindo “bem-estar físico e mental, atividades cívicas, sociais e comunitárias, desenvolvimento pessoal, relações com os demais e lazer” (p. 5).

Quando se pensa em qualidade de vida para o idoso, vincula-se, normalmente, ao seu estado de saúde pelo mito de se associar a velhice apenas como um período de perdas e doenças. Para Assis (1998), velhice não é sinônimo de doença e incapacidade, de forma que muitos problemas de saúde durante a velhice são de possível controle quando se tem acesso a uma adequada assistência. Paralelo a busca pela cura de doenças encontra-se a valorização e prevenção da saúde associada ao ambiente físico, evitando-se acidentes; obtenção de diagnósticos precoces; saneamento básico e incentivo ao autocuidado dos idosos quanto a hábitos cotidianos como higiene, alimentação, sono, repouso, atividades físicas, intelectuais, sociais, religiosas, de lazer, etc. Acredita-se que ao autocuidar-se o idoso poderá melhor desenvolver sua auto-imagem e auto-estima.

Ao tratar sobre qualidade de vida para o adulto maduro, Neri (1993) cita os estudos de Rudinger e Thomae, entre 1965 1984, realizados com 222 idosos de classe média baixa, na Alemanha Ocidental, dispondo informações sobre a satisfação e o bem-estar na velhice sintetizada em sete itens que consideram:

– a saúde biológica como uma das que mais influencia o bem-estar dos idosos;

- a percepção e a forma como eles lidam com os problemas de saúde são mais preditivas que as objetivas condições de saúde;
- a satisfação com a família como influência ao bem-estar;
- efeitos resultantes da mútua ação entre *status* social, variáveis de personalidade, relacionamento familiar, atividades realizadas fora da família e a satisfação pessoal;
- influencia na percepção de qualidade de vida diária vinculadas pela iniciativa em realizar e manter contatos sociais;
- auto-avaliação quanto a situação atual, vinculada ao número de eventos importantes e pressões que marcaram sua vivência durante período anterior como sua percepção em relação a morte, ao futuro, como valoriza o passado e de como age diante das possibilidades atuais.

Penna e Santo (2006) acreditam que as relações entre o aumento da expectativa de vida e a qualidade de vida dos idosos não tenham vínculo somente com a evolução médica e tecnológica, como também com a realização de atividades físicas e de lazer e, principalmente, sua vivência dos idosos em grupos. Este fato contribuiria para incentivar o seu autocuidado oportunizando a troca de experiências e compartilhando emoções.

Deps (1993) comenta que no momento em que os idosos compartilham atividades com pessoas da própria geração torna-se mais fácil a identificação de significados comuns, gerando maior aproximação interpessoal e permitindo a ocorrência de catarse.

Aliado a todos os comentários, Neri (1993) complementa sinalizando a religiosidade como fonte de significado pessoal e bem-estar espiritual, auxiliando na aceitação e compreensão da morte e de satisfação com a vida.

Associar longevidade com qualidade de vida inclui atitudes que parecem simples, mas, que para muitos ainda estão longe de serem garantidos. São muitos os idosos que, mesmo em convívio familiar, sofrem maus tratos ou por situações variadas sentem-se tristes, solitários, desamparados, dependentes (física ou economicamente), excluídos e desestimulados a vida, confirmando o protótipo que socialmente lhe é vinculado de incapacidade e inutilidade. O bem-estar do idoso depende de uma multiplicidade de fatores incluindo respeito, reconhecimento, interação e sua valorização enquanto indivíduo membro de uma coletividade, adquirindo papéis sociais para além do que lhe é imposto. Dentre todas as menções feitas sobre o envelhecimento e a velhice vê-se uma complexidade de aspectos que os envolvem tendo-se sempre como referência a importância da subjetividade dos idosos. Dentre todas as alterações enfrentadas na velhice há uma que merece atenção especial referente ao momento em que o idoso, por motivos diversos, passa a viver em um novo local, convivendo com novos e numerosos indivíduos, exigindo de grande adaptação. Este novo lar

é o asilo para idosos que para grande parte da população constitui um mundo desconhecido e normalmente associado a ideais de grande depreciação para o idoso. Será?

i) O idoso asilado e o seu lar

Quando se ouve falar em lar, normalmente se pensa na sua casa, com suas divisórias, seus dormitórios, sua família, sua privacidade, seu “cantinho”; o seu “lar doce lar”.

Quando se ouve falar em asilo, muitas pessoas se assustam, sentem-se desconfortáveis ao se tratar o tema e repudiam a possibilidade de aproximar-se a ele, sem nem mesmo tê-lo freqüentado ou visitado antes e, normalmente, não fazem idéia de como seja ou funcione, em termos estruturais e de vivência. Mas afinal, o que é um asilo?

Conforme Rezende (2002) a palavra asilo provém do grego *asylon*, por meio do latim *asylum*, com sentido de refúgio, local de amparo, proteção, abrigo de possíveis e quaisquer danos. Nele, encontra-se idosos que não possuem parentes que lhe prestem auxílio por não poder ou não querer cuidá-los. Por apresentar uma conotação de abandono, pobreza e rejeição familiar, algumas instituições públicas ou privadas estão substituindo o termo asilo por casa ou lar dos idosos.

Para Cortelletti, Casara e Herédia (2004) asilo é compreendido como uma instituição que proporciona o abrigo de idosos por período integral e permanente. Para definirem o sentido de asilo, as autoras espelham-se no conceito de instituições totais, que foram originadas para prestar o cuidado a indivíduos considerados dependentes, incapazes, velhos, sem autonomia para exercer atividades do cotidiano ou resolução de decisões, e dependentes para o exercício de suas necessidades.

A referência ao termo instituição total foi criada por Goffman (2005) referindo-a como “local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (11). Para o autor, as instituições totais centralizam todos os acontecimentos no mesmo local e através de uma única autoridade, cada momento rotineiro do participante é compartilhado com muitas outras pessoas que estão na mesma situação e recebem o mesmo tratamento; o cotidiano é submetido a um sistema de regras impostas pelas autoridades e há um plano de atividades de caráter obrigatório, provavelmente organizado conforme interesses da instituição.

Conforme a Política Nacional do Idoso (1998) é considerado idoso o indivíduo que possui 60 anos ou mais de idade e a compreensão referida a modalidade asilar disposta na Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, regulamentada pelo Decreto nº 1.948, de 3 de julho de

1996, em seu artigo 3º é o “atendimento, em regime de internato, ao idoso sem vínculo familiar ou sem condições de prover à própria subsistência de modo a satisfazer as suas necessidades de moradia, alimentação, saúde e convivência social” (20).

Desta forma, pode-se considerar por asilo o local de estada e moradia de caráter fixo e integral do idoso que enfrenta dificuldades financeiras e que não possui o amparo ou suporte familiar, encontrando neste local as necessidades básicas para a manutenção de sua vida.

Lima (s/d) comenta que independente dos motivos para sua internação, o idoso passa a vivenciar uma nova realidade que pode lhe parecer assustadora diante das circunstâncias que, normalmente, envolvem as dificuldades de privacidade e individualidade do idoso.

No momento em que o ele se estabelece no asilo leva consigo uma bagagem cultura que compõe sua história de vida durante sua vivência junto ao ambiente social circundante. Cortelleti, Casara e Herédia (2004) acreditam que o asilamento provoca a perda desta bagagem, com a transição de uma vivência ampla e pública para uma restrita e privada, originando perdas de suas referências históricas, pessoais, familiares e, conseqüentemente, de sua identidade.

Goffman (2005, p. 25) referencia esse fato como “morte civil” do indivíduo com a perda de seus papéis sociais, prejudicando sua auto-estima e auto-imagem. Passa a viver constantemente em grupo tendo que compartilhar seu cotidiano com pessoas as quais não escolheu e tendo que respeitar as regras impostas pela casa, ocasionando na perda de sua liberdade e autonomia. É uma fase de muita ansiedade.

Para Cortelletti, Casara e Herédia (2004), o idoso asilado é o que vive a última fase do ciclo de vida como um tempo em que as mudanças provocadas pelos aspectos do envelhecimento acentuam e geram transformações significativas no que diz respeito a questões físicas, psicológicas, culturais e sociais do idoso, influenciando na sua interação ao ambiente inserido. Quando o asilamento é motivado pelo abandono, o idoso normalmente se conforma e aceita sua situação, isolando-se e restringindo qualquer possibilidade de querer mais; tornando-se um indivíduo com dificuldades para enfrentar desafios, um ser sem energia ou esperança de vida; aguardando o tempo passar.

O idoso passa a viver um mundo sem projetos de vida e significado pessoal. Durante sua vida no asilo, tem-se a sensação que o tempo parou, as horas demoram a passar e os idosos chegam a permanecer em uma situação de mesmice, sentados lado a lado sem conversar, solitários, a espera da morte (LIMA, s/d).

Diante disso, Mesquita e Portella (2004) mencionam a importância da realização de atividades de lazer e entretenimento, sejam estes de caráter físico ou intelectual, que mantenha

o idoso ativo, no intuito de evitar a sua permanência constante em frente ao televisor, onde grandes partes dos idosos permanecem por horas.

A realização de tarefas e atividades no cotidiano dos idosos poderia lhes proporcionar o sentimento de satisfação sentindo-se útil e contrapondo os estereótipos criados pela sociedade. Para Cortelletti, Casara e Herédia (2004), o sentir-se útil é primordial o ideal positivo que o indivíduo, em qualquer idade, terá de si mesmo. Aos idosos que possuem condições físicas e psicológicas, deve-se permitir a realização de atividades e tarefas domésticas dentro da própria instituição como a assistência a outros idosos ou o atendimento na portaria.

Segundo Lafin (2004), inicialmente os asilos eram organizados e fundados por ordens religiosas que tinham por filosofia o fazer para os idosos no lugar de fazer com os idosos. A partir de 1980, com a ascensão do número de idosos no Brasil, os asilos passaram a ter profissionais de diversas áreas como assistentes sociais, médicos, psicólogos, enfermeiros, fisioterapeutas, etc., formando equipes interdisciplinares. Começaram a ser apoiados pela Fundação Legião Brasileira de Assistência, por voluntários e pelas universidades, melhorando seus serviços e realizando atividades que influenciaram na ascensão da qualidade de vida dos idosos.

Ainda assim, Cortelletti, Casara e Herédia (2004) informam que a realização de atividades e tarefas de trabalho são permitidas somente em alguns asilos. E a diminuição de atividades vinculadas ao cotidiano como ler, conversar com colegas, fazer trabalhos manuais, etc., possuem relação direta com as progressivas perdas do processo do envelhecimento. É comum que todas as atividades de lazer e ocupação do tempo livre durante período pré-asilar do idoso diminuam consideravelmente com o seu ingresso na instituição.

Goffman (2005) comenta que diante do sentimento de tempo perdido, ou tempo morto do idoso asilado, as atividades de distração coletivas ou individuais, desprovidas de seriedade, possuem grande valor proporcionando-lhe o esquecimento momentâneo da sua real situação.

Vê-se, portanto, que o processo do asilamento envolve muitas especificidades envolvendo os idosos, principalmente no que se refere ao rompimento de uma vida em ambiente social e público para um ambiente interno, com regras pré-estabelecidas e o convívio permanente com um grande número de idosos que, em geral, são padronizados quanto ao atendimento de suas necessidades e capacidades. O afastamento da família e de seu meio social tende a gerar o isolamento do idoso na instituição, proporcionando-lhe o sentimento de perda de sua identidade, pois dentro do asilo é como se todos estivessem na mesma situação não importando o seu passado ou que papéis sociais lhe pertenciam; ele passa a ter uma identificação padrão: idoso asilado.

2.2 Cena II – Lazer

a) Ensaio para estudos do lazer

As informações e as descobertas sobre o envelhecimento instigaram Dona Odete à reflexão. Ao conhecer melhor toda a complexidade que a envolve, enquanto idosa, sentiu variadas emoções. Todo o processo biológico e funcional que ocorre com o ser humano, desde o princípio de sua existência e, principalmente, na velhice lhe pareceu deprimente e sem esperanças e perspectivas futuras. Perceber os diferentes olhares e representações sobre a velhice ao longo dos períodos sociais lhe fez pensar nas construções ideológicas que estão se direcionando.

Para algumas sociedades, o indivíduo velho detinha, através de sua memória e experiência de vida, todo o respeito e admiração de seu povo na transmissão oral de suas vivências e conhecimentos. Talvez, por isso, os idosos sejam caracterizados como verdadeiros contadores de histórias. A partir da modernidade deu-se uma maior ênfase ao novo: novas tecnologias, novos produtos, novas informações, novos olhares. E com isso a visão em relação ao indivíduo idoso também sofreu algumas alterações. O motivo? Talvez seja a explosão demográfica a favor do envelhecimento populacional. Foi preciso se ter uma massa de idosos para que a mídia e diferenciados profissionais passassem a demonstrar maior interesse e atenção a este tema. A medicina oferece uma gama de possibilidades para o temporário rejuvenescimento. Os idosos voltaram às salas de aula, querem saber mais, conhecer novas pessoas, viajar e divertir-se. Para o mercado, passaram a ser vistos como verdadeiros consumidores. Esqueceram apenas de visualizá-los como força de trabalho que ainda pode estar em atividade. “Você já está velho e ultrapassado para esta função. É tempo de descansar, aproveite sua aposentadoria!” Foi exatamente isso que Paulo, falecido marido de Dona Odete ouviu ao ser demitido, conta a esposa.

A sensação de inutilidade, impotência e incapacidade por “estar velho” fez com que Paulo não encontrasse mais ânimo para viver. E todo o sofrimento desta perda fez com que Dona Odete sentisse no corpo e na mente o peso de sua idade. Percebeu que seria muito fácil seguir o mesmo caminho que seu marido escolheu. Chegou a pensar que sua vida não teria mais sentido. Para que viver? Para quem viver? Os filhos já estão bem encaminhados com suas famílias e Dona Odete passou a se sentir só. Em sua casa, muitos dos objetos, roupas e espaços lhe faziam lembrar-se de seu marido. As lembranças eram constantes. A única atividade que lhe despertou interesse foi buscar o conhecimento sobre o envelhecimento. Tentar encontrar respostas para tudo que havia acontecido.

Ao realizar sua busca percebeu algo que lhe pareceu mágico: Dona Odete acabou se conhecendo melhor. Percebeu que envelhecer é inevitável, mas não significa ser ou estar doente, muito menos a inércia e espera pela morte. Ao se alcançar a velhice há uma continuidade na vida e essa pode ser prolongada por muitos anos! Depende não somente de cuidados e de sua relação com seu corpo, como também e, principalmente, com o seu aspecto psicológico; de como o indivíduo reage e se adapta aos acontecimentos, como percebe e aceita a si próprio e o que poderá fazer para sentir-se útil. Através de sua investigação dona Odete descobriu que quer continuar vivendo e, muito mais que isso, quer viver buscando sua qualidade de vida.

Indaga-se: Por que não tentar proporcionar o mesmo às pessoas idosas como ela? E o idoso morador de asilos, será que é possível se ter qualidade de vida naquele local? O que pode ser feito? Dentre as respostas que encontrou o lazer aparece como ocupação do tempo ocioso dos idosos. Mas afinal, o que é o lazer, pensava Odete? Que tipo de benefícios poderá oferecer aos idosos e de que forma?

Dona Odete encontrou-se em um novo processo investigatório na busca por suas dúvidas que são muitas, mas ela não desiste e segue em frente!

b) O tempo: de trabalho, de lazer, de ócio

Desde muito cedo, é possível que o ser humano preveja o seu futuro: cumprir com suas obrigações estudantis para, então preparar-se para entrar ao mundo do trabalho. É bem verdade que em algumas ocasiões nem se passa pela fase escolar seguindo-se direto as obrigações do trabalho. Há muito se ouve que o trabalho dignifica o homem, mas será que esse conceito sempre esteve presente na concepção dos seres humanos? E o lazer, onde se encaixa? Afinal, existem aproximações entre trabalho, lazer e ócio?

Para Medeiros (1971), entre os povos primitivos era possível perceber a partilha natural entre o trabalho e o lazer. Isto ocorria de acordo com os costumes e ritos característicos desta sociedade que trabalhava em busca de sua manutenção vital e, à noite, reuniam-se em volta do fogo para cantar, dançar e contar seus feitos e episódios.

Nas sociedades gregas, as noções de lazer limitavam-se ao ócio, que para Bacal (2003) possui sua raiz etimológica do grego *skolé* e do latim *schola*, como idéia de repouso, pausa; o que não significava não fazer nada, mas um tempo para seu aprimoramento de natureza intelectual e espiritual, traduzidos na contemplação da verdade, do bem e da beleza.

Conforme Werneck (2000), o lazer enquanto ócio não tinha o sentido da passividade, mas o caráter reflexivo, contemplativo e de valorização a sabedoria como um exercício de

elevação do espírito de poucos homens livres em contraposição ao trabalho servil da grande parte da população que era responsável pelo comércio, frentes e guerra, etc. Citando os ideais de lazer para Aristóteles, a autora comenta que havia um forte vínculo do lazer com a educação, valorizando-se a filosofia, ciências, artes e literatura. O trabalho e a formação do indivíduo para sua execução não fazia parte do ideal grego que o considerava uma atividade penosa. Em contrapartida, o lazer exigia o desprendimento das necessidades da vida produtiva para que se tornasse uma verdadeira “fonte de prazer, satisfação, liberdade, deleite, reflexão e realização” do ser humano, vinculado ao sentido de cultura e educação (p. 27). Não se pode esquecer que tudo isso só era possível devido o trabalho escravocrata destinado a imigrantes, servos e escravos.

Os gregos tiveram grande influência na cultura romana, no entanto, esta foi revestindo-se com outros valores. O ócio em Roma provinha do latim *otium* predominando o sentido de descanso e diversão. Tinham como valores a educação, que devia ser destinada a pátria e a paz, conquistada somente após a vitória (WERNECK, 2000). Citando Horácio, Medeiros (1971) comenta que durante o Império Romano o número de escravos era bem maior que no período grego. O ócio era considerado um presente divino e que devia ser aproveitado diariamente. A palavra feriado originou-se nessa época destinando a palavra latina *feria* sentido de festa e alegria. Dos 365 dias do ano, 165 eram dias de trabalho enquanto que os outros 200 eram destinados a festas ou feriados. O gosto pelo luxo e o farto vagar acompanhavam os romanos. Chegaram a ter 856 termas públicas e particulares. Os passatempos eram desumanos e cruéis e as festas tinham características profanas. As arenas eram destinadas a combates entre gladiadores treinados em escolas com o objetivo de entreter a população. Por motivos de desordem militar, ambição, corrupção e freqüentes invasões bárbaras o Império Romano foi se desintegrando até atingir sua queda, mas sua concepção de ócio influenciou a Europa Ocidental até o final do século XVIII.

No contexto medieval a religião cristã atuou de forma preponderante na vida humana. As possibilidades de ócio eram determinadas pela religião e dependia da classe social a qual se pertencia, constituída como privilégio pela nobreza feudal. Aos nobres o trabalho significava desprestígio, lhe cabendo como ideal a formação musical e guerreira. A vida devia ser encaminhada conforme o código moral de Deus que condenava o lazer com suas festas, jogos, espetáculos e danças que significavam um perigo para a purificação da alma. O trabalho, com base na origem latina *tripalium*, também tinha conotação penosa, mas estava associada ao sacrifício representando uma forma de punição aos pecadores. Os momentos destinados ao não-trabalho deveriam ser utilizado como forma de purificação da

alma evitando qualquer tipo de tentação que encaminhasse os indivíduos aos prazeres da carne e ao pecado. O sacrifício do trabalho salvava a alma! O lazer tinha o sentido de sua etimologia latina, *licere* considerado licito, permitido e era representado pelas atividades culturais e festivas que contribuíssem para elevar a alma a Deus, caso contrário, era visto como algo proibido (WERNECK, 2000).

Diferentemente da Idade Média, a Renascença passou a visualizar o homem como centro do universo. Segundo Camargo (1998), foram alteradas as relações do homem com a divindade, valorizando-se a educação como um aperfeiçoamento humano. Medeiros (1971) informa que nesse período mesclavam-se lições de leitura com ginástica, equitação, jogo de bola, lutas e natação, indicando aos jovens à contemplação da paisagem e do céu estrelado, o canto, a música e a apreciação a pintura, escultura e arquitetura.

Bacal (2003) comenta, porém, que essa nova postura do período renascentista não teve força suficiente para alterar a raiz medieval que ainda mantinha influências sobre a conduta humana. Foi durante o período da Reforma Protestante que o trabalho passou a ter uma nova concepção. Lutero empregava o trabalho como missão de Deus, valorizando o tempo necessário e dedicado a produção e considerando a realização dos indivíduos pela execução de sua profissão. Valorizava-se a posse e o acúmulo de riquezas, desde que não os utilizasse como forma de ócio e prazeres. Calvino pregava a vocação como tarefa estipulada aos indivíduos através de Deus. Para Werneck (2000) o protestantismo via na educação um meio moralizante do trabalho e no lazer um vício, negando o gozo ao ócio e identificando-o como um ato preguiçoso, um “pecado capital”.

Conforme Dumazedier (1979), o ócio praticado nas sociedades pré-industriais era destinado ao benefício de poucos que se valiam do trabalho escravo e de camponeses para sua realização. Para o autor o lazer pressupõe o trabalho sem o extinguir, portanto, a ociosidade não corresponde ao lazer. Afirma, ainda, que o lazer deu-se a partir do desenvolvimento da industrialização, com a regulamentação do tempo de trabalho e descanso, conquistados através das reivindicações dos trabalhadores das fábricas por melhores condições de trabalho.

A segunda metade do século XVIII foi caracterizada pelo princípio das inovações técnicas, alterando o sistema de produção industrial e as relações entre empregadores e empregados. O período caracterizado como Revolução Industrial teve o seu desenvolvimento com o capitalismo, baseado na relação entre burguesia e proletariado, no acúmulo de riquezas aos detentores de capital e sustentado pela mão-de-obra assalariada que dispunha de sua força de trabalho em troca de salário. A lógica capitalista, sob o ângulo da burguesia, instigava a visão do trabalho como uma virtude, exaltando-o e determinando identidades e papéis que os

indivíduos adquirem na sociedade. O trabalho passa a ser o integrador da sociedade, excluindo os indivíduos que não estejam inseridos nele. (WERNECK, 2000).

O proletariado, no entanto, assumia jornadas de 16 a 18 horas diárias em um trabalho rotineiro, sobrando-lhe pouco tempo para sua recuperação fisiológica. Com isso, deu-se início a muitas reivindicações por melhores condições de trabalho. Segundo Marcellino (1995a), a primeira reivindicação ocorreu na Inglaterra, em 1825, seguida de outros países da Europa, Estados Unidos e chegando ao Brasil no século XX. Gradualmente as reivindicações passaram a ser atendidas em muitos países. Conquistou-se o repouso semanal, no final do século XIX e foi fixada a jornada máxima de 8 horas de trabalho assim como sua redução semanal para cinco dias, em 1919. Mas a elaboração sistemática de leis sociais e protetoras do trabalho ocorreu a partir de 1930, quando igualmente foram conquistados o aumento do tempo liberado nos dias de trabalho e nos finais de semana, correspondendo ao descanso remunerado das férias.

Diante das opressões subordinadas pela sociedade trabalhadora, Lafargue (1999) comenta sobre a oposta relação vinculada ao trabalho e o lazer, de forma que o primeiro é configurado como uma rotina penosa e obrigatória; e o lazer é assimilado como prazeroso e agradável.

Para Werneck (2000), na sociedade moderna, caracterizada como urbano-industrial, o lazer passou a ser reivindicado como um direito que foi conquistado pela aquisição do tempo de folga do trabalho, alterando o sentido referenciado ao lazer até então. Bacal (2003) comenta que antes, o tempo de não trabalho era destinado ao repouso, para recuperação de energias destinadas ao bom e satisfatório retorno ao trabalho. Com a aquisição de mais tempo livre, os trabalhadores conquistaram um tempo que poderia ser utilizado para o descanso e para a realização de qualquer outra atividade, conforme a sua escolha. Conseqüentemente, esse tempo a mais se tornou importante para que os indivíduos pudessem consumir aquilo que produziam.

Finalmente, a pós-modernidade apresenta-se por um período de grandes inovações tecnológicas e a transição do processo econômico de bens de produção para serviços. Werneck (2000) considera a fase pós-moderna como um período em que o trabalho agrícola e industrial está sendo reduzida em contraposição a diversificação e sofisticação da oferta de bens e de serviços no setor terciário, como mudanças geradas no estilo de vida. Nesse contexto, um novo quadro social passa a ser definido com relação ao lazer com as chamadas “indústria do lazer e do entretenimento” (p. 64). Diante disso, fala-se que o tempo destinado ao lazer será cada vez mais ampliado com as reduções da jornada de trabalho. O que se

percebe, no entanto, é a busca por novas fontes financeiras que garantam não somente as necessidades básicas dos indivíduos como também o consumo de seus sonhos, através da oferta de bens e serviços, incluindo o lazer cada vez mais divulgado pela mídia como opção de diversão, prazer e realização pessoal. Paralelo a isso, vê-se muitos desempregados que passam horas de seu tempo de não trabalho em busca de trabalho que apresenta-se cada vez mais restrito. O lazer foi descoberto como um mercado promissor para geração de lucros a pequena parte da população que compõe a injusta distribuição de renda. E quando considerado como uma fuga dos problemas e um compensador de frustrações e do cotidiano, o lazer passa a ter uma conotação alienante e visto como uma simples diversão e entretenimento a serem consumidos e ditados por modismos impostos pela mídia. Destaca-se, portanto, a alienação do lazer em detrimento a verdadeira concepção que deveria lhe caber como condição essencial para promoção da qualidade de vida dos seres humanos.

Na lógica do consumo de bens e serviços, o lazer vem ocupando lugar de destaque nas prateleiras do mercado como um produto promissor a ser vendido e consumido pelos indivíduos em busca de *status* e sedentos por momentos longe de sua exaustiva rotina. Normalmente, os indivíduos são educados para o trabalho, mas não para o lazer. Desejam o tempo livre, mas agem sem saber como utilizá-lo. As visões destinadas ao trabalho, ócio e lazer foram alteradas conforme a transição dos períodos sociais e, com certeza, ainda será muito discutida pelas sociedades futuras. Vê-se que o tempo destinado as obrigações e o tempo destinado ao descanso e/ou divertimento sempre existiram, sendo que as concepções conferidas ao lazer foram instituídas a partir da industrialização. A linha do tempo está aí, a espera do futuro que já está sendo delineado e construído no tempo presente. Sabe-se, contudo, que a vivência do lazer independe do período social partindo da fruição do indivíduo, e esta pode ocorrer em diferentes localidades e modalidades.

c) Mas afinal, o que é o lazer?

É muito comum, nos dias de hoje, ouvir as pessoas clamarem pelo seu dia de folga ou férias das obrigações do trabalho ou das tarefas domésticas. Busca-se um tempo a ser compartilhado com a família, com os amigos e/ou um tempo para si próprio. Tudo isso se torna um desejo e quando adquirido, curte-se o “não fazer nada” durante os primeiros dias, mas depois começa a se sentir aborrecido, sem saber o que fazer e como utilizar esse tempo livre.

Diante disso, fala-se muito em lazer, inclusive o termo é muito bem quisto para grande parte dos indivíduos, porém, no momento de defini-lo resta a dúvida, mas afinal, o que é o lazer?

A conceituação do lazer é fenômeno freqüente para reflexão de diversos estudiosos, que o apresentam de diferentes formas, sem que seja alcançada uma única definição. Dentre os conceitos mais citados e aceitos no Brasil, encontra-se o do sociólogo Joffre Dumazedier (1973) que menciona o lazer como:

Conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das ocupações profissionais, familiares e sociais (p. 34).

Verifica-se, neste conceito, o destaque do autor a concepção de lazer como funções de repouso, diversão e desenvolvimento pessoal os quais Requixa (1980) compartilha apresentando o lazer como uma ocupação que proporciona recuperação psicossomática e desenvolvimento pessoal e social, sendo este de cunho não-obrigatório e que o indivíduo o determina por livre-escolha.

A visão de lazer apresentada por Dumazedier está inserida ao contexto de sua reflexão ao tema diante de quatro definições referenciadas pela sociologia: a primeira considera as atividades cotidianas dos indivíduos como formas de lazer, originando um estilo de vida que contribui para mudar a qualidade de vida. Para Dumazedier (1979), esta definição refere-se a atitude de alguns indivíduos, confundindo lazer e prazer sendo encontrados em qualquer atividade que venha a ser realizada, como trabalhar ouvindo música ou estudar brincando. A segunda definição resume o lazer ao tempo destinado fora do trabalho profissional, onde são executadas as obrigações familiares, sociopolíticas e sócio-religiosas. Esta definição também é considerada confusa pelo autor por englobar não só um tempo liberado do trabalho como o tempo em que inclui as obrigações fora dele. Na terceira definição, exclui-se do lazer o trabalho e as obrigações doméstico-familiares, mantendo-se as obrigações sociopolíticas e sócio-religiosas. A quarta e última definição envolve a compreensão e defesa do lazer pelo sociólogo, envolvendo, como já foi citado neste trabalho, o tempo disponível dos indivíduos após desempenharem suas obrigações profissionais, familiares, sociopolíticas e sócio-religiosas, tendo-se como finalidade a auto-satisfação.

Seguindo a linha de pensamento de Dumazedier, Camargo (1989) considera o lazer como a realização de qualquer atividade de cunho cultural, físico, manual, intelectual, artístico e associativo, realizado durante o tempo livre do trabalho profissional e doméstico.

Para Marcellino (1995b), as definições até então mencionadas apresentam um caráter conservador, sob forma de abordagens funcionalistas do lazer, quanto a valores que visam a paz e a ordem social na manutenção do *status quo*. Estas abordagens compreendem funções sob as perspectivas: *romântica*, enfatizando-se valores tradicionais da sociedade através de saudosas recordações do passado; *moralista*, onde o lazer assume em seu valor um caráter ambíguo; *compensatória*, no intuito de compensar a insatisfação e alienação do trabalho; e *utilitarista*, reduzindo o lazer como instrumento de desenvolvimento ao papel produtivo do indivíduo, devido sua função de recuperação da força de trabalho.

Diante destas abordagens, Marcellino (1995b) parte para o seu próprio entendimento do lazer como a cultura, em seu mais amplo sentido, praticada ou fruída durante um tempo disponível, de caráter desinteressado, buscando a satisfação dos indivíduos gerada pela situação experimentada e de opção pessoal, podendo lhe proporcionar descanso físico ou mental, divertimento e o desenvolvimento de sua personalidade e sociabilidade.

Segundo Marcellino (2002), os estudiosos do lazer o distinguem em duas linhas que relacionam o tempo “disponível” do indivíduo, ou seja, liberado das obrigações e visando a qualidade das ocupações desenvolvidas e a atitude que for estabelecida entre o sujeito e a experiência vivenciada.

Dentre as áreas abrangidas pelos conteúdos do lazer, Marcellino (1995b) as classifica em seis áreas fundamentais envolvendo os interesses: *artísticos*, determinados como o imaginário através das imagens, emoções e sentimentos, envolvendo todas as manifestações artísticas; *intelectuais*, contactando-se com o real e o racional, através do conhecimento vivido e experimentado; *físicos*, através de atividades em que prevaleçam o movimento corporal; *manuais*, na manipulação de objetos objetivando a sua transformação; *sociais*, abrangendo o convívio social e *turísticos*, envolvendo a quebra da rotina do tempo e espaço pelo indivíduo, na busca por novas paisagens, pessoas e costumes.

Para o autor, seria ideal que ao vivenciar as atividades de lazer os indivíduos abrangessem os vários grupos de interesses praticando no tempo disponível o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual, o contato com os outros costumes e o relacionamento social, quando, onde, com quem e da maneira que quisesse” (MARCELLINO, 2002, p. 19). Talvez o turismo, com todas as suas possibilidades, possa ser o único interesse que consiga abranger todos os demais elementos.

No âmbito do senso comum, o lazer normalmente está relacionado ao descanso, relaxamento e entretenimento que são integrantes a sua significação excluindo, porém, o seu entendimento quanto ao desenvolvimento pessoal e social que o engloba. Para Marcellino (2002) essa concepção reforça a visão utilitarista do lazer que não pode ser compreendido apenas como um “assimilador de tensões” (p. 16), proporcionando momentos de fuga, alienação ou simplesmente a sua utilização pelo e para o consumo. Essa é a visão considerada como antilazer, que atua como forma de dominação e alienação dos indivíduos. Diante disso, verifica-se que, normalmente as pessoas assumem dois tipos de comportamentos em relação ao lazer, classificando-o como lazer ativo, quando se atua de maneira crítica e seletiva as informações recebidas e a realização de suas práticas; e o lazer passivo quando as informações recebidas ou as ações desenvolvidas em nada acrescentem ao indivíduo, mantendo-o inerte. Nesse contexto, Marcellino (1995a) comenta que para o lazer ocorrer de maneira efetiva, é necessário não somente o tempo liberado com um espaço disponível, que nos dias atuais é caracterizado pelo espaço urbano, ampliando cada vez mais as cidades, isolando os indivíduos e mantendo-os passivos frente aos acontecimentos diários. Dentro da visão utilitarista, o lazer, normalmente assumido pela iniciativa privada, torna-se reservado ao privilégio de poucos. Com isso, o autor sugere a democratização do acesso aos equipamentos e espaços de lazer que possam ser utilizados para sua prática, superando as atividades conformistas do lazer e beneficiando todas as classes sociais a obterem uma participação de forma crítica e criativa.

Em entrevista a revista *Veja* (30 de jun., 1993), Camargo comenta que a necessidade do consumo pelos indivíduos faz com seja feita diferenças entre lazer para ricos e para pobres, isso ocorre porque os seres humanos buscam referenciais nos grupos aos quais eles fazem parte. Para o autor, as atividades de lazer que lhe são consideradas mais gratificantes não custam nada. O lazer é visto como instrumento de distinção social dos indivíduos no momento em que estes se exibem com suas viagens, carros, etc. No entanto, gasta-se muito dinheiro e as pessoas podem continuar infelizes. Nessa visão, o lazer pode ser considerado um perigo diante do tempo o qual o indivíduo destina a ele sem saber como utilizá-lo, de forma que não atenda seus anseios e nem lhe proporcione qualquer desenvolvimento ou prazer.

Acredita-se, no entanto, que classes mais privilegiadas da sociedade possuam melhores oportunidades para o desenvolvimento do lazer pela vantagem socioeconômica que possuem, em relação aos demais, podendo usufruir as mais variadas práticas de lazer em tempos disponíveis que, muitas vezes, lhe são ajustáveis. Contudo, percebe-se que o lazer apresenta-se sobre duas vertentes: a que mantém o predomínio da alienação dos indivíduos e a

que proporciona a satisfação de suas funções destinadas ao descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal, proporcionando-lhes prazer. Alerta-se para que o lazer não atenda somente os interesses do consumo, mas que seja o instrumento para uma vivência que proporcione a expressão humana, contribuindo para a fruição e o atendimento dos indivíduos como um todo, propiciando o alcance de suas funções e oportunizando a participação de todos os cidadãos como forma de ser, em detrimento do ter, pois, segundo De Masi (1999, p. 66), “você não é o que faz no trabalho, mas o que faz fora dele. É nas horas de ócio que alguém pode se tornar muito culto ou muito ignorante”.

d) O lazer e a velhice: uma relação de conquista

Diante da expansão do lazer como produto de “prateleira” a ser oferecido pelo mercado, percebe-se a sua segmentação quanto a determinadas categorias como sexo (masculino, feminino ou misto) e etapas da vida (infantil, juvenil, adulto, idosos ou o termo, mercadologicamente mais utilizado: terceira idade). Hoje são muitas as organizações dispostas a atender os anseios dos idosos quanto as atividades de lazer. Há os grupos de terceira idade, as Universidades da Terceira idade, agências de viagens direcionadas a esse grupo, dentre outros. Sabe-se, porém que a transição do período de trabalho para o da aposentadoria pode refletir em conseqüências negativas quanto a percepção, adaptação e aceitabilidade do idoso. Desde criança, transmite-se a importância e a necessidade do trabalho aos indivíduos, sendo educados e destinados a este mundo. Dificilmente fala-se sobre o lazer.

Conforme Camargo (1998), a aposentadoria compreende o momento mais complicado de passagem do trabalho para o lazer. No princípio, o trabalho que exercia não lhe parecia tão atraente, com o tempo, tornou-se a base de sua identidade. Com a chegada da aposentadoria, o que deveria ser considerado um fator positivo se torna um verdadeiro castigo. Para o autor, quanto mais dedicado o indivíduo for em relação ao seu trabalho, mais dificuldades terá para afastar-se dele.

Para muitos aposentados o trabalho era motivo de satisfação. Vê-se, portanto, muitos indivíduos frustrados e aborrecidos com o afastamento do trabalho e com a dificuldade de encontrar atividades de lazer que lhe possibilitem esta sensação. Para Iwanowicz (2000), o relacionamento dos idosos com o lazer tem como influência a adequação e acessibilidade das oportunidades de lazer oferecidas a sua participação, assim como os hábitos comportamentais adquiridos ao longo de sua existência.

Para McPherson (2000, p. 241) durante toda sua existência, o ser humano adquire um conjunto de habilidades e atividades de lazer que se torna significativo a sua vida ou ao grupo

etário o qual pertence dependendo de “normas culturais e fatores sociodemográficos como sexo, educação, raça, etnia, lugar de residência, religião e status socioeconômico”, além da saúde do indivíduo, custo que a atividade despenderá, clima, instalações físicas, condições de transporte e qualidade da comunidade a qual se faz parte. A vivência do lazer de maneira significativa depende do estilo de vida e das preferências dos indivíduos, exigindo políticas flexíveis e uma variedade de programas.

Conforme Bulla e Kunzler (2005), os grupos de convivência configuram espaços que têm conseguido apresentar uma variada programação envolvendo atividades lúdicas, de lazer e informação como cursos de artesanato, coral, teatro, ginástica, bailes, aulas de dança, palestras, excursões e eventos destinados aos idosos, favorecendo o seu desenvolvimento sócio-cultural e sua participação social. Para as autoras, iniciativas como estas estão possibilitando a superação da solidão, isolamento e ociosidade dos idosos, reinserindo-os ao meio social.

Nota-se, no entanto, que organizações como as dos grupos de convivência atendem, em grande parte, aos idosos de vida independente que moram sozinhos em suas casas ou em companhia de seus familiares. Como visto anteriormente neste trabalho, há um grupo de idosos que vivem como moradores de asilos que passam o tempo a espera de sua morte. Grossi, Schardosim e Vargas (2005) tiveram uma aproximação a dois asilos gaúchos, constatando que a partir da inserção do idoso no asilo, percebe-se uma gradativa redução de sua independência e autonomia, em função das normas institucionais que condicionam seus afazeres inclusive nas atividades de lazer. As autoras consideram importante que os asilos venham a oferecer atividades de lazer que possam incluir idosos independentes e os que apresentam alguma deficiência, na busca por atividades de lazer que não sejam restritas a passividade do indivíduo, como o exemplo do assistir televisão ou ouvir rádio de forma isolada, sem que haja interação com os demais moradores. Comentam sobre as atividades físicas, manuais e mentais que podem ser realizadas de forma individual ou grupal pelos idosos, citando Dops ao tratarem os passeios ou as atividades em grupo como apoio emocional e social contra a solidão e o fortalecimento de novos vínculos sociais. Sugerem, ainda a realização de atividades recreativas de forma orientada como parte do cotidiano dos asilados.

Segundo Voser, Gonzalez e Cruz (2005), as atividades recreativas visualizam o bem-estar, o divertimento e a possibilidade de realização de atividades físicas e coletivas pelos indivíduos, apresentando características lúdicas, utilizando espaços e materiais não-usuais e a

utilização de técnicas simples e sem regulamentações. Encontra-se na recreação uma forma de ocupar o tempo livre dos idosos de forma prazerosa e integradora.

É possível verificar a importância do lazer aos idosos como forma de proporcionar sua interação e socialização, principalmente aos asilados, contribuindo para o seu desenvolvimento intelectual e incentivando sua movimentação corporal. Acredita-se que, dependendo das circunstâncias em que os idosos se encontrarem, haverá resistências para a realização de tais atividades exigindo do lazer uma variada gama de possibilidades a serem oferecidas como forma de conquista e fruição do idoso para sua efetivação. Ao possibilitar a satisfação dos indivíduos em relação a sua própria vida, conseqüentemente, o lazer contribuirá para o benefício da qualidade.

2.3 Cena III – Turismo

a) Ensaio para estudos do turismo

Mas isso é fantástico! Veja quantos benefícios poderá proporcionar o encontro do ser humano com atividades de lazer! Os gregos, realmente sabiam dar valor a vida, pena que tenha sido através do sacrifício de tantas pessoas, pensou dona Odete.

Sua pesquisa sobre o lazer lhe fez perceber a grande influência social que os seres humanos sofrem em todos os aspectos de suas vidas. Não é apenas nas concepções sobre a velhice como também para o lazer. É possível ver os indivíduos correndo tanto em busca de trabalho que lhe gere condições financeiras para suprir, pelo menos, suas necessidades quanto a saúde, habitação e alimentação. Quanto ao lazer? Para grande parte da população isso só será possível se sobrar algum dinheiro no final do mês, imaginou dona Odete. Essa parece ser a realidade de muitas pessoas. Sabe-se das dificuldades financeiras que os indivíduos passam, mas sabe-se também que há muitas formas de usufruir seu tempo livre. Em geral, muitos almejam um tempo para si em que possam se dedicar ao que lhes dê prazer, mas quando possuem esse tempo, normalmente sentem-se perdidos, desmotivados, achando a vida um tédio, sem nada para fazer. Seu preparo e educação para o trabalho fez com que os indivíduos esquecessem de si próprios desvalorizando o lazer em suas vidas. E quando chega a aposentadoria, aí sim é um tormento! Pode se perder o *status*, o vínculo social, sua identidade enquanto sujeitos com papéis sociais e, às vezes, sua própria vida.

Foram tantas reivindicações por melhores condições de trabalho, por mais horas de folga, pela aposentadoria e agora muitos indivíduos se perguntam: o que fazer? Se para os idosos de vida independente, que vivem em suas casas na companhia ou não de suas famílias,

a entrega ao lazer pode ser difícil, imagine àqueles que vivem em um ambiente coletivo, sem privacidade, muitas vezes com algum tipo de deficiência que o torne dependente, que só vêem a sua frente a morte e dia após dia vivem de maneira segregada e asilados?

Ao ampliar seus horizontes sobre o lazer, dona Odete lembrou de seu passado com Paulo, de suas diversões com a família, das viagens que realizavam. Ao recordar seus momentos vividos foi possível identificar muitos dos aspectos estudados sobre o lazer e perceber o quão importante foram para sua formação e maneira de encarar a vida. Foram tantas experiências, tantas vivências, tantos conhecimentos, trocas, tantas pessoas encontradas que realmente valeu a pena! Diante de todo o seu estudo há algo que lhe marcou: as possibilidades do interesse turístico ser o único a abranger os interesses culturais, intelectuais, físicos, manuais e sociais mencionados por Marcellino (1995b). Talvez esse tema tenha lhe chamado atenção por suas recordações de viagem, pelos passeios com seus filhos ou por estar cursando a faculdade de turismo. Na verdade, o que importa é como será sua vida, seus estudos, seus momentos de lazer e turismo sem a presença de seu marido e filhos. Será que ainda há como sentir prazer em algum momento desses? Será que é possível voltar a faculdade para estudar aquilo que sempre fez parte de sua vida junto a Paulo e filhos? Que motivações terá? Dona Odete questionou-se muito, inclusive sobre o que fazer de sua vida dali por diante. Ao pensar sobre suas descobertas em relação ao envelhecimento e o lazer sentia um misto de tristeza e empolgação por novos conhecimentos. Por vezes, sentia-se culpada pelo seu entusiasmo, afinal, ainda estava de luto; ao mesmo tempo, sentia-se bem por conhecer-se melhor, por compreender melhor os acontecimentos e por tentar encontrar em seus estudos um conforto, um desabafo e um caminho para seguir sua vida. Pensou então: por que não continuar nesse caminho? Por que não dar seqüência aos seus conhecimentos? Por que não reviver em sua memória os bons momentos vividos através da amplitude de seu conhecimento? Foi com essa visão que dona Odete resolveu ir ainda mais adiante a sua investigação. E a partir de então, partiu em busca de leituras e conhecimentos sobre o turismo.

b) Teorização do turismo

Teorizar o turismo não pode ser considerado uma tarefa fácil. São muitas as considerações apresentadas que o interpretam desde uma visão economicista-funcionalista até uma visão complexa e de caráter humanizador.

O termo turismo provém da raiz *tour*, documentado em 1760 na Inglaterra, etimologicamente originada do termo latino *tornus*, com o sentido de torno enquanto substantivo, e do verbo *tornare* com o sentido de girar, tornear, redondear. É provável que o

termo britânico *turn* utilizado em 1746 (*to take a turn*) tenha cedido espaço ao *tour* (*to make a tour*) em 1760, de influência francesa. Citando Haulot, Fuster (1974) comenta a possibilidade de o termo *tour* apresentar origem hebraica, antes mesmo de sua derivação latina. No contexto bíblico, Moisés encaminha representantes para visitar Canaã para que, posteriormente, pudessem lhe informar sobre as condições topográficas, demográficas e agrícolas do país. Utilizado no hebraico antigo como *tur*, tinha como sentido “viagem de descoberta, reconhecimento, exploração” (p. 21). Para o autor, em 1800 o Pequeno Dicionário de Inglês Oxford menciona o primeiro registro da palavra turismo, designando-o como a teoria e a prática de viajar como deslocamento por prazer; sentido de uso, depredação. Dando continuidade ao tema, a primeira vez que a palavra *tour* foi utilizada em uma obra ocorreu em 1810, no livro *Picturesque Tour Spain*, de Henry Swinburne, editado em Londres e referindo-se a Espanha. O autor comenta ainda que o princípio histórico da compreensão do turismo teve a idéia de “viagem por prazer” (p. 22).

Para Barretto (1995), o princípio dos estudos científicos do turismo gerou muitas definições, considerando a primeira datada de 1911, pelo economista austríaco Hermann von Schullern zu Schattenhofen concebendo o turismo como “o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado” (p. 9). Percebe-se aqui, a relevância econômica dada pelo autor, referida ao deslocamento entre espaços realizado pelo sujeito-turista.

Moesch (2004) comenta que o período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, respectivamente de 1914 a 1918 e 1939 a 1945, economistas de países europeus como Alemanha, França e Inglaterra destinaram esforços significativos para uma melhor compreensão do turismo, originando escolas que obtiveram seu destaque.

Em 1929, implantou-se o Centro de Pesquisas Turísticas, na Faculdade de Economia da Universidade de Berlim, conhecida como “escola berlinesa”, dedicando-se a estudos do Turismo. Sua primeira visão apresentada data deste mesmo ano, mencionada por Robert Glücksmann e Willi Benschmidt identificando o turismo como “uma ocupação de espaço por pessoas que afluem a determinada localidade, onde não possuem residência fixa”. (GLÜCKSMANN citado por ANDRADE, 2002, p. 35).

Outras definições surgiram seguindo a visão inicial da escola berlinesa enfatizando, porém, o aspecto econômico do turismo como o apresentado por Morgenroth, ainda em 1929, em seu “Dicionário Manual de Economia Política” referindo-se como:

Tráfego de pessoas que se afastam temporariamente de seu lugar fixo de residência para deter-se a outro local, com o objetivo de satisfazer suas necessidades vitais e de cultura ou para realizar desejos de diversas índoles, unicamente como consumidores de bens econômicos e culturais. (MORGENROTH citado por FUSTER, 1974, p.24).

Segundo Fuster (1974), em 1930 Schwink e Bormann mantêm a idéia inicial do pensamento berlinês, considerando o turismo como movimento de pessoas e o tráfego temporal, incluindo, no entanto, as motivações de viagem. Citado por Fuster (1974) Schwink define turismo como “movimento de pessoas que abandonam temporariamente o lugar de sua residência permanente por qualquer motivo relacionado com o espírito, seu corpo ou sua profissão” (p. 24). Fuster (1974) também apresenta a definição dada por Bormann, que além da ausência temporal do indivíduo de sua residência habitual, entende o turismo como conjunto de viagens com vistas ao prazer, seja por motivos profissionais, comerciais ou qualquer outro semelhante, não levando em consideração o deslocamento realizado até o local de trabalho.

Barretto (1995) apresenta uma nova concepção de Benschmidt referindo-se ao turismo como “conjunto de relações pacíficas e esporádicas entre viajantes que visitam um local por motivos não-profissionais e os naturais deste lugar” (10). Chegou-se a resgatar as idéias de Josef Stradner mencionando o turismo não somente como tráfego de indivíduos que deslocam-se sem propósitos econômicos, como também associando-o ao consumo e a satisfação de uma necessidade de luxo.

Pertencente a “escola polonesa”, em 1937 Stanislas Lesczyk mantêm a visão do turismo como tráfego de pessoas para fora de seu local habitual e identificando-as como “estrangeiros e forasteiros” sem que estes desloquem-se por motivos de lucro, serviço oficial ou militar (FUSTER, 1974, p. 24).

Dentre os demais autores que não compunham a escola berlinese, os suíços Walter Hunziker e Kurt Krapf são muito mencionados, tendo publicado em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, uma obra que tratava sobre o turismo de massa. Citados por Fuster (1974), os autores originam uma definição ao turismo que passou a ser adotada pela Associação Internacional de Especialistas e Cientistas em Turismo (AIEST), identificando-o como:

Conjunto das relações e dos fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local de domicílio, sempre que ditos deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa. (HUNZIKER e KRAPF citados por FUSTER, 1974, p. 26).

Até o momento, percebe-se o desenvolvimento teórico do turismo vinculado ao deslocamento para outro local, no sentido de espaço, e em um determinado tempo, ocorrendo de forma temporária.

Andrade (2002) comenta que o período pós-guerra foi caracterizado pelo surgimento e reprodução de monografias tratando da temática turismo, voltando-se muito mais ao processo de convencimento a clientes do que o intuito de instigar o estudo e a reflexão.

Citado como um dos principais autores contemporâneos, Fuster (1974) apresenta na obra “Teoría y Técnica del Turismo” as originárias concepções teóricas ao tema, além de sua própria definição:

Turismo é, por um lado, conjunto de turistas, que cada vez são mais numerosos; por outro, são os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias-intérpretes, etc., que o núcleo deve habilitar para atender às correntes que o invadem [...]. Turismo é o conjunto das organizações privadas ou públicas que surgem para fomentar a infra-estrutura e a expansão do núcleo; as campanhas de propaganda [...]. Também, são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras. (FUSTER, 1974, p. 28).

Vê-se um modelo utilitarista de concepção projetados em uma visão econômica da atividade turística que, conforme Moesch (1999) representa a chamada “indústria sem chaminés”, que ao se desenvolver exige novas necessidades como “hotéis, estradas, comunicações, restaurantes, artesanatos, entretenimento, gerando um espiral de bens e serviços, os quais, para servirem aos turistas, empregam mais mão-de-obra” (p. 53).

A própria concepção da Organização Mundial do Turismo (OMT, 1992) que, formalmente é considerada a mais aceita internacionalmente concebe o turismo como a “soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário motivado por razões alheias a negócios ou profissionais” (p. 19) mostrando-se, igualmente, reducionista em sua visão conceitual com vistas a padronização.

Numa visão mais ampliada, De La Torre concebe o turismo como:

Um fenômeno social, que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural. (DE LA TORRE 1992, p. 13).

Representando a escola portuguesa, Cunha (citado por Moesch, 2004) concebe o turismo como resultante do lazer e como forma de ocupação do tempo livre dos indivíduos,

mesmo que as viagens, integrantes ao conceito de turismo, ocorram por motivos de atividade profissional. O turismo gera portanto, um conjunto de atividades produtivas atendendo as necessidades dos indivíduos que se deslocam e, conseqüentemente as de um mercado.

Nota-se que mesmo designando-se como uma atividade de lazer, o turismo sofre influências da visão funcionalista na busca pela eficiência e eficácia como manutenção do sistema turístico, reduzindo este fenômeno a um subsistema econômico e de modelo estatístico, visto como uma mercadoria a ser consumida.

Segundo Moesch (2004) o turismo enquanto prática social teve o princípio de seu desenvolvimento no século XIX, sendo que, partir de 1950 transformou-se em atividade de massa com representação social, econômica e cultural significativa. Desta forma, o turismo desenvolveu-se de forma paralela ao desenvolvimento do capitalismo.

Percebe-se que desde as primeiras apresentações teóricas do turismo não há um consenso em sua definição. Mesmo dentro da escola berlinesa os conceitos se assemelham ou se complementam, sem que se alcance um ponto final. A verdade é que a teorização do turismo vem sendo formulada e reformulada; apresentando-se de forma tão ampla e complexa que se torna difícil alcançar uma única teoria. Constitui-se parte de um constante processo de construção, desconstrução e reconstrução de sua fundamentação.

Para Moesch (1999) a produção do saber turístico no Brasil parte de um conjunto de iniciativas do poder privado e empresarial em face a pouca representatividade do meio acadêmico, reduzindo o saber a informações vinculadas ao setor produtivo. A autora ainda comenta sobre a abrangência do turismo, devendo-se ir muito além de visões reducionistas e fragmentadas de sua visão, levando em consideração que o turismo é um fenômeno de *“conseqüências culturais, sociais, políticas, comunicacionais que deve ser estudado, principalmente por ter-se convertido em direito, desejo de todos os cidadãos de qualquer classe social e de qualquer sociedade, seja ela rica ou pobre”* (p. 56).

O turismo também foi abordado dentro da Teoria Geral dos Sistemas tendo como precursor do sistemismo Bertalanffy (1973) concebendo que tudo pode ser analisado como parte de um sistema, de visão holística ou total do fenômeno, contrapondo-se a parcialidade e ao reducionismo de sua visão. A partir desta teoria foram, então, originados os sistemas de turismo, tendo-se como alguns representantes Alberto Sessa e Mário Carlos Beni.

Para Sessa (citado por MOESCH, 2004), o turismo denota uma nova ciência, tendo seu objeto pertencente as ciências sociais necessitando uma investigação interdisciplinar para a formação de seu conhecimento científico. Conforme sua visão, no epicentro do turismo encontra-se o homem e sua inter-relação ao ambiente inserido.

Na obra “Análise estrutural do turismo”, Beni (1998) construiu o Sistema de Turismo (SISTUR) em busca da compreensão estrutural do turismo em sua atividade dinâmica e composta por conjuntos de causas e efeitos. Seu sistema é composto por três conjuntos vinculados as Relações Ambientais, cujos subsistemas referem-se aos aspectos ecológico, social, econômico e cultural; ao conjunto da Organização Estrutural, com os subsistemas superestrutura e infra-estrutura; e, finalmente, as Ações Operacionais, formados pelo mercado, oferta, demanda, produção, distribuição e consumo. Sua análise estrutural concentra-se, no entanto, na questão do método e não no objeto.

Segundo Molina (1991) a Teoria Geral dos Sistemas auxilia para a compreensão turística em um contexto de relações e inter-relações sociais. O autor propõe a valorização do ser e existir humanos como primordial ao estudo do turismo e trata do modelo fenomenológico do turismo como alternativa e possibilidade de lhe oferecer um caráter humano em contraposição ao pressuposto econômico predominantemente destacado.

Com relação a fenomenologia Moesch (1999) cita Centeno como um de seus representantes que vêem no dualismo sujeito-objeto a interpretação de como se relacionam um com o outro e como forma de se alcançar a essência do conhecimento. Conforme a autora, Centeno utiliza-se da causalidade para justificar que todo o processo de mudança implica uma causa e, conseqüentemente um efeito do fenômeno turístico. Segundo a autora (1999) Centeno não consegue atingir a essência do turismo enquanto fenômeno interdisciplinar, objetivo e subjetivo por apresentar as manifestações aparentes do turismo como objeto de construção teórico.

Para Moesch (2004) o funcionalismo e a fenomenologia são insuficientes para lidar com a complexidade do turismo enquanto objeto do conhecimento, considerando-o, por muito tempo, como um subsistema da economia, entendida aqui como um sistema maior. Para a autora, turismo vai além de sua função econômica, constituindo-se em um processo humano:

É um campo de práticas histórico-sociais, que pressupõem o deslocamento do(s) sujeito (s) em tempos e espaços, produzidos de forma objetiva, possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, portanto explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer (MOESCH, 1999, p. 289).

Morin (1986, p. 77) comenta que as definições reducionistas do turismo propiciaram “a redução do complexo ao simples, do global ao elementar, da organização à ordem, da qualidade à quantidade, do multidimensional ao formal, do destacar fenômenos em objetos de seu contexto e separados do sujeito que os percebe/concebe”.

O determinismo econômico aplicado ao turismo ignorou a figura do sujeito em sua concepção, reduzindo a mercantilização de sua atividade. Concorde-se com Moesch (1999 e 2004) ao se considerar o turismo um fenômeno muito mais complexo que sua simples função econômica, abarcando o elemento humano, de forma que “qualquer evolução, inclusive a do turismo, deve inclinar-se para o desenvolvimento do ser humano, e não dos bens materiais” (KRIPENDORF, 2001, p. 136).

c) Os sujeitos do turismo

Viu-se que a caracterização do turismo, enquanto conceito, foi por longos anos (será que mudou?) associada a uma visão reducionista, direcionada ao tráfego de pessoas, tempo de permanência e, principalmente, a relevância econômica de sua atividade. No entanto, para que a prática turística ocorra, é necessária a presença e a participação humana, como sujeito e elemento principal de sua existência. Desta forma, aliado a origem do termo turismo, tem-se a origem da palavra turista.

Segundo Fuster (1974), assim como *tourism* (Turismo) a palavra *tourist* (turista) também tem sua origem na raiz *tour*, se generalizando a partir de 1828 com a publicação “Memórias de um Turista”, de Stendhal.

Dentre todos os conceitos originários do turismo, em 1936 Norwal (citado por Fuster, 1974) faz referências ao turista mencionando-o como “a pessoa que entra em um país estrangeiro sem a intenção de fixar residência nele, ou de trabalhar regularmente, e que gasta naquele país de residência temporária, o dinheiro que ganhou em outro lugar” (p. 24).

Conforme Beni (1998), desde a década de 1930 organizações governamentais e órgãos vinculados ao turismo tentavam mensurar o mercado turístico e elaborar uma definição de turista que viesse ao encontro de estatísticas comparáveis. A primeira definição de turista data de 1937, elaborada pela Comissão de Estatística da Liga das Nações referindo-o como “a pessoa que visita um país que não seja o de sua residência por um período de, pelo menos, 24h” (p. 37), e que, segundo Andrade (2002), tenha como motivações as viagens por prazer, causas familiares, saúde, etc; pessoas que se deslocam para reuniões ou como prestadores de serviços (diplomáticos, religiosos, esportivos, etc); por motivos de negócios e os que estão a bordo de cruzeiros marítimos (mesmo que sua estada no local tenha duração inferior a 24h).

Em 1950, ocorreu a Assembléia Geral da União Internacional dos Organismos Oficiais de Turismo (UIOOT), em Dublin, incluindo como turista os jovens e estudantes que residiam fora de seus países de origem. Essa decisão foi adotada com o intuito de proteger

jovens órfãos de pais mortos durante a Segunda Guerra Mundial. No entanto, Andrade (2002) comenta que a determinação foi temporária, sofrendo muitas críticas pela mesma entidade na próxima reunião ocorrida em 1953. Conforme o autor, através da Organização das Nações Unidas (ONU) ocorreu a Conferência sobre Facilidades Alfandegárias para o Turismo determinando turista como:

Toda pessoa, sem distinção de raça, sexo, língua e religião, que ingresse no território de um Estado contratante diverso daquele em que tem residência habitual e nele permaneça pelo prazo mínimo de 24 horas e máximo de seis meses, no transcorrer de um período de 12 meses, com finalidade de turismo, recreio, esporte, saúde, motivos familiares, estudos, peregrinações religiosas ou negócios, mas sem propósito de imigração (p. 42).

Nota-se a identificação de turista vinculada aos elementos deslocamento temporário e motivações dos indivíduos.

No ano de 1963, Roma foi sede da Conferência sobre Viagens Internacionais e Turismo, incluindo o termo visitante como “a pessoa que visita um país que não seja o de sua residência, por qualquer motivo, e que nele não venha a exercer ocupação remunerada” (BENI, 1998, p. 37). Além desta, definiu-se:

– turista: as pessoas que permanecem temporariamente no país visitado, contando com pelo menos 24 horas de estada e que apresente como motivação da viagem o “lazer (recreação, férias saúde, estudo, religião e esporte), negócios, família, missões e conferências” (p. 37);

– excursionista ou visitante de um dia: pessoas que permaneçam no país visitado por um período inferior a 24 horas e sem incluir o pernoite.

De acordo com Andrade (2002), passou-se a identificar o termo visitante como gênero e os termos turistas e excursionistas como espécies; o que se tornou desfavorável aos estudos do turismo pelos seus estudiosos se preocuparem mais com as especificidades e determinações sobre o viajante do que a natureza e abrangência do fenômeno turístico.

Beni (1998) comenta que devido a importância dada a mensuração dos mercados turísticos e pela complexidade de aspectos que envolvem o turismo, muitas de suas definições são estabelecidas tendo como base as definições de turista.

Segundo McIntosh (citado por MOESCH, 2004) as definições utilizadas para o termo visitante, embora sejam abrangentes, permitem a construção de subcategorias que auxiliam na definição de segmentos de mercado. Além disso, o autor menciona os viajantes como visitantes, constituindo a base do sistema estatístico do turismo.

Um exemplo de definição de turismo pelo conceito de turista encontra-se na escola portuguesa que, conforme Moesch (1999) é representada por Batista identificando o turista como a pessoa que está em viagem por motivos de “percepções, interpretações, motivações, restrições e incentivos e representam manifestações, atitudes e atividades relacionadas a fatores psicológicos, educacionais, culturais, técnicos, econômicos, sociais e políticos” (p. 52). Desde o momento de partida até o retorno, a viagem abarca uma variedade de agentes institucionais e empresariais que se alongam ao turismo “como setor de atividade que, sendo fundamentalmente econômica, tem igualmente significados, implicações, relações e incidências sociais, culturais e ambientais” (p. 52).

Conforme visto na teorização do turismo, grande parte de suas definições foram constituídas com base no seu aspecto econômico. A exemplo das demais escolas que iniciaram os estudos do turismo, o representante da escola portuguesa mantém esta mesma relevância de sua visão.

Na visão de Moesch (2004) ao tratar-se de um discurso tem-se a definição de turista como o objeto de uma definição, o sujeito que se desloca. Para muitos estudiosos, no entanto, o turista constituiu uma estatística decorrente de tempo e espaço pré-definidos. Segundo a autora, esta visão de uma cultura mercadológica não dá conta do fenômeno turístico, que incide na “produção da subjetividade social, o ecossistema, o modo estético, a herança cultural existentes nas localidades visitadas, gerando agenciamentos possíveis de ressignificação junto a realidade, através da relação entre visitantes e visitados” (p. 56).

Percebe-se, que a origem de todos os elementos que surgem com o turismo é encontrada no aspecto humano, ou seja, no homem. É por ele e para ele que o turismo deveria se desenvolver, sendo a razão de ser e existir desta atividade (aqui se entende não somente os indivíduos que se deslocam, os turistas, como os que os recebem, comunidade receptora ou visitados). Ambos estão inseridos ao contexto turístico e apresentam-se como elementos vitais para o seu desenvolvimento. Conforme Krippendorf (2003) “o turismo deve servir o homem, e não o contrário. Qualquer evolução, inclusive a do turismo, deve inclinar-se para o desenvolvimento do ser humano, e não dos bens materiais” (p. 136).

São muitos os elementos e as definições que constituem o turismo e o turista. A idealização de ambos ainda mantém o foco mercadológico de seu desenvolvimento para muitos estudiosos e entidades que se utilizam de sua atividade. O mercado reflete na segmentação de público, envolvendo diversas idades, motivações, tendências, *status* e relações de poder (aquisitivo). No período da Pós-Modernidade, busca-se o inusitado, o

surpreendente, novos espaços e experiências. Buscas que só parecem possíveis de se encontrar em lugares muito distantes do seu habitual. Será?

d) Projeto Turista Cidadão

O ser humano vive em um constante processo de buscas diversas: por emprego, direitos, segurança, paz, solidariedade, descanso, autoconhecimento... E parece que à medida que o tempo passa, essas buscas se acentuam e/ou se modificam conforme o ambiente vivenciado e os acontecimentos cotidianos. Muitas destas buscas remetem-se ao nosso inconsciente como uma fuga. Fuga das conturbações diárias, fuga do caos; sair, passear, viajar, descansar, recuperar-se, alegrar-se, esquecer-se do cotidiano, fugir, viver! Afastar-se, pelo menos momentaneamente, do fixo e sedentário modo de viver e partir como verdadeiros nômades.

Segundo Maffesoli (2001), o desejo de fuga do ser humano insere-se ao seu estado nascente, tem raízes arcaicas e profundas marcas psicológicas em sua estrutura mental. Busca-se transpor a ordem estabelecida e pôr-se a caminho de suas buscas, de seus sonhos, do seu imaginário; a busca pelo lado nômade de sua essência. “Desligar-se para saborear melhor a proximidade das coisas”, a constante dialética entre o estático e o dinâmico. “Soltar as amarras” e partir, fugir, restituir-se, afastar-se, curar-se da rotina, do cotidiano, da mesmice. A constante busca que pode ser reverenciada através da viagem.

É o antagonismo entre a necessidade de estabilidade e de fuga do ser humano que vê na possibilidade de sair, de viajar, uma forma de tolerar o cotidiano. Conforme Krippendorf (2003) “O lazer e, sobretudo, as viagens pintam manchas coloridas na tela cinzenta da nossa existência. Elas devem reconstituir, recriar o homem, curar e sustentar o corpo e a alma, proporcionar uma fonte de forças vitais e trazer um sentido à vida” (p. 36).

Presencia-se uma função compensatória do turismo como forma de suprir a angústia psicológica do cotidiano. Uma busca incessante e, normalmente, longínqua; como se a satisfação só pudesse ser encontrada “por detrás do arco-íris”. Será que o local onde se vive, se trabalha e se realiza atividades diárias não pode ser um espaço de humanização do cotidiano? Será que o ser humano viverá nessa constante utopia da distância de tudo e de todos como única forma e função de superação?

Para Krippendorf (2003) distância não é, necessariamente, sinônimo de felicidade. O ser humano não precisa sair para longe para atender suas necessidades de desenraizamento, repouso e compensação, podendo alcançar sua satisfação ficando em casa ou nos arredores; descobrindo sua própria cidade, muitas vezes mais conhecida pelos estrangeiros que pelo

próprio morador. “Partir para a descoberta da cidade vizinha, da aldeia ao lado. Utilizar as piscinas cobertas e ao ar livre, os caminhos para passear pelos parques, visitar os museus e os monumentos históricos” (p.171). Sair, viajar para locais mais próximos e descobrir o inesperado que se esconde no ambiente familiar. Para tanto, o autor menciona a necessidade de políticas de cultura e lazer nas cidades como meio de humanização do cotidiano, diante do trinômio trabalho, moradia e lazer diário, opondo-se as longas viagens como única forma de se alcançar o descanso e reanimar-se. Conforme Krippendorf (2003), “é preciso encorajar, antes de mais nada, os investimentos e os planejamentos urbanísticos que favoreçam tanto os turistas quanto a população local e possam ser utilizados pelos dois lados (infra-estrutura, instalações de lazer, etc)” (p. 150).

Como exemplo de política municipal voltada a essa concepção mais humanizadora do Turismo foi concebido em 1999 pelo ESTUR– Porto Alegre Turismo– Escritório Municipal o projeto Turista Cidadão, que visa a inclusão do cidadão e o incentivo do turismo interno, ocorrido dentro da própria cidade e local de moradia dos indivíduos:

Turista cidadão é aquele morador da localidade que vivencia práticas sociais, no seu tempo rotineiro, dentro de sua cidade, de forma não rotineira, onde é provado em relação à cidade. Turista cidadão é aquele que resgata a cultura da sua cidade fazendo uso do estranhamento da mesma. Este estranhamento inicia no momento em que o indivíduo descobre no espaço cotidiano outras culturas, outras formas étnicas e outras oportunidades de lazer e entretenimento. Quando se encontra na situação de turista cidadão este sujeito aprende a utilizar os espaços ambientais, culturais, históricos, comerciais e de entretenimento com uma percepção diferenciada do seu cotidiano (MOESCH, citada por LIMA, 2005, p. 119).

Concebe-se como uma política sob uma perspectiva humanizadora, defendida por Krippendorf (2003), que têm seu foco no sujeito e na sua interação com o meio, não havendo como obrigatoriedade o deslocamento de seu local de residência habitual nem mesmo o cumprimento de um período de tempo determinado para sua efetivação.

Conforme Gastal (2001) essa é uma política que torna os deslocamentos internos ocorridos em um espaço físico, hoje constituído por muitas cidades tão complexos quanto os que são realizados para outras regiões, podendo ser também concebidos como turismo. Desta forma, os próprios moradores podem ser considerados turistas dentro de sua própria cidade.

É uma ação reforçada pela “teoria do estranhamento”, mencionada por Ferrara (1998), de forma que os sujeitos venham a “reconhecer, não identificar, mas superar a rotina, conhecer outra vez” (p. 25). Para a autora, “a interação entre o contexto e uso urbanos transforma a cidade no palco de um espetáculo que se renova e inova continuamente” (p. 4). É na cidade que ocorre o texto não-verbal, como a leitura que se faz do ambiente urbano e de

sua imagem. Nele encontram-se signos como tamanho, cor, traços, sons, palavras, contrastes e cheiros que remetemos indivíduos a lembrança de suas experiências, sensações e vivências sociais ou particulares. “A cidade transformada em lugar, prática significante na produção de múltiplos significados” (p. 13). Compreende a capacidade de o indivíduo afastar-se da cidade, enquanto espaço de vivência cotidiana, rotineira, habitual para poder percebê-la, lê-la, vê-la e descobri-la, visto que “não é possível ler o que não conseguimos estranhar” (p. 15).

Relacionando-a ao projeto Turista Cidadão, a Teoria do Estranhamento ocorre, exatamente, pelo estranhamento do morador com relação a sua própria cidade. Para Moesch (citada por LIMA, 2005), o Turista Cidadão compreende a vivência de um tempo destinado ao lazer do ser humano para a realização de práticas de cultura, meio ambiente e entretenimento repleto de subjetividade.

Desta forma, entende-se a concepção do projeto Turista Cidadão como um modelo de política social do turismo, envolvendo a interação dos indivíduos com o seu meio; lendo, percebendo, sentindo e redescobrimo o seu espaço, a sua cidade através de uma nova leitura, de um novo olhar. Um olhar que se afasta daquele habitual e rotineiro, transformando-se em um olhar de sujeitos que ao mesmo tempo em que estranham, descobre ou redescobrem a sua cidade, os seus atrativos, a sua história, possibilitando a recuperação da estima e valorização desta pelo seu próprio morador e, por que não dizer, pelo seu “turista cidadão”.

e) Turismo e o processo de envelhecimento humano

Ao longo do estudo viu-se que dentre as aspirações ao lazer, referidas por Marcellino (1995b) que há os interesses artísticos, físicos, manuais, intelectuais, sociais e turísticos, de forma que este último constitui-se como a única atividade capaz de satisfazer a todos os outros interesses. Enquanto atividade de lazer, Marcellino (2002) menciona que o turismo envolve a imaginação, a ação e a recordação dos indivíduos. A imaginação presente no momento que antecede a viagem, fazendo com que os indivíduos busquem informações sobre o local a ser visitado, envolve o sonho, o imaginário. A ação proporcionada pelo momento em que a viagem está sendo vivenciada, com suas surpresas, descobertas e aventuras. E a recordação ocorre pelo prolongamento da viagem que não cessa com o retorno, mas perpetuam-se com as recordações, narrativas, fotografias, vídeos, momentos de socializar com amigos e parentes suas vivências. Conforme o autor (2002, p. 74), o turismo favorece a “oportunidade de conhecimento, de enriquecimento, da sensibilidade, de percepção social e experiências sugestivas” aos indivíduos.

Diante do conhecimento adquirido sobre o envelhecimento, sabe-se do rápido crescimento da população idosa a nível mundial e, em especial, a brasileira. Conforme Beni (2003), o chamado turismo da “terceira idade” (ressalva do autor), terá cada vez mais expansão ao desenvolvimento do tráfego turístico e das destinações de viagens, alertando os diversos promotores do turismo, como agentes de viagem, hoteleiros e transportadores, a incluir roteiros e serviços destinados a este segmento de grande influência no mercado.

Percebe-se que o idoso, que em determinados períodos tornou-se esquecido e renegado pela sociedade, hoje forma um segmento populacional de grande interesse ao mercado turístico. Nota-se que neste âmbito o termo mais mencionado é o da “terceira idade”, geralmente incluindo idosos que possuem gradual poder aquisitivo que favorece o consumo da oferta turística que lhe é destinada. Sabe-se, porém, que há muitos idosos que não se encaixam a grupos ou universidades de terceira idade que buscam a manutenção e usufruto de momentos de estudo, conhecimento, divertimento, desenvolvimento pessoal, interações, viagens e prazer. Muitos, inclusive, envelhecem e alcançam a aposentadoria sem saber o que fazer. Conforme Ferrari (2002), dependendo dos valores individuais e sociais dos idosos, estes poderão encarar o envelhecimento como um período inútil e sem sentido ou como um tempo de liberdade, de aproveitar a vida. Depende muito da filosofia de vida adquirida pelo indivíduo. Associa-se a este fato, os diversos problemas enfrentados por parte dos idosos referentes a questões econômicas, familiares, asilares e de saúde, dificultando a realização e prática do turismo e de viagens. Talvez a estes idosos possa se encaixar o projeto Turista Cidadão, redescobrimo a sua cidade, recordando a sua história, revivendo, memorando e usufruindo do verdadeiro prazer e todas as funções que este momento de lazer possa lhe proporcionar.

Conforme Maffesoli (2001), “o aspecto imaterial da viagem, em particular em suas potencialidades afetivas e sentimentais, é um modo de tecer os laços, de estabelecer os contatos, de fazer circular a cultura e os homens. Em resumo, de estruturar a vida social” (p. 123). O que não quer dizer que estas potencialidades somente serão consumadas através de longas distâncias.

Para Gastal (2001), o envelhecimento populacional tem elevado a procura pelo meio urbano como destinação turística, em busca por produtos culturais que possibilitem novas experiências sociais. Encontra-se, portanto, mais uma evidência que possibilita a compreensão do idoso enquanto um sujeito do turismo dentro de sua própria cidade.

Pensar no envelhecimento populacional, no lazer e no turismo como elementos puramente mercadológicos, geradores de estatísticas e valores econômicos é fragmentar e

desmerecer toda a complexidade que os envolve diante de questões culturais, políticas e sociais de mesma relevância. O lazer e o turismo devem constituir direitos adquiridos a toda a população através de políticas e ações que possibilitem a inclusão social e, conseqüentemente, o prazer e o desenvolvimento social, pessoal e sócio-crítico dos indivíduos de maneira que, conforme Krippendorf (2003, p. 175), “conceber ao turismo uma face mais humana, é despertar e explorar plenamente o enorme potencial que permanece adormecido em cada indivíduo”.

f) Dona Odete: inquietudes e aprendizagens

Realmente dona Odete nunca havia feito uma “viagem” como essa, em busca de informações e conhecimentos que refletissem de forma tão direta a si própria. Teve a sensação de ter sua vida “passada a limpo”. O turismo e as viagens sempre estiveram muito presentes a sua vivência, tanto que entrou para a faculdade de Turismo com o intuito de ampliar seus horizontes e o saber. As viagens que realizava em família sempre lhe oportunizaram vivências prazerosas, de auto-realização, informação, trocas e desenvolvimento pessoal. A família toda adorava conhecer novos lugares, novas pessoas e diferentes culturas. O que dona Odete não esperava é que seus estudos sobre o turismo lhe apresentassem tanta complexidade, a ponto de lhe instigar a buscar mais teorias. Mas as informações obtidas já lhe renderam novas inquietudes. É certo que o turismo vai além de seu aspecto econômico e interesse mercadológico com relação ao envelhecimento. Há relações e influências diretas aos aspectos culturais, políticos e sociais podendo agir de forma transformadora aos indivíduos. “Prova disso, sou eu mesma”, pensou dona Odete. Ela acredita que não somente teve a chance como quis lhe proporcionar essa transformação. A dor da perda de seu marido será um sentimento constante e insubstituível, mas ela ainda está viva e não pode entregar-se a desilusão. Durante todo o seu estudo algo permanecia em sua mente. Pensava nas demais pessoas desamparadas, viúvas, com problemas financeiros, abandonadas pelas famílias e/ou sozinhas. Imaginava que muitas dessas pessoas pudessem estar em asilos e por mais que tenha estudado a respeito sua curiosidade permanecia. Tinha muitas dúvidas e por isso resolveu, finalmente, sair de sua casa e partir em busca de suas respostas. Foi a universidade, conversou com professores sobre seus estudos, mencionou suas idéias e sentiu-se motivada a aproximar-se de um asilo. Dentre as opções que encontrou fez a sua escolha e é assim que sua nova trajetória inicia: carregada de informações, dúvidas, objetivos e insaciável por novas descobertas. O asilo eleito é o Padre Cacique, em Porto Alegre, o qual estabeleceu um primeiro contato com os profissionais para então conhecer os idosos. Isso lhe fez recordar de todo o material teórico pesquisado e a partir

de então surgem muitas indagações. Dona Odete, então, resolve organizar suas idéias, direcionar e orientar os seus anseios e questionamentos. Após conseguir organizar e delimitar suas inquietudes, parte em busca de sua trajetória.

3 INQUIETAÇÕES: Descortinando cenas

Diante das informações obtidas através da base teórica pesquisada foi possível se obter conhecimento, ainda que parcial, sobre diversos aspectos que abrangem o processo de envelhecimento humano e formar convicção sobre a complexidade teórica referente ao lazer e turismo, apresentando sua derivação histórica de ocorrência paralela e o desenvolvimento que ambos vêm obtendo ao longo dos períodos sociais. Quanto aos enfoques, sabe-se da relevância econômica que ambos adquirem, mas vincula-se, porém, a necessidade de direcionamento de tais atividades centradas ao idoso asilado enquanto sujeito da pesquisa.

Quanto ao processo do envelhecimento, obteve-se uma noção de parte dos diversos aspectos que, em geral, compreendem os idosos e soube-se a importância que estes indivíduos já estão tendo a questões demográficas, sociais, culturais, políticas e econômicas a nível mundial.

Representações organizacionais que incluem em sua programação atividades tanto de lazer como de turismo têm apresentado interesse em atender os anseios de parte da população idosa que está, cada vez mais, se estruturando em grupos que promovam encontros, viagens, trocas pessoais e conhecimentos diversos. Percebe-se, porém, que no âmbito do turismo, há uma lacuna quanto a estudos vinculados a idosos, principalmente aqueles que não façam parte do chamado grupo de “terceira idade”. Alerta-se, novamente, que não se tem como objetivo criticar tal postura. Deseja-se somente elevar a mesma importância que os demais idosos, como os pertencentes a asilos, possuem enquanto sujeitos sociais e políticos no pleno exercício da cidadania.

Os elementos estudados geraram motivações ainda maiores. De posse de tais conhecimentos teóricos obteve-se indagações que instigaram o desenvolvimento de um processo investigatório:

O turismo inserido na programação anual de um asilo contribui para melhoria da qualidade de vida dos idosos? O que pensam os idosos asilados sobre o turismo?

Esses questionamentos são o norte da investigação e com o propósito de dar continuidade ao estudo e de respondê-los formulou-se as seguintes questões de pesquisa:

– Com que propósitos os planejadores e gestores de asilos incluem viagens de turismo na programação anual da instituição?

- Qual a concepção de qualidade de vida do idoso asilado no pensar dos planejadores e gestores de um asilo?
- O que pensa o idoso asilado sobre o turismo?
- Qual a concepção de qualidade de vida no pensar do idoso asilado?

Alcançar respostas para tais questionamentos não teria sentido se não houvesse objetivos a serem atingidos. Os objetivos desse estudo estão demarcados em duas dimensões, geral e específico, e possuem como foco o atendimento da questão inicial e norteadora da pesquisa.

Tem-se com objetivo geral o propósito de compreender os sentidos e significados do turismo na qualidade de vida dos idosos asilados. Como objetivos específicos os propósitos de descrever os critérios e intenções da inclusão do turismo no planejamento do calendário de atividades da instituição asilar (1); verificar junto aos idosos, planejadores e gestores do asilo suas concepções em relação ao turismo (2); descrever os significados do turismo para os idosos asilados que se beneficiam desta atividade (3) e analisar concepções sobre qualidade de vida na forma de pensar dos idosos asilados e dos planejadores e gestores de asilo (4).

Os objetivos nortearão a ação do processo investigatório com o intuito de responder os questionamentos principais. Para tanto se definiu como cenário de estudo o Asilo Padre Cacique em Porto Alegre, com a intenção de delimitar os participantes da pesquisa (o idoso asilado), levando em consideração a temática proposta e relacionando-a a esses indivíduos. Tal aproximação compreende um processo de métodos para sua ocorrência e abordagem aos sujeitos, no intuito de encontrar a melhor e mais adequada forma de intervenção.

4 O PERCURSO: desbravando estradas

Toda trajetória exige o estabelecimento de métodos que auxiliem a caminhada do pesquisador até o seu objetivo. Como percorrê-la, vai de encontro à indagação central deste estudo, que condiz onde se pretende chegar. A metodologia desta pesquisa refere-se ao conhecimento que se busca alcançar através da utilização de métodos, ou seja, de caminhos que possibilitem o alcance dos objetivos já mencionados.

Diante disso, busca-se aplicar uma pesquisa de corte qualitativo visando “aprofundar-se no mundo dos significados das ações e relações humanas” (MINAYO, 2003, p. 22) compreendendo a realidade vivida socialmente e cedendo espaço à subjetividade, não perceptível às equações estatísticas da pesquisa quantitativa.

Não se tem o intuito de generalizar a informações recolhidas, mas, conforme Negrine (2004), exibir a descrição, a análise e a interpretação destas informações “procurando entendê-las de forma contextualizada” (p. 61), ou seja, trata-se de descrever as situações de maneira detalhada com o intuito de melhor entender os indivíduos pesquisados em seus próprios termos.

Outro aspecto mencionado por Triviños (1987) refere-se a determinação da população e da amostra da pesquisa qualitativa, sendo definida de maneira intencional, levando-se em consideração condições como a escolha dos sujeitos essenciais, conforme a visão do pesquisador, para o esclarecimento do tema abordado.

Diante à escassez de estudos sobre a problemática trabalhada, esta pesquisa apresenta caráter exploratório-descritivo visando à familiarização, a busca por informações, descobrimento de novas idéias acerca do tema, além de observar, registrar, analisar e correlacionar “fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los” (CERVO; BERVIAN, 2004, p. 66).

Quanto à tipologia trabalhada, optou-se pela história oral de vida prestada pelos participantes desta pesquisa, constituídos por idosos, previamente selecionados, do Asilo Padre Cacique em Porto Alegre. Partindo-se do entendimento dos objetivos propostos pelo estudo, crê-se que vai de encontro ao método trabalhado por este enfatizar, conforme Meihy (2005), a experiência de vida dos indivíduos como compreensão do espaço pessoal subjetivo. “Trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa” (p. 147), sem o intuito de se buscar a verdade, mas “a versão sobre a moral existencial” (p. 148). Para o autor, a história oral parte da elaboração de estudos sobre à experiência social de pessoas e de grupos através da percepção do passado como continuidade no presente.

Segundo Thompson (2002) é “a evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’” (p. 137), utilizando-se de narrativas para se contar vidas individuais. Para o autor, a vida é a acumulação de passados pessoais que se apresentam contínuos e indivisíveis e, ao serem recuperados, utilizam-se da memória dos informantes não apenas para reconstituir “eventos, ou estruturas, ou padrões de comportamento, mas também o que acreditam que poderia ter acontecido – sua imaginação de um passado alternativo e, pois, de um presente alternativo-, pode ser tão fundamental quanto aquilo que de fato aconteceu” (p. 184).

Para Meihy (2005), toda a narrativa envolve, inevitavelmente, o processo de “construção, elaboração, seleção de fatos e impressões”. Desta forma, “como discurso em eterna elaboração”, a narrativa figura-se como “uma versão dos fatos e não os fatos em si” (p. 56). Lembra-se novamente que o objetivo central deste método não é a busca da verdade e sim da experiência, visto que:

As implicações dos procedimentos de captação da memória dependem diretamente do vínculo estabelecido entre o indivíduo e o contexto em que ele se inscreve. A interação entre meio social e indivíduo é a razão da busca de entendimento histórico da vida. (MEIHY, 2005, p. 73)

Para tanto, Ferreira e Amado (2005) mencionam a importância de se estabelecer uma relação de confiança entre o sujeito e o pesquisador, o qual identificam respectivamente como o informante e o entrevistador.

No caso deste estudo a aproximação iniciou em 31 de janeiro de 2006, quando se realizou o primeiro contato com os gestores do Asilo Padre Cacique, a fim de se obter informações sobre a existência ou não de atividades de lazer e turismo em sua programação. A descoberta da existência de um calendário de atividades de lazer e da realização de passeios com os idosos para fora do asilo conduziu a pesquisadora a apresentar os propósitos de seu trabalho e solicitar a permissão de sua presença nas principais atividades realizadas pela instituição. A partir deste momento a pesquisadora passou a freqüentar semanalmente o asilo buscando, em primeira instância, uma aproximação aos idosos moradores do local, bem como o contato direto aos gestores da instituição.

Em 7 de março deste mesmo ano, entrou-se em contato com a Sociedade Porto-Alegrense de Auxílio aos Necessitados (SPAAN), também localizada em Porto Alegre, buscando obter informações sobre sua programação de atividades. Esta, por sua vez, é planejada mensalmente conforme a disponibilidade dos voluntários que atuam na organização e efetivação das atividades de lazer incluindo bingo, musicoterapia, tricô e crochê, realizadas

semanalmente na SPAAN. Diferentemente do Asilo Padre Cacique, a SPAAN, não contempla em sua programação saídas turísticas com seus idosos e seu corpo gestor não demonstrou interesse quanto a presença da pesquisadora na instituição. Por esse motivo, optou-se em realizar a pesquisa somente no Asilo Padre Cacique se aproximando dos idosos e dos gestores da instituição, procurando conhecer os profissionais e voluntários que freqüentam o local, bem como suas vivências cotidianas. Desta forma a composição desta pesquisa incluiu o estudo de caso permitindo, conforme Yin (2003) uma investigação em que se preserve “as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – tais como ciclos de vida individuais [...]” (p. 21).

A presença e freqüência semanal da pesquisadora ao Asilo Padre Cacique ocorreu até o dia 9 de fevereiro de 2007 quando se deu por encerrada a investigação e partiu-se para a estruturação deste trabalho apresentando como fases a:

- concepção da temática a ser pesquisada;
- busca por bases teóricas de revisão literária;
- definição da metodologia a ser empregada;
- determinação de instrumentos de coleta de informações;
- aplicação destes instrumentos;
- descrição, análise, discussão e interpretação das informações adquiridas.

A convivência junto aos idosos fez com que esses se acostumassem com a presença da pesquisadora ao asilo e possibilitou uma relação próxima e de confiança entre as partes. Esse aspecto foi fundamental para se alcançar a definição metodológica empregada e, conseqüentemente, determinar os instrumentos de coleta de informações a serem utilizados de maneira mais apropriada, definidos como:

- a) Observação, como exame minucioso dos fatos no momento de seu acontecimento. Para este estudo optou-se pela forma de participante observador participando-se efetivamente dos acontecimentos, observando e interagindo com os idosos para melhor compreensão de seus hábitos, interesses, atitudes e características frente ao cotidiano e as situações adversas. Esse tipo de observação ocorreu de maneira seletiva, determinando-se, conforme Negrine (2004), pautas de observação e preestabelecendo questões e finalidades a serem observadas, seguidas do registro destas informações após o seu acontecimento. Diante disso, durante as visitas da pesquisadora ao asilo ou em atividades realizadas fora deste ambiente, realizou-se a observação seletiva calcada pelas seguintes pautas:
 - as atividades realizadas pelos idosos durante o cotidiano no asilo;

- o relacionamento pessoal entre os idosos e destes com os profissionais da instituição;
- a organização e estruturação da programação das atividades de lazer e de turismo elaboradas pelos profissionais e gestores do asilo;
- a adesão dos idosos quanto a programação oferecida dentro e fora do asilo.

Durante os doze meses e nove dias de observação buscou-se estar presente em grande parte dos eventos e acontecimentos programados pela instituição. No entanto, sabe-se da limitação deste estudo quanto a impossibilidade da pesquisadora participar de todos os acontecimentos ocorridos durante o período, já que sua visitação ocorria de maneira semanal, em horários e dias alternados, conforme a programação das atividades, e participando destas durante o período de sua execução, não estando presente durante todos os instantes vivenciados pelos idosos, nem mesmo nas atividades ocorridas sem um agendamento prévio.

Referindo-se as observações realizadas, acredita-se em sua relevância ao estudo pela sua captação de uma “variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real” (NETO, 2003, p. 59). Compõe-se, portanto, como uma forma de observação da pesquisadora oportunizando o contato direto e sua participação efetiva com o fenômeno a observado, estando inserida em seu próprio contexto.

b) Entrevistas previamente agendadas entre os indivíduos, quanto a horário e local. Conforme Negrine (2004), as entrevistas correspondem à obtenção de informações ou opiniões prestadas pelo entrevistado sobre determinada temática abordada pelo entrevistador.

Na escolha pela entrevista tratando-se de história de vida dos indivíduos, Alberti (1989) menciona a inclusão da abordagem da trajetória de vida das pessoas, desde sua infância até o momento em que está sendo entrevistado, destacando-se a importância de se mencionar os diversos acontecimentos e conjunturas vivenciadas ao longo da vida.

O conteúdo da entrevistas está ancorado à história de vida do entrevistado, propiciando a rememoração dos indivíduos. O entrevistado, ou colaborador conforme Meihy (2005) possui “maior liberdade para dissertar, o mais livremente possível, sobre sua experiência pessoal” (p. 148). Ao entrevistador, quanto menos falar, melhor. Este deve por sua vez apresentar-se como elemento estimulador, sem jamais confrontar com qualquer transmissão de idéias ou opiniões do entrevistado.

Segundo Thompson (2002), ao se realizar uma entrevista de história de vida o entrevistador deve realizar perguntas “abertas” possibilitando a obtenção de informações de caráter mais profundo e conseguindo ir além das generalizações estereotipadas, mas

alcançando e estimulando as lembranças detalhadas dos indivíduos. Para isso, as perguntas devem ser simples e mais diretas possíveis, sendo referenciadas em linguagem comum.

Quanto ao local eleito para a entrevista, Meihy (2005) menciona como importante a possibilidade de se permitir que o entrevistado decida onde queira prestar sua narração.

Referindo-se a escolha dos entrevistados, Alberti (1989) comenta que esta não deve ser estabelecida predominantemente por critérios quantitativos, mas pela escolha daqueles que participaram, vivenciaram ou presenciaram dos momentos ou situações vinculados ao tema investigado pelo pesquisador e que lhe possam oferecer importantes e significativos mencionamentos. Ao tratar sobre o número de entrevistados, autor afirma que este deva ser “suficientemente significativo para viabilizar um certo grau de generalização dos resultados do trabalho, para permitir que se retire, do conjunto de depoimentos realizados, um instrumental consistente que fundamente sua análise” (p. 18).

Sustentando esta idéia, Meihy (2005) comenta que a reunião do conjunto das histórias coletadas “além de propor discussão sobre as motivações individuais, serve para que, se equiparadas, elas forneçam elementos capazes de iluminar o conjunto das individualidades que se sustentam sob alguns traços comuns” (p. 81).

Para a realização deste estudo, utilizaram-se entrevistas de característica semi-estruturada, contendo perguntas fechadas e abertas, possibilitando ao pesquisador maior flexibilidade na obtenção de informações e “mais liberdade para o entrevistado aportar aspectos que, segundo sua ótica, seja relevante em se tratando de determinada temática” (NEGRINE, 2004, p. 75). A maior parte da entrevista constitui-se de perguntas abertas realizadas com idosos e profissionais da instituição que foram previamente selecionados. Com os idosos trabalhou-se com histórias de vida e com os profissionais optou-se pelo questionamento sobre suas ocupações, suas concepções e seus propósitos vinculados a programação das atividades realizadas no asilo. Por sua vez, a pesquisadora não teve a intenção de estabelecer a sistematização de perguntas seguidas de respostas, mas apenas de criar um roteiro de orientação, procurando realizar questionamentos que permitam a amplitude das respostas, deixando o entrevistado o mais livre possível para mencionar lembranças de sua vida. Os eventuais questionamentos realizados pela pesquisadora ocorreram quando esta buscava por lembranças e/ou concepções pertinentes a temática estudada e que, por ventura, não tivessem sido abordadas pelos entrevistados. (Anexo F)

Antes de iniciar a entrevista com os idosos eleitos, procurou-se efetuar um estudo preliminar na realização de um teste de entrevista de histórias de vida junto a dois idosos de idade acima dos 65 anos que não compunham o núcleo de moradores do asilo.

A escolha pelos entrevistados efetivos da pesquisa partiu de critérios que foram previamente estabelecidos pela pesquisadora. Com relação aos idosos do asilo, selecionou-se aqueles que gozam de normalidade mental, idade entre 60 e 90 anos, equilíbrio quanto a quantificação da escolha de gênero de homens e mulheres e, principalmente, que estes participassem das atividades de lazer e turismo oferecidas pela instituição asilar. Quanto aos gestores, optou-se por aqueles que participam da organização, autorização e acompanhamento das atividades programadas.

Desde o primeiro contato da pesquisadora junto ao asilo foi mencionado aos profissionais e idosos os propósitos de sua pesquisa. Mesmo assim, antes de se realizar as entrevistas, procurou-se mencionar novamente suas intenções, prestando informações sobre a pesquisa e esclarecendo eventuais dúvidas. Após tais declarações, a pesquisadora solicitou aos entrevistados o seu consentimento de participação e possível apresentação de suas declarações no trabalho, através da afirmação de um termo de duas cópias (uma de posse da pesquisadora e outra do entrevistado). (Anexo E).

Após tais especificações, iniciaram-se as entrevistas de forma alternada entre idosos e profissionais, conforme horários disponíveis e determinados por ambos. O local das entrevistas igualmente foi determinado pelos entrevistados, na tentativa de que estes buscassem pelos ambientes que lhe parecessem de maior conforto e privacidade. Acredita-se que o convívio antecipadamente estabelecido pelo pesquisador junto ao asilo facilitou não somente a adequada escolha dos entrevistados como a prestatividade e aceitação destes em mencionar sua história de vida.

As entrevistas ocorreram entre os meses de janeiro e fevereiro de 2007, logo após a realização de um passeio turístico a Itapuã, no município de Viamão. Para tanto foram entrevistados 14 idosos, sendo 7 homens e 7 mulheres. Quanto a equipe de profissionais que compreendem a instituição, elegeu-se 12 pessoas que foram entrevistadas por manterem-se envolvidas em algum momento do planejamento, organização e/ou acompanhamento da programação e das atividades de lazer e turismo realizadas pelo asilo. Dentre estes se encontra 2 gestores, 5 estagiários de serviço social, 1 enfermeira, 2 irmãs da Congregação Santa Catarina e 2 voluntários.

Entrevistas	Número
Idosos – mulheres	7
Idosos – homens	7
Profissionais do asilo	12
Total de entrevistas	26

Quadro 1: Número de entrevistas realizadas.

Com o intuito de preservar o anonimato dos idosos, serão utilizados pseudônimos para a identificação de suas narrativas, tendo em vista que a configuração mais importante consta nas informações colhidas pelas entrevistas de suas histórias de vida.

Todas as entrevistas foram gravadas em aparelho eletrônico, e posteriormente transcritas de forma íntegra e sem cortes. Após esta transcrição a pesquisadora retornou ao asilo com as entrevistas, e solicitou a averiguação destas pelos entrevistados a fim de se buscar a validação de seu conteúdo e ampliar, conforme Negrine (2004), a confiabilidade de seu conteúdo. Desta forma, os entrevistados estavam aptos a alterar, acrescentar ou retirar qualquer dado mencionado, conforme lhe parecesse conveniente.

O tempo de duração de cada entrevista foi variável, entretanto, em média a duração foi de 60 minutos com cada idoso participante. Como os profissionais participantes do estudo as entrevistas duraram em média aproximadamente 20 minutos com cada entrevistado.

Percebeu-se que as entrevistas proporcionaram uma aproximação ainda maior entre a pesquisadora e os entrevistados, sejam eles, idosos ou profissionais da instituição. Em relação as entrevistas de história oral, notou-se que esta é realmente uma prática, e que os idosos buscam por suas lembranças, descrevendo-as, muitas vezes, com detalhes e envolta de muitas emoções. Ao final destas entrevistas, muitos mencionaram o seu agradecimento a pesquisadora por ter lhes escolhido como entrevistado e por ter tido a paciência de ouvi-los. As entrevistas despertaram a curiosidade e o interesse dos demais moradores do asilo que chegaram a procurar pela pesquisadora e oferecer a sua participação. A estes agradeceu-se a prestatividade e foi explicado que a escolha dos entrevistados deveu-se a sua participação as atividades de lazer e turismo realizadas pela instituição.

c) Anotações de campo, utilizando-se, conforme Negrine (2004) dos “relatos orais dos participantes como fonte documental” (p. 85). Para tanto, utilizou-se um caderno de anotações de campo registrando 30 observações e impressões da pesquisadora referente a alguns passeios realizados com os idosos do asilo e os momentos de realização das entrevistas,

mencionando e descrevendo o processo de aproximação aos entrevistados e a ambientação escolhida para a realização das entrevistas.

Anotações de campo	Número
Entrevistas com idosos	14
Entrevista com profissionais	12
Passeios realizados	4
Total	30

Quadro 2: Número de anotações de campo realizadas

d) “Registro fotográfico, buscando evidências para documentar a realidade social” (ACHUTTI, 1997, p. 24), ou seja, utilizou-se deste recurso como uma estratégia de documentação que pudesse ser utilizado como registro de envolvimento dos participantes e testemunho dos acontecimentos vivenciados pelos idosos durante sua participação as atividades de lazer e turismo oferecidas. Para tanto, procurou-se fotografar os idosos em variadas atividades como em passeios externos, atividades de lazer e festividades ocorridas dentro da instituição e que foram acompanhadas pela pesquisadora. (Anexo H)

Nota-se que os instrumentos de coleta de informações mencionados vão de encontro ao intuito de se alcançar os objetivos do estudo. A trajetória parece longa, mas não se refere a um estudo longitudinal, mas sim transversal.

Finalizando as estratégias metodológicas adotadas nesse estudo, faz-se necessário mencionar a opção da pesquisadora em utilizar uma narrativa fictícia para contextualizar e orientar as perspectivas do estudo. Diante das informações obtidas através do referencial teórico apresentado e da adoção da história oral de vida realizada junto aos idosos do asilo, torna-se claro o fato de pessoas constituintes a grupo de idosos apresentarem como características o gosto e a necessidade da lembrança e de se contar histórias, principalmente no que se referem as suas próprias histórias de vida. A história de dona Odete tem como inspiração o relato de muitos idosos envolvidos na pesquisa. É claro que no momento em que a história se aproxima das questões metodológicas, vai de encontro a pesquisadora e ao trajeto percorrido por esta durante o processo investigatório. Na busca por um referencial que possa sustentar e auxiliar na construção desta escolha encontrou-se Mesquita (1994) mencionando que uma história não pode perder o sentido essencial de arranjo, apresentando e representando

situações, a existência de personagens envolvidos a este meio e as “sucessivas transformações que vão ocorrendo entre elas, criando-se novas situações, até se chegar à final– o desfecho do enredo” (p. 7). Para autor, o real simbólico articulado através da palavra, se estabelecerá pela retoralimentação dialética entre a vida e o sonho, o querer morrer e o medo de viver ou entre a vontade de viver e o medo de morrer. O enredo de uma narrativa tradicional ocorre a partir de uma situação de equilíbrio, transformando-se em uma situação desequilibradora através de uma sucessão de acontecimentos, até aproximar-se da situação final quando se volta a similaridade do período inicial marcado por um novo equilíbrio. Este o princípio que se adotou para traçar a trajetória de vida de dona Odete, inspirada nas histórias de vida dos idosos e apresentada como pano de fundo a um estudo que tem como foco os sujeitos moradores do Asilo Padre Cacique.

5 O CENÁRIO E OS ATORES

A trajetória de dona Odete, sem dúvida, foi longa, mas muito compensadora. Teve a oportunidade de se aproximar dos idosos e dos profissionais do Asilo Padre Cacique, conviver temporariamente com eles, acompanhá-los em variadas atividades de lazer e passeios e, finalmente, entrevistá-los de maneira pré-estabelecida. Junto a isso, pôde conhecer todos os espaços da instituição. Uma edificação mais que centenária, fundada em 19 de junho de 1893 pelo padre baiano Cacique de Barros. Segundo Braga (1998), ele chegou a capital da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, atual Porto Alegre, em 1862. Durante sua estada na cidade até o momento de sua morte, aos 76 anos no ano de 1907, realizou obras de grande valor com o auxílio de contribuições e doações prestados pela população local e, em menor escala dos poderes públicos, com auxílios muitas vezes escassos e incertos. Primeiro construiu o Asilo ou Colégio Santa Teresa, destinado ao atendimento e educação de meninas órfãos e desamparadas, local onde hoje atua como atendimento a menores infratores com duas unidades da Fundação Estadual de Bem Estar do Menor– Febem. Depois fundou o Asilo de Mendicidade, o atual Asilo Padre Cacique, antes destinado a atender decrépitos e mendigos. E finalmente o Asilo São Joaquim, para a criação e educação da infância desamparada ou meninos de rua, hoje atual sede da Febem, pertencente à Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social. Este último estabelecimento foi o único que o Padre Cacique não conseguiu concluir antes de sua morte, sendo construído e fundado pela Sociedade Humanitária Padre Cacique. Esta Sociedade foi idealizada pelo Padre Cacique e criada em 12 de maio de 1892, como organismo jurídico responsável pela coordenação, proteção e sustentação das três instituições que prestavam o atendimento a meninas órfãos, mendigos e menores abandonados. A partir de 1945 o Estado passou a assumir o atendimento ao menor carente e a Sociedade Humanitária Padre Cacique permaneceu somente com a administração do Asilo de Mendicância. Este asilo, conhecido atualmente como Asilo Padre Cacique, iniciou suas atividades atendendo mendigos e chegou a receber até mesmo pacientes mentais vindo do Hospício São Pedro, em Porto Alegre. Para auxiliar no atendimento e funcionamento da instituição contou-se com a presença de Irmãs da Congregação Santa Catarina, que chegaram a assumir a diretoria por certo período. Hoje o asilo atende somente idosos em idade a partir dos 60 anos e permanece sob a coordenação da Sociedade Humanitária Padre Cacique. Senhor Júlio César Pinto, atual diretor da casa, está há 20 anos a serviço da instituição. Em entrevista realizada pela pesquisadora, Senhor Júlio comenta que ao chegar ao asilo a situação da casa era precária e por mais que houvesse esforços da

Sociedade e principalmente das Irmãs, tanto os espaços físicos como a parte da alimentação e atendimento médico eram extremamente deficientes. Havia três religiosas e doze funcionários para atender cento e sessenta idosos. Com as mudanças ocorridas na estrutura da Sociedade Humanitária Padre Cacique, Senhor Júlio, que já foi diretor da antiga Fundação de Atendimento Sócio-educativo do Rio Grande do Sul - FASE, assumiu a diretoria do asilo e com os demais responsáveis pela instituição passou a organizar, reformar as instalações, estabelecer regras e montar uma equipe de trabalho multidisciplinar.

A manutenção do asilo pela Sociedade Humanitária Padre Cacique possui caráter filantrópico e beneficente, sem fins lucrativos para o atendimento de até 150 idosos. Dentre estes há os que necessitam de cuidados individuais, por motivos de dependências físicas ou mentais; em situação de semi-dependência e os independentes. Os independentes transitam dentro e fora da instituição o momento que desejarem. Os semi-dependentes, normalmente necessitam de um acompanhamento para saírem. Já os dependentes só conseguem sair com acompanhamento, com exceção dos acamados que permanecem constantemente na instituição. O asilo é dividido entre a ala masculina e feminina, incluindo instalações como banheiros, quartos e refeitório de uso coletivo. Os idosos dependentes e semi-dependentes mantêm-se nas enfermarias masculina e feminina, recebendo atenção especial. Todos podem receber visitas de familiares e/ou amigos em dias e horários determinados: quartas-feiras, sábados, domingos e feriados, entre 15h e 17h.

As instalações do asilo são simples, mas limpas e organizadas. A fachada da instituição está sendo toda restaurada através do auxílio de empresas privadas. Acima da porta de entrada havia a identificação “Asylo de Mendicidade” que foi retirado para ser substituído por outra denominação. Até o momento, o nome indicado para substituir o anterior é “Asilo Padre Cacique”. Segundo Cristina Pozzer Mesquita, diretora técnica do asilo, a intenção é que o novo nome fixado a fachada da construção retrate à sociedade e aos próprios moradores do asilo o que realmente este se constitui, ou seja, ao atendimento específico de idosos. Ao entrar no local há um saguão com portaria, mural de informações aos visitantes, assentos e uma pequena loja para venda de artigos como camisetas, canetas e chaveiros com o logo da instituição. Mais adiante, na parte central da edificação encontra-se uma capela onde são realizadas missas de terças a sábados pela manhã e onde também pode-se encontrar o jazigo do Padre Cacique de Barros que, inclusive, morreu por problemas cardíacos dentro da própria instituição. A capela encontra-se na parte central do asilo que possui sua estrutura em formato retangular. De um lado, encontra-se a enfermaria e os dormitórios masculino, ao lado oposto, estão os femininos. Entre ambos os espaços vê-se: pátios internos formados por uma

belíssima área verde; um jardim, com muitas flores e árvores frutíferas. Ao fundo, na parte central e atrás da capela, está a cozinha e o refeitório. Há também espaços destinados a rouparia, lavanderia, bar (para a venda de frutas diversas), cabeleireiro, recebimento de visitantes e salas para atendimento médico, odontológico, fisioterapêutico, administrativo e de serviço social. Finalmente ao se descer uma rampa em direção ao subsolo há uma seqüência de espaços destinados a atividades de lazer como: biblioteca, sala de jogos (com mesas para se jogar cartas, sinuca e pimbolin), salas de cinema, artesanato, pintura e/ou desenhos, coral e sala de ginástica e/ou dança. (Anexo G).

Para sua manutenção financeira, o asilo conta com a renda de imóveis de sua propriedade, contribuição financeira espontânea; carnês de pagamento em rede bancária, doações em gêneros alimentícios, agasalhos, medicamentos, fraldas, campanhas tipo bazar, venda de objetos com a logomarca da instituição e demais eventos que possam ser organizados. Aos idosos moradores, cabe a contribuição em dinheiro de 70% de sua aposentadoria, tendo como benefícios a sua hospedagem, 4 refeições diárias (café da manhã, almoço, café da tarde e jantar), a opção de receber roupas doadas, lavadas e reformadas pelo asilo, medicamentos e atendimentos diversos (geriatria, enfermaria, fisioterapia, assistência social, espiritual, cabeleireiro, manicure e recreação). Junto aos profissionais destas áreas de trabalho o asilo conta com uma parceria junto ao curso de odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, encaminhando estudantes/estagiários para o atendimento dos idosos. Não se pode esquecer-se de mencionar o trabalho dos voluntários vinculados a ONG Parceiros Voluntários. Estes contribuem das mais variadas formas incluindo o atendimento as enfermarias, marcação de consultas médicas e acompanhamento dos idosos a hospitais da capital, execução de atividades de lazer, acompanhamento a passeios externos e, principalmente, carinho, amor e atenção a estes moradores. O asilo possui uma equipe de aproximadamente 70 profissionais, sendo 38 entre funcionários e estagiários e cerca de 32 voluntários. Segundo informações concedidas pelo senhor Júlio, o custo mensal para manutenção de cada idoso morador gira em torno de R\$ 800,00. Ao ser questionado sobre contribuições financeiras por parte de órgãos governamentais, senhor Júlio mencionou que tanto o Estado quanto a Prefeitura não exercem qualquer contribuição. Já o Governo Federal há 20 anos fornece uma verba de R\$ 7.000,00 por mês para auxiliar na manutenção da instituição, sendo que as despesas contabilizadas mensalmente chegam a ultrapassar os R\$ 100.000,00.

Conforme regimento interno da instituição para ingressar ao asilo o idoso deve ter idade mínima de 60 anos, gozar de boas condições de saúde física, mental, ter ou não

rendimento de aposentadoria (não havendo a contribuição o asilo auxilia a solicitação do Benefício de Prestação Continuada– BPC– vinculado ao Governo Federal) e expressar livre vontade de ingresso. Seguindo os preceitos instituídos pelo Padre Cacique de Barros, no momento do ingresso dá-se preferência aos idosos que não possuem familiares e/ou estão em situação de abandono. Havendo vaga, o idoso interessado em ingressar ao asilo passa por uma triagem realizando entrevista com as responsáveis pelo serviço social e exames médicos estabelecidos pela instituição apresentando-os, posteriormente ao médico geriatra da mesma. Ao ingressar no asilo o idoso é encaminhado ao seu dormitório coletivo, recebe orientações do serviço social e um manual indicando as normas de convivência local. Segundo informação do setor de serviço social estima-se um período de três meses para a adaptação do idoso a instituição. Todas as iniciativas realizadas pelo asilo têm como missão:

- abrigar e proporcionar um atendimento biopsicossocial àqueles idosos com carência social e econômica que não possuam família ou que estejam sofrendo maus tratos, agressões físicas ou psicológicas e ou abandono.
- dispensar cuidados e assistência para que tenham uma velhice digna.

Tratando-se especificamente da área de lazer, esta é planejada, organizada e executada, principalmente pelo setor de serviço social, visto que ainda não se obteve recursos suficientes para se adquirir um profissional específico a dedicação desta atividade. Para Cristina Mesquita, diretora técnica da instituição, ainda faz-se necessário contratar profissionais de outras áreas como terapeuta ocupacional, psicólogo e um especialista na área de lazer, isto porém, ainda não é financeiramente viável. Diante disso os profissionais do serviço social traçaram um plano de ação apresentando como objetivo principal proporcionar melhor qualidade de vida aos idosos do asilo através de intervenções que mantenham sua dignidade e cidadania. A este objetivo estabeleceu-se uma série de propostas incluindo a de desenvolver projetos de ações recreativas de efeito terapêutico e de socialização, além de ações que visem o bem estar do idoso. Para tanto, há o planejamento de atividades de lazer e recreação realizados dentro do asilo e organizado através de um cronograma semanal incluindo atividade fixas como: (Anexo D)

§ Segunda-feira:

- Bênção da Saúde (9h30 às 10h30): realizada pelo padre morador da instituição e pelas Irmãs da Congregação Santa Catarina na capela do asilo, incluindo leitura de salmos bíblicos, músicas religiosas e orações na intenção dos enfermos.

– Aula da Criatividade (15h às 17h): estimulando a pintura em tela, desenhos, recortes e colagens com o acompanhamento de voluntária vinculada a área de artes plásticas.

– Trabalhos Manuais (15h às 17h): tendo a oportunidade de se aprender ou aperfeiçoar as técnicas de fuxico, tricô, crochê e bordados com o acompanhamento de voluntárias.

§ Terça-feira:

– Jogo de Dominó (9h30 às 10h30).

– Jogo de Cartas (15h às 17h): pife-pafe.

– Coral (15h às 17h): com a coordenação de uma voluntária na realização de ensaios de músicas diversas que posteriormente são apresentadas em festividades do asilo e de demais localidades e empresas que freqüentemente os convida para realizar apresentações externas.

§ Quarta-feira:

– Grupo de Convivência (10h às 11h): encontro entre os idosos promovendo conversas, troca de idéias e dinâmicas com jogos.

– Dança Livre (15h às 17h): com a presença de voluntárias disponíveis a ensinar passos ou simplesmente entregar-se a dança.

– Dia da Notícia (15h às 17h): proporcionando a entrega gratuita do jornal “O Cacique” aos moradores, de produção mensal e elaborado pela instituição junto a colaboração de um voluntário jornalista. O jornal, até então de uma página frente e verso, está para ter o seu número de páginas ampliado diante do tamanho sucesso na instituição. Nele os idosos recebem informações sobre os principais acontecimentos do asilo, aniversariantes e informações diversas além de poderem contribuir com o encaminhamento de poesias e demais solicitações.

– Trabalhos Manuais (15h às 17h).

§ Quinta-feira:

– Ginástica (9h30 às 10h30): com a participação voluntária de um professor de educação física.

– Roda de Chimarrão (15h às 17h): proporcionando, junto a presença de voluntários, atividades de música e dança gauchescas acompanhadas de chimarrão.

– Teatro (15h às 17h): com a coordenação de voluntários auxiliando na criação e ensaio de peças teatrais apresentadas durante as festividades da instituição.

§ Sexta-feira:

– Bingo (15h às 17h): com a distribuição de prêmios originados das doações que o asilo recebe e que são oferecidos aos vencedores de cada rodada do jogo.

– Enfermarias Animadas (15h às 17h): realizada por profissionais da instituição (estagiário de serviço social e religiosa) incentivando jogos com bolas de plástico, música e atividades que proporcionem a interação com os idosos que encontram-se nas enfermarias.

§ Sábado:

– Sessão Pipoca (15h às 17h): transmitindo filmes de diversos gêneros.

– Sinuca (15h às 17h): proporcionando torneios.

§ Domingo:

– Karaokê (15h às 17h): possibilitando que o idoso solte sua voz.

– Jogo de Dama (15h às 17h).

Para que haja um maior envolvimento dos idosos na programação, em todas as atividades há a presença de um idoso mediador indicado pelo estagiário de assistência social responsável pelas atividades de lazer junto a direção técnica do asilo. Além destas atividades realiza-se na última quinta-feira de cada mês o “Aniversário do mês” com festa e música em homenagem aos aniversariantes. Todas as festividades são realizadas no refeitório e muitas são anualmente agendadas conforme datas de comemorações especiais como Carnaval, Páscoa, Festa Junina, Dia do Idoso, Encontro do Voluntariado, Encontro dos Familiares, Natal, etc. Nestas festas, os profissionais do asilo preocupam-se em ambientar e decorar o refeitório, preparar uma alimentação diferenciada e especial, captar e oferecer brindes para distribuição e participação de artistas e grupos externos como mágico e grupos de convivência.

Há momentos em que o asilo consegue oferecer aos idosos a oportunidade de realizar passeios externos através do convite de alguns estabelecimentos como Centro de Tradições Gaúchas, empresa de automóvel, shows etc. Quando o estabelecimento não coloca um transporte à disposição o asilo estuda a possibilidade de consegui-lo em parceria com empresas deste setor ou, havendo a possibilidade, procura financiá-lo. Ao longo do período pesquisado os idosos tiveram a oportunidade de visitar diversos locais como: almoço oferecido por Centro de Tradições Gaúchas, incluindo transporte, música e dança; passeio no ônibus Linha Turismo, oferecido pela Prefeitura de Porto Alegre; visita ao Santander Cultural; apresentação de dança Flamenca realizada na Assembléia Legislativa de Porto Alegre e oferecida por grupo de dança, visita ao Jardim Botânico e o passeio mais distante da capital que foi realizado no dia 24 de janeiro de 2007 a praia de Itapuã, em Viamão, saindo do asilo pela manhã e retornando por volta das 17h. Neste passeio, oferecido pelo próprio asilo, foram 39 idosos, 3 assistentes, 1 enfermeira e 5 voluntários. O dia estava muito quente e

propício ao banho no Lago do Guaíba. Muitos idosos entraram na água, outros preferiram permanecer em baixo das árvores. Para se chegar ao banho no lago, obviamente tinha que se passar pela areia fofa exigindo atenção especial dos profissionais e voluntários junto aos idosos, tendo que acompanhar e dar apoio a grande parte deles para que não perdessem o equilíbrio e sofressem quedas. Enquanto um idoso estivesse na água algum profissional permanecia próximo para evitar qualquer eventualidade. Nota-se que ao chegar ao local as estagiárias do serviço social percorreram discretamente os bares próximos informando a presença de idoso do asilo e solicitando a gentileza de evitarem a venda de bebidas alcoólicas a eles. Quanto ao espaço, este incluía banheiro feminino e masculino, mesas e bancos de cimento e algumas cadeias de plástico. Por ser uma área verde e com gramado, os profissionais do asilo levaram lençóis e cangas para estenderem no chão para as pessoas poderem sentar ou deitar. Aos despreparados, os profissionais levaram roupas de banho. Segundo a enfermeira acompanhante, ao se realizar passeios deste tipo leva-se aparelho de pressão, medicamentos para enjôo e os que já são usualmente utilizados pelos idosos, além de fraldas geriátricas para quem necessitar. Para a alimentação, foi realizado um piquenique com *hamburguers* feitos pela cozinha da instituição e suco. De sobremesa, bananas e bombons. Durante à tarde, antes do retorno ao asilo ofereceu-se refrigerante e sanduíches. Levou-se também aparelho de som e algumas pessoas se divertiram dançando. Um casal de voluntários que normalmente está presente aos passeios reuniu todos os óculos de sol que o asilo recebeu como doação e distribuiu aos idosos durante o passeio. Entre os idosos participantes, havia aqueles independentes, semi-dependentes e dois cadeirantes. Inclusive conseguiu-se levar um destes cadeirantes até a beira da água, retirando-o da cadeira e auxiliando-o a banhar-se, já que este não possui as duas pernas. Durante o percurso de ida e volta ao asilo, um voluntário distraía os idosos contando piadas dentro do ônibus.

Segundo coordenação do asilo procura-se proporcionar pelo menos um passeio anual a determinada localidade, cujo trajeto não seja muito longo para que a viagem não se torne incômoda aos idosos. Os locais usualmente visitados eram Gramado e Canela, durante o período do Natal. No ano de 2006 tentou-se modificar realizando um passeio ao zoológico de Sapucaia do Sul. Este, no entanto, não ocorreu, pois nas duas datas marcadas para sua realização o tempo não auxiliou anunciando chuva.

Conforme os coordenadores este é um passeio que deverá ser realizado em 2007. Para essa ocasião será feito um planejamento que permita que os idosos possam ver o máximo de animais sem muito desgaste físico, uma vez que muito deles utilizam bengalas ou apresentam algum tipo de dificuldade de locomoção. A intenção é de se promover dois

passeios por ano, um no início e outro mais para o final de cada ano. No meses de verão a idéia é levá-los para alguma praia.

De todas as atividades de lazer proporcionadas pelo asilo, dona Odete teve a oportunidade de acompanhar grande parte, observando, ouvindo comentários, histórias, realizando notas de campo e até mesmo auxiliando os idosos quando necessário. Através de suas visitas semanais a instituição pôde conhecer melhor os idosos, o seu cotidiano e conseqüentemente fazer com que estes se habituassem com a sua presença e pudessem se sentir mais seguros e confiáveis ao transmitirem qualquer informação. Para finalização de sua pesquisa, realizou suas entrevistas com determinados idosos e profissionais do asilo com o intuito de sanar suas dúvidas analisando minuciosamente os conteúdos prestados nas informações.

6 A HISTÓRIA VISTA PELAS LENTES

Esse momento da pesquisa envolveu como primeiro procedimento a cuidadosa leitura do material recolhido, destacando informações importantes e significativas que tenham sido mencionadas, tendo as questões de pesquisa e os objetivos como norte.

A partir das informações procura-se num segundo momento, identificar e descrever os fatos a partir de categorias de análise, dando vida ao que foi dito nas entrevistas e o que foi percebido na convivência dos idosos e os gestores do asilo.

Finalmente, realiza-se a análise das categorias descritas, nomeando-as com identificações que expressem e representem o sentido coletivo das verbalizações.

A identificação de tais categorias foram divididas em duas etapas. A primeira foi a análise a partir da verbalização dos profissionais do asilo. A segunda etapa ocorreu a partir das falas dos idosos selecionados.

Categoria de análise das informações identificadas nas falas dos profissionais:

6.1 Asilo fechado X asilo aberto

- a) A convivência
- b) O lazer como movimento
- c) O turismo e os passeios
- d) Qualidade de vida e o seu contexto

6.1 Asilo fechado X asilo aberto

Nas verbalizações dos profissionais da instituição esta oposição esteve sempre muito clara e presente quanto ao tipo de atuação que o Asilo Padre Cacique objetiva.

Conforme informações prestadas nas entrevistas de número 01 e 09 (Anexo G) o asilo esteve por muito tempo sob coordenação religiosa que se propunha a dar abrigo as pessoas e não propriamente o atendimento especializado. Até então, não era aconselhável que homens e mulheres conversassem ou estivessem presentes nas alas do gênero oposto ao seu para evitar fofocas e falatórios. Além disso, também não era aconselhável que ingressasse ao asilo pessoas devotas de outras religiões que não fosse a católica. Era um período em que tudo era precário, desde instalações físicas, alimentação e recursos humanos.

As mudanças começaram pela Sociedade Humanitária Padre Cacique, alterando toda sua composição administrativa e de recursos humanos montando-se uma equipe de trabalho multidisciplinar. Além disso, buscou-se recursos e parcerias para reformas na estrutura física

da edificação centenária. Primeiro se modificou a parte interna do asilo e os seus dormitórios, depois partiu-se para a fachada que ainda está em processo de restauração.

Segundo o atual diretor da instituição, senhor Júlio César Pinto, logo que se instituiu a equipe multidisciplinar “passou a se oportunizar passeios, na serra, na praia, enfim, excursões diversas. Eles precisavam conviver também com a parte externa, com o restante da comunidade e isso aí sempre foi incentivado, principalmente pelo serviço social”.

Para os profissionais das entrevistas 01, 04, 09 e 12 (Anexo G), grande parte da sociedade visualiza o asilo como um depósito de velhos que chegam ao final de sua jornada, o local onde é o fim da vida.

A intenção do asilo é tentar mudar essa concepção da sociedade e principalmente dos idosos moradores que, em muitos casos, permanecem na instituição aguardando a chegada de sua morte. Para isso busca-se a contemplação de um calendário de atividades variadas que possam ocorrer dentro e fora do asilo na tentativa de incentivá-los a participação e interação.

Hoje o asilo possui a parceria com a ONG Parceiros Voluntários permitindo a inserção, interação e participação de muitos voluntários a instituição. A estes é permitido o acesso livre ao asilo, portando crachá de identificação fornecido pela instituição. Aos demais visitantes o asilo permite a entrada em dias e horários pré-estabelecidos com o intuito de manter a organização e o mínimo de privacidade aos idosos. No entanto, a instituição apresenta-se flexível quanto a visita de parentes ou amigos que, por algum motivo adverso, não possam estar presente nas datas estipuladas, fornecendo exceções, conforme a solicitação. Os idosos gostam de receber visitas e, se possível, sair temporariamente com amigos e parentes. Esta prática é permitida, conforme o desejo e o estado de saúde em que o idoso se apresenta e, dependendo do caso, é possível que haja a necessidade de uma autorização. O idoso independente que desejar sair da instituição ao longo do dia possui livre arbítrio para sua circulação, solicitando-se que informe junto a portaria o período aproximado de afastamento do asilo e o possível local de direcionamento para conseguir localizá-lo diante de qualquer eventualidade. Aqueles que desejam realizar algum tipo de trabalho na instituição normalmente é permitido, como sempre conforme seu estado de saúde. Há idosos que auxiliam na cozinha, nas enfermarias, na rouparia, na lavanderia e demais dependências da casa. Estes realizam as atividades por vontade própria e conforme sua solicitação junto a coordenação.

Uma vez por ano realiza-se o “Encontro dos Familiares” com o intuito de apresentar o trabalho que está sendo realizado pela instituição e, principalmente de aproximar familiares e amigos dos idosos moradores. Para esta realização os profissionais do serviço social buscam

o contato telefônico ou pessoal com os visitantes, familiares ou amigos incentivando sua participação por perceber a importância que a presença destas pessoas possui para o idoso morador que, muitas vezes sente-se abandonado e esquecido.

Durante todo o decorrer do ano de 2006 viu-se também muitos veículo de comunicação entrando em contato e indo até o asilo para realizar reportagens, documentários e transmitir imagens dos idosos em diversas atividades, inclusive entrevistando-os. Este é um momento em que alguns idosos aproximam-se curiosos, preocupam-se com sua aparência e demonstram-se valorizados por terem prestado algum tipo de informação. Além disso, o asilo atende a solicitações de pesquisa como esta que foi realizada, desde que haja um contato prévio com a direção para possível avaliação e permissão do pesquisador junto aos idosos. Pelas contatos telefônicos presenciados é possível perceber que este tipo de solicitação tem sido freqüente, porém o asilo preocupa-se em manter apenas um pesquisador por vez para manter a privacidade dos idosos e não molestá-los constantemente.

a) A convivência

Com relação a convivência entre os idosos, foi mencionado a dificuldade que muitas vezes se encontra para que haja harmonia. Para Sérgio, estagiário do serviço social, “conviver com o ser humano é difícil. As pessoas tem problemas em casa, no serviço, na comunidade...”.

No decorrer do ano de 2006 implantou-se a atividade chamada “grupo de convivência” a qual os idosos que desejam participar formam um grupo que se encontra todas as quartas-feiras pela manhã na sala de visitas. Ali eles iniciam a atividade com um momento de espiritualidade, uma prece, e posteriormente a coordenadora Maria Antônia Silva, também estagiária do serviço social, permite que os idosos participantes expressem o que desejarem. “...eles se sentem livre para falarem ou da vida deles ou de experiências”, diz Maria Antônia. Uma das intenções é promover uma maior aproximação e interação entre os idosos, de forma que estes auxiliem na resolução de possíveis problemas em conjunto. Normalmente são problemas gerados por motivos simples ou fofocas que acabam ocasionando questões de conflito.

b) O lazer como movimento

Segundo informações prestadas nas entrevistas 01, 03, 06, 07, 08, 09 e 10 (Anexo G) há algum tempo atrás os idosos passavam os dias parados, sentados em cantos dos corredores e com uma tristeza aparente. Com as modificações que já foram mencionadas anteriormente e

que ainda estão ocorrendo no asilo, implantou-se um calendário anual de atividades incluindo opções de lazer dentro e fora do asilo.

A intenção é promover uma variada gama de atividades de lazer que possam atender os mais variados gostos e desejos de participação dos idosos. Conforme Sérgio Alves, estagiário de serviço social e um dos responsáveis pela área de lazer e recreação do asilo, “procura-se proporcionar qualidade de vida e a auto-estima dos idosos através destas atividades”. Além disso, a questão de separação de gêneros passa a ser modificada através da interação proporcionada pela realização destas atividades. Os idosos possuem dificuldades em se visitarem dentro do próprio asilo. Aos poucos, está se conseguindo transpor essa barreira.

A divulgação das atividades ocorre através da exposição do calendário semanal de atividades em diferentes murais espalhados pelo asilo. Como alguns idosos esquecem as datas em que estas acontecem, momentos antes de sua realização Sérgio passa por todas as alas e corredores do asilo comunicando a atividade de lazer que ocorrerá, convidando os idosos a participar e muitas vezes acompanhando-os até o local de sua realização. Para estes profissionais é importante tentar encontrar formas de motivá-los a participar. Segundo religiosa da instituição, Irmã Amábilis, a realização de atividades de lazer pelo idoso “ajuda a descobrir talentos entre eles”, além de promover um ambiente mais harmonioso e familiar, proporcionando um astral mais elevado entre os idosos.

Para a implantação das atividades Sérgio comenta que buscam contemplar atividades de lazer em todos os dias da semana. Estas são criadas após observações e a realização de uma mini-pesquisa entre os idosos questionando-os informalmente sobre as que estão sendo oferecidas, as que demonstram interesse, as que gostariam que fosse inseridas, enfim, leva-se em consideração as sugestões na tentativa de melhor atendê-los. Além disso, inclui-se na programação a realização de festividades diversas conforme datas nacionalmente comemorativas e/ou qualquer outra instituída pelo asilo. Estas ocorrem no refeitório incluindo decoração e alimentação especiais e diferenciados do habitual.

A presença e a participação de voluntários é essencial para o andamento de determinadas atividades. Muitos utilizam de suas especializações e habilidades para coordenar, conduzir, orientar, ensinar e/ou acompanhar os idosos em suas participações. Além disso, já foi mencionado a figura do mediador das atividades representado por um idoso que também é responsável pela interação e o convite aos demais idosos e pela integração entre coordenador e planejador das atividades, ou seja, a comunicação entre idoso mediador, voluntário coordenador e profissional planejador. Durante os meses janeiro e fevereiro as

atividades de lazer que envolvem a presença de voluntários sofrem uma pausa por motivo de férias destes profissionais.

É possível perceber a preocupação de todos os profissionais do asilo quanto a contemplação de espaços e atividades para o lazer, tanto é que há projetos para sua ampliação. O diretor da instituição comentou que há um projeto para reestruturação do subsolo do asilo, local onde são realizadas grande parte das atividades de lazer, para se equipar com instalações e espaços adequados, melhorando o atendimento e diversificando estas atividades. Para tanto, obteve-se uma parceria para autorização de verba financeira junto a duas empresas, uma nacional e outra americana, que deverá financiar esta realização. O projeto foi elaborado pelos profissionais do asilo e encaminhado há cerca de um ano e meio para tais empresas. Conforme informações do diretor ao longo deste ano ambas irão repassar os recursos para a implementação deste projeto que visa a diversificação de atividades incluindo uma área de jardinagem e a existência de uma floricultura dentro asilo podendo se comercializar plantas e flores que ali serão cultivadas. Outra informação prestada pelo senhor Júlio é a realização de um estudo que pretende-se realizar sobre toda a parte histórica da instituição com o intuito de se montar um museu ou memorial em alguma dependência do local. Para este estudo já há uma equipe de profissionais trabalhando, incluindo museóloga, arquiteta e bibliotecária. Acredita-se, ainda, que este espaço poderá transformar-se em uma das atrações turísticas da cidade de Porto Alegre.

c) O turismo e os passeios

Ao se mencionar os passeios promovidos para fora da instituição, as opiniões dos profissionais segue idéias muito semelhantes. Todos consideram esta atividade de extrema importância, associando-a, em grande parte a realização de um turismo.

Organizar um passeio para os idosos envolve um planejamento minucioso e preocupações quanto aos riscos que estes poderão sofrer. Por esse motivo, busca-se, normalmente, a participação de profissionais incluindo estagiários e voluntários para o acompanhamento dos idosos durante toda a sua realização. As motivações para saída ocorrem conforme convites de empreendimentos externos ou através da sugestão e organização da própria instituição. Grande parte dos passeios ocorrem dentro da cidade de Porto Alegre e muitos através de convites para visitar e almoçar em Centros de Tradições Gaúchas, assistir espetáculos de dança ou música, conhecer museus, andar no ônibus Linha Turismo, dentre outros. Ao se realizar os convites pode-se oferecer o transporte ou o asilo busca por parcerias

com empresas do setor e caso isso não seja possível, dependendo do número de idosos participantes, aluga-se um ônibus ou leva-se em condução da própria instituição.

Antes de realizar qualquer passeio, os profissionais do asilo o comunicam para os idosos durante as refeições que estes realizam no refeitório, inserindo comunicados em murais espalhados pela instituição e passando pelos corredores na tentativa de informá-los pessoalmente. Desta forma passa a agrupar os idosos interessados em uma listagem de possíveis participantes. Dependendo das condições do passeio busca-se levar não somente idosos independentes como também aqueles considerados semidependentes que consigam caminhar, mesmo que seja de bengala ou andador. Os que apresentam algum tipo de deficiência como visual e os cadeirantes normalmente estão presentes aos passeios, dependendo no entanto, de voluntários disponíveis a dispender atenção e acompanhamento especial a eles, principalmente nos momentos em que se necessita de deslocamento.

Conforme informações dos profissionais de entrevistas 02, 04 e 12 (Anexo G), sempre há algum idoso que insere seu nome na lista de presença e no dia de sua realização acaba desistindo de participar por motivos diversos como não estar se sentindo confortável para sair naquela ocasião. O contrário, no entanto, também ocorre, pois há o idoso que não se inscreveu e que no dia ou no momento de saída opta por participar. A expectativa normalmente é maior no dia anterior ao passeio preocupando-se com a alimentação, horários de saída e chegada e/ou se o passeio realmente está confirmado.

Para os profissionais, entrevistas 01, 02 e 03 (Anexo G) a realização destes passeios envolve muito trabalho e preocupações, no entanto sentem-se compensados pelos comentários positivos que ouvem dos idosos. Durante os passeios, em geral, os idosos não demonstram muita empolgação, mas ao retornarem apresentam-se contentes e fazem comentários sobre o que vivenciaram.

Quando os profissionais tratam especificamente de sua concepção de turismo, todos associam ao fato de se conhecer novos e diferentes lugares e de se realizar viagens, saídas e/ou passeios.

Houve a repetição considerável (entrevistas 01, 02, 05, 06 e 10- Anexo G) de associações do turismo a saídas para teatros, cinemas, shoppings, parques e demais possibilidades culturais e de visitação até mesmo dentro de Porto Alegre. Além disso, também relaciona-se o turismo a qualidade de vida como a fala do senhor Júlio acreditando que “quanto mais o asilo oportunizar a saída do idoso, uma melhor qualidade de vida ele terá”, pois estes poderão ver outros horizontes que muitas vezes não tiveram a oportunidade de

conhecer ao longo de sua vida. Desta forma, o diretor considera importante ter-se “um cronograma que oportunize visitas aos mais diversos locais em forma de turismo”.

Há também mencionamentos nas entrevistas 07, 08 e 12 (Anexo G) que aderem ao turismo o favorecimento do bem-estar do idoso, sua convivência e interação com outras pessoas, além da possibilidade de se distrair e divertir.

d) Qualidade de vida e o seu contexto

Finalmente, as falas 01, 02, 03 e 04 (Anexo G) que mencionam o significado de qualidade de vida para os profissionais são vinculadas ao bem-estar, ao sentir-se bem consigo mesmo, a promoção da vida com saúde, espiritualidade, poder fazer o que se gosta, ter um alimentação adequada e acesso a atendimento médico.

Ao vincularem qualidade de vida aos idosos da instituição os profissionais acreditam que esta refere-se a possibilidade de se proporcionar o melhor que puderem oferecer quanto a alimentação, atendimento médico, passeios, turismo, viagens, trocas de idéias, ambientação espacial e convívio. Senhor Júlio comenta que “o nosso sentido aqui é dar qualidade de vida, proporcionar para eles atividades, não de trabalho, mas atividades que eles tenham outras vivências que não foram contempladas durante a vida” como momentos de recreação e lazer, tentando proporcionar sua interação com a comunidade, sem que fiquem simplesmente esperando pela morte.

Estes profissionais acreditam que os idosos possuem acesso a tudo na instituição incluindo alimentação, moradia, atendimento médico, vestuário, lazer, passeios, liberdade para sair... Procura-se oferecer o melhor dentro das condições possíveis.

Categorias de análise das informações identificadas nas falas dos idosos asilados previamente selecionados:

6.2 Trajetória de vida

- a) Eu era muito sapeca

6.3 A vida no asilo

- a) Estou aqui porque quis
- b) Aqui gente tem tudo
- c) O lugar é legal mas....., né?!
- d) Aqui no asilo eu gosto de ...
- e) De alguma coisa a gente sempre participa
- f) Ah, bem que poderia ter...

- 6.4 O turismo do idoso asilado
- a) Eu gosto de sair
 - b) lembro de quando fomos a...
 - c) Gostaria de ir a...
 - d) É cada lugar pra conhecer com o turismo!
 - e) Qualidade de vida, é tudo de bem!
 - f) Ai, que falta me faz!
 - g) Hoje o que mais quero é...

6.2 Trajetória de vida

A trajetória de vida dos idosos compreendem acontecimentos diversos. Momentos alternados de alegria e tristeza, trabalho, casamento, encontros e desencontros familiares e muito mais.

Todos tiveram uma ocupação laboral seja como doméstica em casas familiares, auxiliar de escritório, babá, trabalhador rural, de construção civil, pintor, jogador de futebol, etc. Muitos (entrevistas 02, 03, 04, 07, 08, 09, 10 e 12- Anexo H) iniciaram o trabalho ainda pequenos.

Grande parte dos idosos (entrevistas 01, 02, 03, 06, 08, 09, 11 e 12- Anexo H) casou, teve filhos ou ajudou a criar alguma criança a quem, carinhosamente chama de filho (a). Entre os que foram casados, ninguém permanece com sua companhia por estes terem falecido ou por motivos de separação conjugal. Os filhos? Normalmente mantém um bom relacionamento com o idoso, mas a grande maioria vive uma vida tão tumultuada e cheia de compromissos que nem sempre encontra tempo para visitar. Às vezes moram longe e a distância impede uma convivência mais próxima. Há alguns poucos, porém, que aparecem junto a demais familiares com uma frequência maior.

Todos recordam e mencionam a perda de algum ente querido, seja pai, mãe, marido, esposa, avós ou filhos. São momentos que muitas vezes remetem a emoção do idoso através da lembrança de vivências envolta a muito carinho e que os aproxima ainda mais do espírito religioso, normalmente vinculado a religião católica ou espírita.

Há os que estão a sós na vida (entrevistas 01, 04, 07, 08 e 13- Anexo H), sem a existência de nenhum outro parente vivo. Há os que recebem e visitam filhos, netos... (entrevistas 02, 03, 05, 06, 09, 10 e 11- Anexo H) Mas há também aqueles que mesmo tendo algum parente vivo, passam tanto tempo sem receber notícias que se sentem abandonados ou esquecidos (entrevistas 12 e 14- Anexo H).

São histórias de vida de pessoas comuns e que tiveram uma trajetória repleta de acontecimentos.

a) Eu era muito sapeca

Por ter se optado a trabalhar com história oral de vida com os idosos, evoca-se a lembranças de diversos momentos e vivências de suas vidas. Uma parte dessas lembranças remete-se a infância, mencionando aspectos desta fase de vida.

Grande parte dos idosos mencionaram a vivência de uma infância muito feliz, chegaram até a referi-la como maravilhosa! Brincavam de teatro, jogar futebol, bola de gude, boneca, fazer casinha, subir em árvores, andar a cavalo, andar de carrinho de mão, andar de pé no chão, dançar, pular e correr. Grande parte dos idosos entrevistados nasceram e passaram sua infância no interior do Rio Grande do Sul e usufruíram de suas brincadeiras ao ar livre. “Lembro de eu brincando com meu irmão e naquele tempo não tinha nada dessas locuradas de hoje, né?!”, comenta senhora Diva se referindo a falta de segurança que presenciada atualmente.

“Eu era muito sapeca”, comentam alguns idosos. “Fazia arte na rua”, disse senhor Jeremias.

Não se pode desconsiderar, porém que há os que começaram a trabalhar muito cedo. Ajudavam a família a trabalhar na roça ou não tinham a presença dos pais tendo que morar com outras famílias e ajudá-las no serviço da casa. A esses idosos, momentos de brincadeira eram intercalados ao trabalho ou, como comenta senhor Jeremias “brincava e trabalhava junto”.

Neste estágio da vida poucas foram as lembranças negativas e/ou que remetesse a momentos de sofrimento diante de acontecimentos passados.

6.3 A vida no asilo

Retratar a vida destes idosos no asilo torna-se importante por representar um marco em suas vidas, podendo significar ao idoso a idéia de rompimento com sua vida social.

Rosalva menciona que freqüentemente visitava o asilo para doar mantimentos, “mas eu achava, assim, o fim do mundo eu ta num asilo, né?!”.

Senhor Adriano desabafa: “esse nome, asilo, ainda causa medo na sociedade. Sabe qual é o medo que eles tem? Eles tem medo de entrar aqui por doença. A sociedade tem medo de asilo porque falou em asilo pra eles é depósito de velho, é depósito de doença”.

Para os senhores Rosalva e Adriano, a idéia de asilo visualizada pela sociedade e idealizada por eles mesmos antes de ingressarem na instituição, retrata uma imagem depreciativa e impregnada de preconceitos intitulando estes idosos como doentes e “coitadinhos”.

Visualiza-se, no entanto, neste asilo, conforme verificado na fala dos profissionais, o ideal de uma instituição que possibilite uma maior interação entre seus moradores e destes com a sociedade.

Para a senhora Francine: “as pessoas tem uma visão errada do que seja o lugar. Quando minha sobrinha chegou aqui ela disse, ah! Parece os jardins europeus, que coisa mais linda! Eu me senti tão bem no primeiro dia que disse: bom é aqui que eu vou ficar!”.

a) Estou aqui porque quis

Essa é a frase mais ouvida entre os idosos moradores do asilo e entrevistados nesta pesquisa. Os motivos são os mais variados e muitas vezes complementares como: questões financeiras; o fato de já estar morando em outro asilo e pedir transferência para este porque no anterior lhe retiravam todo o dinheiro; por morar sozinho e necessitar de algum tipo de auxílio encontrado neste asilo; após perda de algum ente querido que o fez sentir-se só e/ou o sentir-se incomodando, atrapalhando ou estorvando no local onde morava como o exemplo da fala da senhora Diva “eu pensei, eu to demais aqui. Eu vô dá o fora”.

Há os que buscam pelo asilo por decisão própria (entrevistas 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 11, 12, 13 e 14- Anexo H), mas há também os que vão até lá após indicação de seu médico solicitando que não morassem a sós e fosse até um local onde tivessem um acompanhamento (entrevistas 01 e 10- Anexo H). Todos, porém, estão ali por sua escolha, afinal, esse é um dos princípios da instituição.

Muitos já conheciam o asilo antes mesmo de ingressarem (entrevistas 02, 04, 05, 08 e 09- Anexo H), já estiveram no local para visitar algum conhecido, outros (entrevistas 02 e 05- Anexo H) iam levar donativos e há os que passavam em frente a edificação imaginando-a como seu local de moradia (entrevistas 03 e 07- Anexo H).

O tempo de permanência dos idosos entrevistados no asilo varia de 6 meses a 12 anos. São recém chegados e veteranos que, conforme a instituição, podem levar em média 3 meses para sua adaptação. Os entrevistados 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11 e 13 (Anexo H) comentam que não houve grandes problemas para se adaptar, às vezes passava a primeira semana sem conseguir dormir direito, ou estranhou o ritmo de vida presenciado..., mas em todo local há sempre uma exceção (entrevistas 12 e 14- Anexo H) e há quem até hoje

não se sintam felizes não pelos serviços ou pelo atendimento, mas pelos demais idosos com quem convivem.

b) Aqui a gente tem tudo

Em termos de atendimento e prestação de serviços todos mencionaram haver de tudo: assistência médica, de fisioterapia, enfermagem, odontologia, vestuário, lazer, passeios, religiosidade, boa cama, boas instalações, boa alimentação, beleza... “O ambiente é maravilhoso, não falta nada. Tem remédio, tem tudo”, comenta senhor Fabiano.

Os idosos 01, 04, 06, 07, 08, 09, 10, 12, 13 e 14 (Anexo H) não possuem outro local onde possam morar e sentem-se privilegiados por estar ali. Maurício afirma: “Eu gosto de viver aqui. Se eu não viver aqui, onde vou viver? Aqui o lugar é bom”.

Quanto às instalações e atendimento sentem-se satisfeitos, há, porém a frequência de alguns comentários depreciativos (entrevistas 12 e 14- Anexo H), como será visto a seguir.

c) O lugar é legal mas, né?!

Houve muitas falas (entrevistas 01, 02, 03, 06, 10, 12, 13 e 14- Anexo H) em que se mencionou os problemas de convivência entre os idosos do asilo. Inclusive antes mesmo de se iniciar a entrevista com um idoso, esse estava comentando sobre uma recente discussão que havia ocorrido na ala masculina.

Dona Diva confirma: “Tem umas velhas aqui que se pudesse te botam de castigo de joelho no milho te botavam”.

Os quartos, os banheiros e o refeitório são coletivos e as brigas e discussões normalmente ocorrem entre os idosos que possuem uma convivência mais próxima, quanto ao espaço físico.

Há idosos que não interferem como a senhora Júlia: “às vezes eles discutem aí, mas eu não me meto, e não é nada comigo”. Há outros que tomam partido pelos amigos entrando na discussão.

A verdade é que a convivência já havia sido mencionada pelos profissionais do asilo e está sendo confirmada pelas falas dos idosos. São atritos gerados pela convivência e convivência coletiva, falta de paciência, fofocas, intrigas, manias e até mesmo de respeito mútuo. Grande parte das discussões iniciam por motivos de um idoso querer a luz apagada, o outro querer acesa, o ventilador ligado o outro querer desligado, deixar a janela aberta, o outro querer fechada, etc. Apesar de serem mencionados pelos idosos esses conflitos não são constantes. Há dias ou momentos em que ocorrem com maior intensidade. Há ocasiões em

que os profissionais do serviço social entrevistem conversando e buscando soluções junto aos próprios idosos e, dependendo da situação chega-se até a ocorrer trocas do local onde se está acostumado a dormir.

d) Aqui no asilo eu gosto de ...

Dentre as atividades que os idosos estão dispostos a realizar no asilo a grande maioria (entrevistas 01, 04, 07, 08, 09, 11, 12, 13 e 14- Anexo H) mencionou algum tipo de ocupação ou trabalho que exerce no local por vontade própria como: auxiliar na enfermaria contando histórias, dando comida aos acamados; ajudar no refeitório; na cozinha ou nas galerias. Salete comenta: “eu não gosto de não fazer nada”.

A execução laboral realizada pelos idosos é feita conforme sua vontade, disponibilidade e possibilidade de saúde. “Aqui ninguém faz nada por obrigação”, reforça Salete. Além disso, os entrevistados 01, 02, 05, 07, 08 e 11- Anexo H) mencionaram a alegria de quando são realizadas as festividades oferecendo alimentação especial, trocar idéias e sair para ir ao shopping (Shopping Praia de Belas localizado próximo ao asilo).

e) De alguma coisa a gente sempre participa

Ao comentarem sobre as atividades de lazer oferecidas pelo asilo, todos apresentaram conhecimento de suas realizações e em relação as datas e horários em que estes acontecem.

Os idosos que estão por um período mais prolongado dentro do asilo enfatizaram que hoje há muito mais atividades de lazer oferecidas do que há poucos anos atrás.

Cada idoso entrevistado não participa de um grande número de atividades, mas pelo menos em uma delas está presente. Durante as entrevistas a atividade mais comentada foi o coral. Muitos já participaram e saíram, como os entrevistados 03, 07, 09, 12 e 13- Anexo H), porque não querem mais assumir compromissos, não gostou da metodologia utilizada, está com problema de visão, e há até quem mencionou sentir atração pela coordenadora voluntária. Mas esta é a grande atração para os idosos 01, 05, 11 e 14 (Anexo H) que ainda participam e mencionam a possibilidade de visitar locais fora do asilo através de apresentações realizadas pelo coral. Além disso, os idosos entrevistados também mencionaram sua participação na realização de trabalhos manuais, bingo, teatro, jogos de carta, ginástica, roda de chimarrão, dança e grupo de convivência.

Durante as festividades realizadas no asilo o refeitório fica lotado e normalmente contemplam em sua programação apresentações do coral, de dança, teatro, poesias e muita alimentação.

Há outras atividades de lazer inseridas no cronograma que não foram mencionadas pelos idosos entrevistados, mas que agrega os demais moradores do asilo.

O número de idosos participantes nas atividades é variável dependendo da disponibilidade e vontade do morador no dia de sua realização.

f) Ah, bem que poderia ter...

Durante a entrevista realizada alguns idosos mencionaram algumas idéias e desejos de instalações de lazer que acreditam que poderia existir dentro asilo:

- senhora Helena acha que “deviam fazer uma sala própria para apresentações, porque o refeitório é muito estreito. Um lugar que tivesse palco. Talvez com o tempo tenha, mas acho que não vou ver isso”;
- senhora Morgana comenta que “um CTG bem bonito pra nós seria bom. Adoro dançar!”;
- e finalmente o senhor Adriano sugere que nos fundos do asilo seja feita uma área para se jogar vôlei, pois “tem um gramado bom pra fazer uma canchinha”.

6.4 O turismo do idoso asilado

Dentre as opções de atividades oferecidas pelo asilo, há a possibilidade dos idosos realizarem passeios a locais próximos na tentativa de entreter, distrair e que haja maior interação entre eles.

Ao retratar seus sentimentos sobre as saídas, senhor Rubens comenta que “se sente bem, novo, vê outras pessoas. Já chega no ônibus e tem que dar bom dia, isso é bom!”.

Segundo o senhor Adriano: “quando eu boto o pé ali na rua, eu sinto um ar diferente!”.

O gosto pelas saídas, as lembranças dos lugares visitados, os locais que gostariam de conhecer...; tudo isso refere-se a vivência e os anseios destes idosos enquanto asilados.

Definir o sentido e o significado do turismo e da qualidade de vida para esses idosos, certamente contará com a influência de uma longa vida pré e pós-institucionalização. Desejos por novas ou repetidas experiências, lembranças de passeios, de pessoas e de momentos que marcaram sua memória e os auxiliaram a conceber a construção ideológica de seus ideais por turismo e qualidade de vida.

a) Eu gosto de sair

Ao se tratar dos passeios oferecidos para fora da instituição, todos os idosos mencionaram gostar de realizá-los. Gostam de sair, conhecer novos locais, conversar com as pessoas, enfim, estar em um lugar diferente do asilo.

Estão sempre dispostos a participar e só não vão quando estão com algum problema de saúde ou quando o lugar eleito para o passeio não lhes agrada:

- Rosalva diz: “só não fui no último passeio porque eu não tava bem, porque eu tava pronta. Já tinha arrumado maiô, tudo. Tava tudo prontinho. Não deu pra mim ir”. (Refere-se ao passeio realizado a Itapuã em Viamão, no mês fevereiro de 2007).

- Salete afirma: “eu gosto de todos os passeios aqui. Itapuã não fui porque não estava bem e não gosto de praia”.

Aos demais idosos entrevistados (02, 03, 04, 05, 06, 08, 09, 10, 11, 12, 13 e 14-Anexo H) que foram a Itapuã, percebe-se o contentamento como o senhor Mauricio: “Nós fomos na praia. Eu gostei. A água tava tão boa! Me deu vontade de nem sair mais de lá, mas aí tava na hora de ir embora. [...] Essa foi a primeira vez que fui a praia!”.

Senhora Helena complementa: “eu gostei de Itapuã, pena que tava muito calor, mas gostei muito. Se eu tiver condições de ir de novo eu vou”.

Há que se mencionar, porém, o comentário do senhor Adriano referindo: “todos os passeios eu vou, mas achei esse de Itapuã sem infra-estrutura para idosos”, referindo-se a ao ambiente com bancos e mesas de cimento e ao fato do asilo levar dois cadeirantes até o local o qual ele achou de difícil acesso e sem segurança para deixar os seus pertences.

Senhor Rubens curtiu o passeio, gostou do ambiente natural, mas “acho que o pessoal poderia conversar mais”, sentindo falta de uma maior interação com os demais idosos.

O passeio a Itapuã foi o primeiro realizado no ano de 2007. Conforme a diretora técnica do asilo há intenção de se realizar mais um para o final do ano. Este é um tipo de passeio oferecido pelo asilo que chega a se distanciar um pouco de Porto Alegre. Os demais, normalmente ocorrem dentro da cidade visitando atrações turísticas, shows, Centros de Tradições Gaúchas, etc.

Salete e Diva, que estão há mais tempo na instituição acreditam que há alguns anos atrás os passeios ocorriam com uma frequência maior. Diva menciona: “Não tenho mais muito prazer nas coisas, mas ainda gosto de sair. Mas os passeio tão meio difícil né?! A gente saia muito pra dançá e tudo era bom. A gente ia e se encontrava com as pessoa, tudo era bom!”.

Para senhora Júlia, depois que entrou no asilo começou a conhecer lugares que antes não teve a oportunidade de ir como o Gazômetro, o teatro, Novo Hamburgo, show do Zezé de Camargo e Luciano, o ônibus Linha Turismo, SENAI, etc. “Eu vou e aproveito, né?! Me sinto bem, fico bem contente, bem feliz, né?!”.

Todos gostam de sair, conhecer novos lugares, interagir e aguardam pela realização destes passeios.

b) Lembro de quando fomos a...

Ao recordarem os locais que já visitaram com o asilo os idosos mencionaram alguns que lhe foram mais marcantes. Dentre estes o mais citado foram as visitas realizadas em Centros de Tradições Gaúchas, quando estas organizações os convidam a passar o dia em seu estabelecimento, oferecendo almoço, baile e café da tarde. Senhora Francine comenta: “hum, o CTG em um domingo de Páscoa. Serviram aquele almoço maravilhoso e teve baile. Foi tudo muito bom!”.

Em outras ocasiões os passeios ocorreram para Gramado e Canela, o que não aconteceu durante o período da pesquisa. Ainda assim, senhora Rosalva lembrou com carinho: Gramado e Canela foi uma coisa maravilhosa! Fomos no Natal, tiramos foto, inclusive com toda a turma da casa que foi, eu tenho. Eu já conhecia mas esse me marcou pela beleza e porque ficamos até tarde da noite”.

O Jardim Botânico também foi citado, assim como Itapuã e o show do Zezé de Camargo e Luciano, conforme comenta a senhora Salete: “tava tão lindo, tão lindo! Ai, tava tão bom criatura! Eu gosto de todos os passeios daqui. Eu não perco”.

Para Celso “em cada lugar que nós vamos tudo é bom. Cada um que se vai vai melhorando. Sendo saída eu vou”.

c) Gostaria de ir a...

Quando questionados sobre algum lugar em específico que gostaria de visitar as respostas sofreram variações, como o desejo de “ir a locais onde possam contemplar e estar próximos a natureza, no meio do mato, rios, mares, cachoeiras, cascatas, montanhas” como comentou senhora Rosalva.

Para o senhor Adriano: “excursão a praia não seria nada mal. Sair bem cedo e voltar à noite”.

Senhor Fabiano deseja ir a serra, passear por Gramado, Canela e Nova Petrópolis: “dizem aqui que já foram a Canela. Aí é outros ‘quinhentos’”.

Senhor Maurício porém já esteve em Gramado com o asilo e diz que este é um local que não irá mais: “Não gostei de Gramado, não tinha uma moça! Era só veio e veio. Ah, me aborreci!”. Em compensação, ele mencionou o seu desejo de ir ao zoológico de Sapucaia do Sul para ver as jibóias.

Outros lugares foram mencionados contemplando uma distância de Porto Alegre consideravelmente maior como Rio de Janeiro, Curitiba, Fernando de Noronha e o Beto Carreiro em Santa Catarina. “Eu gosto de me divertir” comenta Morgana.

d) É cada lugar pra se conhecer com o turismo!

“Ah! Não me fala, criatura, porque eu já fiz tanto turismo na minha vida!”, disse senhora Rosalva. Essa foi uma das falas mencionadas ao se questionar sobre o que é turismo para os idosos entrevistados. E senhora Rosalva complementa: “turismo é uma vida, é vida! Claro que é! A história que tu pode fazer com um turismo...linda, linda, linda!”.

Os significados mais mencionados pelos idosos 01, 02, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11 e 13 (Anexo H) vinculam turismo a passeio, viagem, conhecer outro lugar, outras pessoas e se divertir.

Todos, com exceção de um idoso, identificam o turismo como uma atividade positiva. Para senhora Diva turismo é “aquela coisa que enche essas lotação e sai. Mas isso aí eu tenho medo porque geralmente dá cada confusão!”.

Para senhor Adriano, “turismo é o lazer sadio. É para pessoas que tão de bem com a vida porque essas vão apreciar. Não é para pessoas não culta, não inteligente, ignorante”.

Senhora Salete vincula o turismo a viagem: “ passear, viajar, coisa bem boa! Conhecer novas coisas, já pensou? O meu primeiro turismo foi maravilhoso! Viajei de Jaguarão a Porto Alegre. Me enchi de borrachudo, mas adorei!”.

Teve-se o cuidado de antes de se realizar o questionamento sobre o que é o turismo para o idoso, lhe perguntar se já tinha ouvido falar neste termo. Todos, sem exceção disseram que sim e apresentaram suas concepções como o exemplo da senhora Julia que identifica o turismo como “um passeio bom, um divertimento, conhecer outro lugar, conhecer outras pessoas, né?! Ter intimidade, fazer amizade.”.

“Ah! É cada lugar pra se conhecer!” finaliza senhora Morgana.

e) Qualidade de vida é tudo de bem!

Assim como o questionamento sobre o turismo, perguntou-se aos idosos se já tinham ouvido falar em qualidade de vida. Apenas a senhora Júlia disse não saber do que se tratava.

Os demais apresentaram o seu parecer identificando qualidade de vida sob aspectos variados. Para os idosos 01, 06, 05, e 10 (Anexo H), qualidade de vida envolve um sentimento pessoal como saber viver, ser otimista, honesto, sincero, não mentir, amar as pessoas, querer o bem.

Para a maioria (entrevistas 02, 03, 07, 08, 09, 11, 12, 13 e 14- Anexo H) está vinculada a questões de posse, saúde e convivência, como comenta os comentários a seguir:

- conforme senhora Helena: “qualidade de vida é a pessoa ter sua casa própria, ter uma família bem estruturada, que é necessário, ter boa saúde”.

- senhora Diva acredita que seja “melhorá de vida, eu ter o meu conforto e boa companhia pras coisas”.

- para Celso “é conviver, ter uma qualidade melhor, riqueza, poder”.

Percebe-se que as concepções são as mais variadas e possuem íntima relação ao contexto de vida vivenciado por muitos idosos, inclusive quando se trata de relacionamento como associa Fabiano: “qualidade de vida é o cara viver tranqüilo, sem maldade. Olhar olho no olho. Pode a pessoa ter um montão de dinheiro, mas não tem aquela atitude, aquela personalidade”.

Independente das variações todos vinculam qualidade de vida a opinião mencionada por Mauricio identificando-a como “acho que não é nada de mal, é tudo de bem!”.

f) Ai, que falta me faz!

Após se ouvir parte das histórias de vida dos idosos, conhecer suas idéias, preferências e vivências, realizou-se dois últimos questionamentos como fechamento da entrevista. O primeiro faz com que o idoso, após recordar vivências de sua vida, expresse e sintetize o que hoje ele mais sente falta em sua vida. A grande maioria (entrevistas 01, 03, 04, 05, 07, 08 e 14- Anexo H) citou com muita emoção a falta que sente de algum ente querido, normalmente da mãe ou do marido.

Há quem sinta falta de uma família, a qual tentou constituir sem obter êxito e harmonia. Outro, sente falta de suas pernas. Para o senhor Juremias, que começou a trabalhar desde muito pequeno, sente falta de trabalho. Senhor Rubens, que gosta muito de conversar, sente falta “de integração com as pessoas” e finalmente a senhora Helena relembra uma imagem vivenciada em sua infância, na cidade onde foi criada mencionando: “eu sinto falta é da minha casa [...]. Do lugar, da cidade. Antes tinha muito campo e quando chovia ficava tão lindo, bem verdinho! Então quando chove eu lembro”.

g) Hoje o que mais quero é...

A última questão a ser abordada durante a entrevista é a que incita os idosos a pensarem em sua vida a partir daquele momento, do presente para o futuro. Para tanto, perguntou-se: hoje o que mais quero é...

Algumas respostas (04, 05, 06, 07, 10, 11, 12 e 14- Anexo H) expressaram o mesmo objetivo, vinculando-se a harmonia do local onde vivem: “o meu maior desejo é que eu não brigue com ninguém. Não vou discutir, vou fuçar quieto”, diz senhor Mauricio. Manter uma convivência em harmonia parece ser o desejo de muitos como menciona senhora Julia: “eu desejo saúde, paz e me dar bem com todo mundo. Esse negócio de diz que me diz, eu não sei não”. Ao se referirem ao desejo de melhor conviver os idosos mencionaram as palavras paz de espírito e harmonia como desejos.

Há quem direcione seus desejos em benefícios dos netos (entrevistas 02 e 03- Anexo H) e há quem ainda deseje conhecer outros lugares como o senhor Juremias que busca “ter saúde, que eu possa viver e ver alguma coisa que não vi. Talvez algum lugar que não conheço, sempre tive vontade de ir a lugares pra curtir, pra conhecer gente”.

E finalmente há quem expresse o seu desejo de uma companhia, como expressa Morgana: “bons amigos, namorados, amantes, bandidos como diz aquela musiquinha. Me visitar, viajar, sair, passear...Mas tudo eu no meu cantinho e ele no dele, porque eu tenho tudo aqui”.

Após essas observações percebe-se que a vida não termina aos 60, 70, 80, 90...anos. A vida segue até o último suspiro e sempre é tempo para desejos, lembranças, novos conhecimentos e novas vivências. Dona Odete passou a ter certeza disso e viu que seus problemas fazem parte da trajetória de vida de muitos outros indivíduos e mesmo assim, sempre se encontra um sopro de esperança, força e desejos dentro de si.

7. NOVAS DESCOBERTAS

Após realizar as entrevistas no asilo; ler, reler, descrever e analisar as informações adquiridas, dona Odete teve a sensação de que não estava mais tão só em seus pensamentos e sentimentos. Em muitas das histórias ouvidas pôde perceber certa semelhança a sua trajetória de vida, envolta a momentos de felicidade e tristeza, “altos e baixos”. Voltou-se a todo o material até então por ela elaborado e decidiu que era o momento de tentar encontrar relações ou disparidades entre as teorias, que serviram de base e incentivo ao conhecimento e desenvolvimento de seu estudo, e a análise que realizou sobre as informações recolhidas em sua pesquisa no asilo. Esse desenvolvimento lhe fez refletir sobre as indagações que nortearam sua pesquisa e quem sabe a partir de agora dona Odete consiga amenizar suas inquietudes encontrando respostas.

Lembra-se que seu questionamento inicial era saber **se o turismo inserido na programação anual de um asilo contribui para melhoria da qualidade de vida dos idosos e o que estes idosos pensam sobre o turismo**. Escolheu-se o Asilo Padre Cacique para esta verificação e diante desta indagação originou-se a investigação com suas questões de pesquisa elaboradas em comum acordo aos objetivos do estudo e no aguardo de resoluções aos seus questionamentos.

A opção de se trabalhar com história oral de vida vai de encontro a um elemento muito presente durante o envelhecimento constituído pela memória. Associada a lembrança, Bosi (1994) comenta que a memória remete a formação de imagens do passado, sofrendo influências das representações dos indivíduos diante de um tempo presente. Como já foi mencionado, o tempo presente dos idosos pesquisados é vivenciado dentro de um asilo, o que pode provocar profundas modificações nas formas de ser e sentir destes indivíduos que afastam-se de suas casas, familiares, amigos e até mesmo de sua identidade enquanto ser humano pertencente a sociedade como um todo.

Goffman (2005) comenta sobre as instituições totais como local onde indivíduos residem de maneira semelhante e afastados do ambiente social, vivendo de forma fechada e formalmente administrada. Cientes das mudanças provocadas pela transição de uma “vida social” para uma “vida asilar”, é possível perceber a preocupação dos profissionais do Asilo Padre Cacique em proporcionar um ambiente “aberto” a interação e participação de seus moradores junto a comunidade, na tentativa de desmistificar preceitos e preconceitos estabelecidos aos idosos e sua vivência dentro de uma instituição asilar.

Viu-se que a partir da formação de uma equipe multidisciplinar passou-se a oferecer um universo de serviços que pudessem atender os idosos sobre seus diversos aspectos. Dentre estes, criou-se uma programação anual de atividades incluindo propostas de lazer e de turismo ocorrendo dentro e fora da instituição com o intuito de promover a participação e interação dos idosos. Percebe-se que o desejo dos profissionais é de oferecer momentos de prazer, alegria, descontração, interação, integração e participação dos moradores, sem que estes passem o dia completamente em frente a televisão e/ou ociosos, aguardando pelo fim de sua vida. Na visão dos profissionais a vida não acaba no momento em que se entra em um asilo, mas segue de maneira contínua, podendo ser permeada de motivações e vivências. Pelas informações prestadas na pesquisa, as atividades são estabelecidas conforme observação dos profissionais e diante da interação destes junto aos idosos, na tentativa de descobrir seus desejos, interesses, ouvir sugestões para então se criar e promover o calendário com a programação instituída. Esta também sofre influência da disponibilidade de recursos humanos voluntários que possam utilizar de suas habilidades e conhecimentos para coordenar as atividades, estimular a participação dos idosos e promover trocas sociais.

Quanto a realização dos passeios com os idosos para fora da instituição, foi mencionado que o seu planejamento leva em consideração os riscos envolvidos, a necessidade de acompanhamento de voluntários e funcionários do asilo, o estabelecimento do transporte para locomoção, distância a ser percorrida e horários para sua realização. Muitos passeios ocorrem a partir de convites feitos por empresas outros, são estabelecidos pela própria instituição. Pelo menos uma vez ao ano, há a intenção de levá-los a um local mais longínquo, ainda assim não muito distante, para que possam aproveitar mais a localidade e cansar-se menos dentro de uma condução. Os transportes, geralmente ônibus, são com características comuns, sem nenhum tipo de adaptação para idosos e/ou cadeirantes. Crê-se que diante das dificuldades de se adquirir um meio de locomoção a ser oferecido por alguma empresa ou entidade, a existência de um ônibus adaptado passa a ser surreal. O mais importante é que os idosos tenham a oportunidade de sair, conhecer novos lugares, participar de festejos e sentir-se integrado a sociedade, independente da adaptação ou não do transporte. A escolha pelo local de visitação dá-se pelos profissionais do serviço social após conversarem informalmente com os idosos do asilo identificando suas motivações. Percebe-se a preocupação por escolha de locais onde consigam envolver a participação dos cadeirantes. Tudo é planejado em termos de transporte, alimentação, acompanhamento de voluntários e enfermeira, atrativo da localidade visitada e a promoção do bem-estar ao idoso. Crê-se que diante das dificuldades enfrentadas por uma instituição filantrópica para manter cerca de 150 idosos como moradores,

a intenção de se realizar passeios para fora do asilo é de grande valia pelos objetivos de se promover a vivência de novas experiências, interação e a manutenção do vínculo social. Quanto ao planejamento das ações propostas acredita-se que vai de encontro aos mencionamentos de Molletta (1999) no que diz respeito aos elementos envolvidos no processo e elaboração de um planejamento de turismo voltado para idosos levando-se em consideração a infra-estrutura básica, acessos, equipamentos, serviços, alimentação, atendimento médico e transporte. É claro que o autor refere-se ao planejamento de um turismo mercadológico destinado a oferta para grupos de terceira idade. Mesmo assim, crê-se que as iniciativas atribuídas pelos profissionais do asilo ao se realizar o planejamento dos passeios ocorrem de uma forma organizada e atendendo, na medida do possível, os principais elementos necessários para sua elaboração.

Quanto a concepção apresentada pelos profissionais do asilo em relação ao turismo, percebe-se a rápida motivação dos indivíduos em relacioná-lo a viagem e ao fato de se conhecer lugares diferentes. Em seguida surge a associação do turismo ao passeio que o asilo elabora e promove aos idosos. Os profissionais consideram o turismo como atividade importante e essencial aos idosos asilados chegando a mencionar a possibilidade das visitas ocorridas dentro da cidade de Porto Alegre como uma prática de turismo através de saídas para teatros, parques, cinemas, etc. Esta forma de se pensar o turismo está em equiparidade a proposta do projeto Turista Cidadão, deslocando-se a locais mais próximos, dentro de sua própria cidade ou redondezas para se exercer uma prática social e turística. Esses mencionamentos são importantes para se conhecer a visão destes profissionais que demonstram uma preocupação em elaborar as saídas não somente pelas intenções e solicitações de uma diretoria institucional, mas pela relevância que atribuem a esta realização em benefício aos idosos. Talvez esse seja o elemento humano que Krippendorf (2001) e Marutschka (1999 e 2004) se referem ao se posicionarem em desacordo a redução do turismo a uma simples atividade econômica. Outro direcionamento prestado a esta atividade é o seu favorecimento ao bem-estar do idoso, possibilitando a convivência e interação coletiva, distração, diversão e melhora na sua qualidade de vida.

A qualidade de vida engloba outro aspecto posicionado por esta pesquisa o qual os profissionais do asilo consideram como bem-estar pessoal, promoção da saúde, espiritualidade, alimentação, atendimento médico, passeios, turismo, viagens, trocas de idéias e convívio. Já foi mencionado ao longo deste trabalho a dificuldade de se definir um conceito em relação a qualidade de vida por envolver ideais muito subjetivos dos indivíduos. De qualquer forma, Lopes (1996) e Knorst (2002) compartilham da mesma definição de

qualidade de vida apresentada pelos profissionais identificando-a como sensação de bem-estar físico e mental dos indivíduos e interação. Os autores complementam, porém com a possibilidade de autonomia, independência, desenvolvimento social, assistência médica, social, questões socioeconômicas e ambientais as quais estão inseridos os indivíduos. Para os profissionais, dentro das condições possíveis oferecidas pelo asilo consegue-se atender as necessidades dos idosos proporcionando o seu acesso as principais necessidades dos seres humanos quanto a alimentação, moradia, atendimento médico, lazer, vestuário, etc.

Estas foram as concepções apresentadas pelos profissionais planejadores e gestores do asilo. Faz-se importante também discutir as categorias identificadas nas falas dos idosos na tentativa de interpretar suas informações e responder as questões abordadas nesta pesquisa.

O resgate da história de vida dos idosos retratou variados aspectos de sua trajetória. Ao mencionarem algumas lembranças sobre a infância, geralmente a recordaram com carinho, expressando sorrisos ao lembrar das brincadeiras que exerciam. Algumas destas fazem parte das atividades de lazer oferecidas pelo asilo como o teatro e a dança. Pular, correr e subir em árvore, por exemplo, são tarefas difíceis de se realizar com o passar dos anos, mas talvez se pudesse resgatar algumas brincadeiras do passado desses idosos realizando uma festividade especial como “Dia do brincar” ou qualquer outro nome. Seria necessário realizar um levantamento mais aprofundado entre os idosos sobre as brincadeiras que realizavam quando crianças. De posse destas informações, instituir uma data a qual será realizada a festividade com a possibilidade dos idosos executarem diversas brincadeiras de seu passado como jogar bola de gude, dominó, cartas, fantoches, etc. Todas estas estariam dispostas em um mesmo local, no caso o refeitório, a disposição destes moradores. Sabe-se que a alimentação deve ser desenvolvida através do parecer nutricional, mas talvez pudesse agregar a este dia alimentos não usuais como cachorro-quente, pipoca, etc. Talvez essa iniciativa fosse adequada ao se comemorar o dia das crianças, realizando-se uma festividade temática e repleta de diversões e interatividade. Lembra-se que ao mencionar um local que gostaria de visitar, há quem tenha dito gostar de diversão, inclusive expressou o seu desejo de ir a um parque (Beto Carreiro). Quem sabe esta não seja uma forma de se incluir uma nova atração ou atividade de lazer ao asilo, utilizando-se da animação como incentivo para o idoso asilado se liberar ou, conforme menciona Krippendorf (2003) “dar-lhe liberdade de se tornar ativo. A animação deve contribuir para eliminar as barreiras e desenvolver o prazer da descoberta e o desejo de contatos, permitindo assim, que o indivíduo saia do isolamento” (176).

Lembra-se também que alguns idosos mencionaram o fato de terem iniciado sua vida laboral ainda crianças, de forma que o trabalho e a brincadeira ocorriam de maneira paralela.

Nota-se a evidência do que já foi mencionado neste estudo sobre a ausência de uma educação para o lazer, enfatizando-se a importância e a necessidade do seres humanos se prepararem para uma vida produtiva. Concorda-se com Marcellino (1995) quando este também considera relevante o fato do indivíduo preparar-se para a produção; mas o autor menciona Brightbill para referenciar a importância de se buscar mais tempo não somente para se produzir como também para melhor viver a vida e isso poderá ocorrer através de uma educação para o lazer, revendo-se as concepções de sucesso instituídas pelos indivíduos e alterando muitos dos valores normalmente estabelecidos.

A trajetória de vida percorrida pelos idosos misturam-se as histórias de vida de muitos indivíduos sendo permeada de brincadeiras, trabalho, inconstâncias quanto ao relacionamento familiar, tristezas com as perdas, alegrias com as conquistas, lembranças e vivências únicas e exclusivas para cada ser humano. Isso prova que a velhice é realmente mais uma etapa da vida a qual vai se agregando cada vez mais experiências. Segundo Teixeira (1998), deve-se lembrar que a maneira como os indivíduos percebem e se adaptam aos acontecimentos da vida possui forte influência na obtenção e vivência de uma velhice saudável. Os relatos de vida pelos idosos mencionados retratam a forma como foram educados, como reagiram diante dos acontecimentos vividos, o que sentiram, no que acreditam e como pensam e se identificam diante da vida e isso reflete diretamente em suas concepções, inclusive a respeito das indagações do estudo sobre o turismo e a qualidade de vida.

Ao se tratar sobre as motivações para o ingresso do idoso ao asilo, todos mencionaram estarem ali por opção própria. Sabe-se porém, que nas entrelinhas desta frase há motivações ainda maiores como dificuldades financeiras, solidão pela morte de familiares, sentir-se um peso para a família, etc. A questão de adaptação do idoso ao ambiente asilar pode ser um processo difícil pois, conforme Lima (s/d), passa-se a vivenciar uma nova realidade com estabelecimento de regras e permanente convivência coletiva, dificultando a possibilidade do idoso manter sua privacidade e individualidade. Viu-se porém que para grande parte dos idosos entrevistados o processo de adaptação pareceu ter ocorrido de forma amena e sem maiores dificuldades. Referem-se constantemente ao fato de encontrarem no asilo o atendimento de suas necessidades essenciais como alimentação, atendimento médico, odontológico, etc. Há, no entanto, que se fazer referência aos problemas de relacionamento entre os idosos do asilo, mencionados tanto pelos moradores como pelos profissionais. São problemas ocasionados pela constante convivência coletiva, gerando desconforto e aborrecimento a muitos indivíduos que atuam como moradores ou profissionais no asilo. Para

Goffman (2005) estar inserido a um ambiente com pessoas que o indivíduo não escolheu e ainda ter que compartilhar suas vivências cotidianas, envolve muita ansiedade e o sentimento de perda da liberdade. A verdade é que conviver por um período prolongado com família ou amigos já é difícil para qualquer ser humano, imagine se este estiver inserido em um ambiente asilar, convivendo de maneira coletiva em diversos ambientes como quarto, banheiro, refeitório, etc. Entre os entrevistados ocorreu uma fala que parece propícia a esta situação mencionando que “aquelas que a gente pensa que não gosta da gente ou a gente não gosta delas, não é isso. Eu penso comigo que a pessoa ta cansada de viver aqui, então, não é por doença, não é por nada, é mania”.

Referindo-se as atividades de lazer, nota-se a existência de um calendário com variadas opções e horários de realização. No entanto, ao tratarem sobre o que gostam de fazer dentro do asilo, grande parte mencionou o prazer que sente em realizar alguma atividade laboral. Cortelleti, Casara e Herédia (2004) chegaram a mencionar a importância do idoso sentir-se útil ao ambiente inserido, de forma que a instituição asilar deve permiti-lo realizar alguma tarefa quando este possuir condições físicas e psicológicas para esta atuação. É exatamente o que está acontecendo no Asilo Padre Cacique. Os idosos que desejam contribuir com a execução de algum tipo de trabalho dentro do asilo são estimulados a realizarem conforme sua disponibilidade e desejo. Mais uma vez, percebe-se a importância que os seres humanos atribuem ao trabalho como forma de sentir-se útil, valorizado e participativo. As atividades de lazer oferecidas são bem-vindas aos idosos, mas percebe-se que sua participação restringe-se a poucas realizações. Cortelleti, Casara e Herédia (2004) mencionam que é comum a diminuição da realização de atividades de lazer e ocupação do tempo livre ao se ingressar ao asilo. Acredita-se, no entanto, que pelo menos para estes idosos esta teoria parece não se confirmar. Pelas informações mencionadas nas entrevistas todos os idosos participam de pelo menos uma atividade proposta pelo asilo e quando não participam das demais, isso geralmente ocorre por algum problema de saúde ou por estarem ausentes no momento de sua realização, preferindo realizar atividades externas a instituição como passear pelo shopping, ir ao supermercado, andar pelo centro da cidade, etc. Diante de toda programação de lazer elaborada, nota-se que alguns idosos ainda efetuam sugestões para a adaptação de espaços onde possam ver ou realizar outras atividades como a existência de um Centro de Tradições Gaúchas, um palco para apresentações artísticas e uma quadra de vôlei. As mesmas autoras mencionadas anteriormente comentam sobre a relevância de se propor alternativas que possam contribuir qualitativamente a realidade asilar, estimulando aspectos físicos, intelectuais, religiosos e sociais que motivem o idoso a sua participação e ao convívio social.

A verdade é que os idosos entrevistados demonstraram sua preferência pela possibilidade de se realizar atividades fora do asilo, na participação dos passeios oferecidos. Normalmente o principal motivo que os impeçam de acompanhar refere-se a algum problema de saúde. É claro que nem todos demonstraram ir a qualquer passeio oferecido, participando conforme seu gosto na escolha por praia ou serra, por exemplo. O certo é que gostam de sair, conhecer novos lugares, conversar com as pessoas, interagir e distrair-se. Durante os passeios é comum não se perceber muita empolgação dos idosos. Alguns ficam quietos, preferem observar, não se movimentam muito, mas sempre vão. Chega-se a ficar em dúvida se realmente gostaram, mas ao retornarem ao asilo, geralmente comentam com os demais todos os acontecimentos do passeio expressando sua satisfação. Os passeios realizados provocam lembranças marcantes na memória de cada um, sendo estas por motivos positivos ou negativos. O que se percebe é que sempre há uma história para contar do passeio e isso gera interação. Ao informarem o lugar que gostariam de visitar muitos citaram locais que remetem a natureza, talvez porque possa lhe trazer lembranças de momentos vividos no interior do Estado, visto que a grande maioria dos entrevistados não é natural de Porto Alegre, ou simplesmente por se sentirem bem em meio a flora. Outros gostariam de rever locais já visitados na serra gaúcha e há quem queira ir para locais mais distantes, em outros estados brasileiros. Diante de todos estes aspectos mencionados sobre os passeios, há idosos que vinculam a sua realização como prática de turismo, identificando-o como um lazer sadio. Além de passeio, os termos mais utilizados para sua concepção foram: viagem, conhecer outros lugares e pessoas e se divertir. É um local onde se conhece algo, uma novidade e onde talvez se estabeleçam novos amigos. Diferente dos mencionamentos dos profissionais, nenhum idoso expressou de forma clara a concepção de turismo vinculada a algum passeio que possa ser realizado dentro da cidade de Porto Alegre. Mesmo quando atribuem o termo passeio para designar o turismo se percebe que este refere-se a uma prática realizada em local que envolva certa distância da cidade em que se vive. Isso parece claro na descrição das falas apontadas no item 6.17. A idéia de que turismo remete ao conhecimento de outro local vem de encontro a possibilidade de que esta prática oferece para a vivência de novas experiências, conforme mencionam Fromer e Vieira (2004) considerando-o “um instrumento ativo de conhecimento e participação social. Um fenômeno propiciador de experiências distintas e contrastivas daquelas experimentadas no dia-a-dia”, podendo proporcionar ainda o autoconhecimento, elevação da auto-estima e realização pessoal. O turismo para a maioria destes idosos tem um significado positivo, chegando-se a mencioná-lo como vida e tornando-se muitas vezes um fato marcante e inesquecível. Quase todos falavam sobre o turismo

expressando satisfação com exceção de uma idosa que se demonstrou desconfortável ao tratar do assunto por sentir-se insegura, afirmando que este gera muita confusão. Talvez esta senhora se sinta desta forma por apresentar uma deficiência visual que a impede de sair desacompanhada e por afirmar em situação anterior que gosta de sair, mas só vai se tiver alguém que fique sempre junto e que lhe transmita segurança. Diante da consideração que muitos idosos fizeram relacionando o turismo ao fato de se conhecer novos lugares, pode-se perguntar por que motivo esta senhora, que muito pouco enxerga, ainda participa de quase todos os passeios? A resposta surge com sua declaração de que não sente mais prazer para muita coisa, mas sair ela ainda gosta. É possível que uma pessoa como esta idosa que passa grande parte do tempo em sua cama sinta falta de interagir, conversar, saber o que está acontecendo a sua volta, sentir um ar diferenciado e vestir-se para uma ocasião especial como a realização das saídas. Seja pela realização de um turismo ou por um passeio o importante é que as “saídas” ainda despertam nesta senhora a motivação para se realizar uma atividade fora de seu cotidiano.

Com relação ao questionamento sobre qualidade de vida, percebeu-se um conjunto de elementos que foram citados relacionando-a, principalmente, ao sentimento de posse material, saúde e convivência. Para os autores referenciados no item qualidade de vida abordado neste estudo, definir o seu significado parte de uma opinião muito pessoal. Normalmente vinculam a sensação de bem-estar e satisfação pessoal sentida pelos indivíduos, além do bom estabelecimento de sua saúde. As referências mencionadas pelos idosos talvez tenham vínculo ao seu passado, há uma vida de trabalho que pode ter lhe possibilitado adquirir ou não bens materiais desejados, o fortalecimento da estrutura corporal intensificada durante a juventude ou a interação mais ativa que realizada antes de se entrar no asilo. Todos identificaram a qualidade de vida como algo bom e positivo, o que não quer dizer que acreditem possuir esta qualidade. Quando mencionavam de forma direta a suas vidas diziam que estas envolviam a qualidade de vida de maneira parcial, dependendo do dia e dos acontecimentos. Interpreta-se como algo que se adquire ou perde conforme o dia vivenciado pelos idosos.

Sintetizando as lembranças apresentadas de suas vidas os idosos mencionaram o que hoje mais sentem falta. Nota-se que grande parte das respostas refere-se a ausência de pessoas, sejam estas mães, maridos, esposas ou o estabelecimento de uma família. Sentir-se útil e com papéis sociais também surge nas falas que mencionam a falta de emprego e a falta de membros corporais que pudessem lhe proporcionar maior atividade e movimentação para auxiliar no que fosse preciso. Para Vitola (1997), perdas que se tornam marcantes na vida dos

indivíduos podem alterar seus sentimentos e gerar insegurança, fazendo com que o idoso viva somente de recordações de seu passado, temendo a realidade vivenciada no tempo presente e a proximidade do futuro o qual só consegue visualizar a morte.

Diante as considerações apresentadas no último questionamento proposto, referindo-se ao que o idoso mais deseja em sua vida, as idéias apresentadas não seguem os mencionamentos de Vitola (1997). Em nenhum momento algum idoso mencionou qualquer palavra que se referisse a desesperança ou a falta de visualização de seu futuro. E este foi um questionamento que teve como propósito identificar que tipo de perspectivas os idosos possuem de seu momento atual em direção ao futuro. Nota-se que novamente questões relativas a relacionamento surgem nas falas, demonstrando o desejo dos idosos viverem em harmonia. Este está vinculado a um desejo presente, projetando um futuro espiritualmente mas tranqüilo. Mas há quem faça projeções futuras, na vontade de se conhecer novos lugares e a esperança de se encontrar uma companhia.

Ao tratar sobre a vivência de idosos em asilos Lima (s/d) comenta que estes indivíduos passam a ter a sensação de tempo estagnado e o sentimento de solidão vivendo em um mundo sem projetos de vida, significado pessoal e a espera da morte. Diante das referências mencionadas nas entrevistas deste estudo, as vivências e os ideais de vida dos idosos do Asilo Padre Cacique que contribuíram com a pesquisa não parecem fazer parte da concepção do autor. Vê-se idosos que ingressam ao asilo por motivos diversos, mas que não mantêm-se estagnados diante de suas vidas realizando atividades laborais, de lazer, turismo e conseguindo visualizar perspectivas para o seu futuro através de algum aspecto que possa lhe proporcionar prazer e realização. É importante, no entanto, lembrar as limitações encontradas neste estudo que apresenta um caráter de transversalidade, definição de um estabelecimento para estudo, delimitação de um público-alvo para a obtenção de informações e a interpretação realizada por esta pesquisadora que apresenta sua visão diante dos acontecimentos que poderia ser diferenciada caso fosse analisada por outro investigador. São características permitidas pela subjetividade existente em pesquisas qualitativas, sem a existência de modelos estatísticos e matemáticos propostos pelo estudo de corte quantitativo.

Após todas as considerações mencionadas é momento de voltar-se as inquietações que acompanharam dona Odete durante sua pesquisa. Os objetivos por ela traçados estiveram sempre presentes em sua convivência junto aos atores principais desta história. A busca pela sua obtenção visa responder a questões de pesquisa que vão de encontro a motivação inicial que serviu como norte para o desenvolvimento e a realização deste estudo. Ao pensar sobre tudo o que ouviu, observou, constatou, analisou e interpretou ao longo de seu trabalho dona

Odete lembra de sua trajetória de vida e compara a dos idosos entrevistados. Percebeu que os fatos ocorridos são únicos e exclusivos a cada indivíduo, mas as características traçadas na linha de vida de cada história são todas marcadas por inconstantes e alternadas vivências de felicidade e tristezas. Resolveu resgatar a lembrança de sua própria história de vida e assimilou as histórias dos idosos entrevistados como exemplo de projeções ao seu futuro. Pensou sobre as considerações informadas como qualidade de vida e nas concepções de turismo pelos idosos mencionados. Viu-se que a qualidade de vida é percebida por estes indivíduos como algo que não se tem de maneira constante, mudando a cada dia conforme os acontecimentos vivenciados na instituição. O turismo é entendido como o conhecimento de outro lugar, de outras pessoas; significando algo bom, chegando a ser mencionado como vida! Crê-se, portanto, que a inserção e realização de práticas de turismo na programação anual de um asilo possa contribuir a qualidade de vida dos idosos que estão sempre prontos a sair, passear, interagir e a conviver em grupos que acompanham e participam dos passeios, retornando ao asilo repleto de novidades e histórias que desejam compartilhar. Acredita-se que na visão dos idosos estes momentos vivenciados pelo turismo são momentos que contribuem para a sua qualidade de vida. Os passeios normalmente ocorrem dentro da capital visitando locais muitas vezes já conhecidos pelos idosos, pois estes já viveram ou passaram por ali. O diferencial poderá estar na forma como estes passeios poderão ser conduzidos, seguindo a proposta do projeto Turista Cidadão o qual sugere que os sujeitos interajam com o seu meio redescobrando o seu espaço através de uma nova leitura, um novo olhar. Muitos idosos mencionaram sua alegria pelo asilo ter proporcionado a visitação a locais próximos e rotineiros a população em geral, mas que para estes indivíduos muitas vezes é de difícil acesso, chegando a tornar-se uma novidade. Diante disso dona Odete se pergunta: por que não considerar esses passeios como uma prática de turismo? Por que não identificar estes idosos como possíveis turistas cidadãos?

8. REPRODUZIR OU MUDAR O RUMO DA HISTÓRIA?

Ao longo de toda a base teórica estudada, dona Odete constatou que a população mundial e especialmente a brasileira está passando por um acelerado processo de envelhecimento populacional, alterando as estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais dos países. Tem-se, portanto, uma nova visão do indivíduo idoso que há muito estava por ser esquecida. A valorização que já existiu ao indivíduo velho contrapõe-se a ênfase dada ao elemento novo tão marcada durante a modernidade. Chega a ser irônica a relação, mas após tantos anos de distanciamento, esquecimento e estereótipos vinculados aos idosos passa-se a falar, tratar, estudar, considerar e enxergar parte destes indivíduos na sociedade. É certo que a grande massa envelhecida que vem se formando possui muita influência a este processo, havendo uma participação maior dos idosos aos diversos aspectos socioeconômicos mundiais. Há, no entanto, outra questão a ser considerada e que pode ser compreendida nos mencionamentos de Rodrigues e Terra (2006) ao tratarem da imagem de um novo velho que passou a ser aceito como parte integrante da população. A este indivíduo, hoje encarado como dinâmico e ativo, é a hora de se aproveitar a vida no período pós-aposentadoria, mas sabe-se que grande parte dos aposentados sofrem com as conseqüências de redução de seus rendimentos financeiros tendo que partir em busca de um novo emprego podendo ou não obter êxito. Aos que conseguem se manter, por vezes chegam a se sentir perdidos diante de todo o processo de reconstrução de seu cotidiano e das modificações espaciais e temporais geradas pelo período “inativo”, conforme informa Assis (1998).

Hoje, são inúmeras as ofertas de produtos e serviços especializados e disponíveis aos idosos, enquanto segmento de mercado. Só o lazer e o turismo já inclui uma gama de oportunidades. O problema é que somos educados para o trabalho e não para o lazer. Desejamos tempo livre e quando o temos, não sabemos o que fazer. Parte-se então para um processo que exige educação para sua compreensão e a fruição prazerosa e isso deve iniciar o quanto antes para que os indivíduos não cheguem a velhice sentindo-se inúteis e sem encontrar prazer em suas vidas. Já há Grupos de Convivência e Universidades para a Terceira Idade que estão incentivando e promovendo mudanças na forma de pensar dos idosos, proporcionando-lhes momentos de informação, atualização, trocas de experiências, lazer, turismo e muito mais. Há, no entanto, os idosos que por diversos motivos dirigem-se a um asilo como única alternativa de sobrevivência ou como local onde estará quieto, sem perturbar ou incomodar ninguém, muito menos os seus familiares. Será que a estes indivíduos é

possível se realizar alguma atividade de lazer e de turismo que possam promover prazer e o seu desenvolvimento pessoal assim como a possibilidade de interação?

Através da pesquisa realizada no Asilo Padre Cacique é possível ver que sim e que as atividades de lazer e turismo ocorridas no local vem assumindo espaço e relevância cada vez maior ao cotidiano destes idosos. Este é um asilo que busca oferecer não somente moradia aos idosos, mas alternativas que possam incentivar a sua participação social, interação, elevação da auto-estima, desenvolvimento pessoal, bem-estar e, dentro das condições possíveis, por que não dizer qualidade de vida. Para obter maior êxito em seus objetivos, acredita-se, porém, que a instituição deverá despender uma maior atenção as questões vinculadas a relacionamentos entre os idosos incentivando-os a participarem da atividade de Grupo de Convivência, buscando profissionais que possam realizar palestras sobre o tema e quem sabe promover atividades que envolvam técnicas de desenvolvimento interpessoal. Crê-se que a existência da programação e realização de atividades de lazer e turismo no asilo mostra-se de grande relevância a esta questão, pois através das observações realizadas foi possível verificar uma intensidade quanto a conflitos e problemas de relacionamento ocorridas durante o período de férias destas atividades.

Diante de suas indagações respondidas dona Odete pôde perceber toda a complexidade que envolve o lazer, o turismo e os seres humanos, especialmente os idosos. Os indivíduos nascem, crescem e partem em busca de sua autonomia e independência. Os anos passam, valores de vida mudam e busca-se cada vez mais o elemento humano em todo o local inserido e todas as trocas realizadas. Os desejos dos idosos entrevistados são normalmente vinculados a necessidade de harmonia, de relacionar-se bem com os seus semelhantes. Sentem-se carente de atenção, de valorização, de trocas afetivas e de alguém que ouça suas histórias. Todos demonstraram satisfação por poder contar e ter alguém disposto a ouvir. Chegou-se a mencionar o alívio sentido por expressar e recordar sua vida. Com certeza viver em um asilo de idosos não é tarefa fácil para muitas pessoas, principalmente pela questão cultural estabelecida pela sociedade identificando-o de maneira depreciativa. O Asilo Padre Cacique está tentado mudar esta visão, mas sabe-se que nada ocorre sem o auxílio da comunidade, do poder público e de organizações privadas. Está se falando de seres humanos que tiveram uma vida como qualquer outro indivíduo que tenha a chance de vivenciar todas as suas etapas. Está se buscando alternativas para melhoria na qualidade de vida destes idosos e isto é uma questão de cidadania devendo ser de interesse e comprometimento de cada cidadão. As ações realizadas pelo asilo provam que o turismo não pode ser considerado somente pelo viés mercadológico, pois há um elemento humano em sua essência que clama

pela sua atenção. Dona Odete finaliza esta pesquisa com a sensação de que não há um ponto final, pois ainda há muito a ser feito dentro do turismo e muitas concepções precisam ser reavaliadas. A ênfase ao elemento humano parece surgir em alguns poucos mencionamentos sobre turismo social. Um turismo ainda obscuro, escondido, sem revelar muitos elementos de sua caracterização. Um termo o qual dona Odete passa a se perguntar se há turismo que não seja social? O que é considerado um turismo dito social? Que ações caracterizam sua constituição? Como ele acontece? Novamente dona Odete se encontra em momentos de inquietação. Questionamentos que parecem persistir a sua existência, acompanhando-a em seu percurso de vida. No Asilo Padre Cacique teve uma experiência maravilhosa! Uma experiência que lhe proporcionou reflexão, conhecimento, trocas de idéias, afeição e a certeza de que a vida é um ciclo vivenciado por seres humanos que podem percorrer caminhos semelhantes, mas usam de sua subjetividade e intuição para mudar o rumo de sua história. O Asilo Padre Cacique não é um modelo de reprodução de conceitos dirigidos as instituições deste porte, mas representa um exemplo a ser seguido pelas iniciativas executadas e pela visão humana de seus preceitos. Lembra-se que é muito difícil de se viver só e para se conseguir seguir adiante e com propósitos de vida, é necessária uma base de sustentação e o apoio de amigos. O Asilo Padre Cacique e os demais existentes no Brasil precisam cada vez mais do apoio de um ombro amigo. Este deveria ser oferecido pela comunidade, por empresas privadas e principalmente pelo poder público. Espera-se que os asilos destinados a idosos venham a ter muito amigos e que cada um possa gradativamente traçar a sua história.

REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca, 1997.
- ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do Cpdoc. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História.
- ANDRADE, José V. de. **Turismo**: fundamentos e dimensões. São Paulo: Ática, 2002.
- ARAÚJO, Cleida M. S. Turismo para terceira idade: refletindo o futuro. **Turismo – Visão e Ação**. Balneário Camboriú, Ano 3, n. 7, p. 9-30, out./2000- mar./2001.
- ARAÚJO, Ludgleydson F. de; CARVALHO, Virginia Ângela M. L. e. Aspectos sócio-históricos e psicológicos da velhice. **Mneme- revista da humanidade**, v. 6, n. 13, p. 1-9, dez 2004/ jan. 2005. Disponível em: <<http://www.seol.com.br/mneme/ed13/135.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2006.
- ARGIMON, Irani de L.; VITOLA, Janice. Aspectos psicológicos do envelhecimento. In: DORNELLES, Beatriz; TERRA, Newton L. (Org.). **Envelhecimento bem sucedido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- ARGIMON, Irani de L. et al. Atualidades sobre o idoso no mercado de trabalho. **Psicologia.com.pt**: O portal do psicólogo. 2006. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0300.pdf>> Acesso em: 29 ago. 2006.
- ARGOUD, João et al. **Auto-estima**. Porto Alegre: Nova Era, 1999.
- ASLAN, Ana. **Vencendo a velhice**. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- ASSIS, Mônica de. O envelhecimento e suas conseqüências sociais. In: Caldas, Célia P. **A saúde do idoso**: a arte de cuidar. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- BACAL, Sarah S. Turismo na terceira idade. **Turismo em Análise**. São Paulo, v. 3, n. 2, p. 75-82, nov. 1992.
- _____, Sarah. **Lazer e o universo dos possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003.
- BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Turismo).
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Trad. de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nove Fronteira, 1990.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac, 1998.
- _____. **Globalização do turismo**: megatendências do setor e a realidade brasileira. São Paulo: Aleph, 2003.
- BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

BETTINELLI, Luiz Antonio et al. Envelhecimento humano: aspectos bioéticos na relação profissional da saúde com os idosos. In: PASQUALOTTI, Adriano et al. (Org.). **Envelhecimento humano: desafios e perspectivas**. Passo Fundo: UPF, 2004.

BÓS, Ângelo, J. G. et al. Qualidade de vida do idoso. In: TERRA, Newton L. **Envelhecendo com qualidade de vida: programa Geron da PUCRS**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Kenny. **Padre Cacique: o pedinte sublime**. Porto Alegre: Já Porto Alegre Editores, 1998.

BRANDEN, Nathaniel. **Auto-estima: como aprender a gostar de si mesmo**. 39. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

BRASIL, **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html> > Acesso em: 30 nov. 2006. (BANCO DE TESES)

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidência/noticias>> Acesso em: 25 de nov. 2006.

_____. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/populacao/home.html>> Acesso em: 20 de dez. 2006.

BRASIL. **Nações Unidas no Brasil**. Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br/view_news.php?id=4726> Acesso em: 29 set. 2006.

BRASIL, **Política Nacional do Idoso. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Programa Nacional de Direitos Humanos**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, 1998.

BRUST, Gabriel. Uma revolução demográfica. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 4-5, 6 jan. 2006. Caderno Atualidade.

BULLA, Leonia C.; KUNZLER, Rosilaine B. Envelhecimento e gênero: distintas formas de lazer no cotidiano. In: DORNELLES, Beatriz; COSTA, Gilberto J. C. da (Org.). **Lazer, realização do ser humano: uma abordagem para além dos 60 anos**. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2005.

CABRAL, Benedita E. S. L. A superação das desigualdades na velhice: mais uma questão social no século XXI. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8, 2004, Coimbra. **Anais...** Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, 2004. Disponível em: <<http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=221&layout=abstract>> Acesso em: 21 nov. 2006.

CAMARGO, Luiz Octávio de L. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. O lazer é um perigo. **Revista Veja**, São Paulo, p. 7-10, 30 de jun. 1993. Entrevista concedida a Geraldo Mayrinx.

_____. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

CORTELLETTI, Ivonne et al. **Idoso asilado: um estudo gerontológico**. Caxias do Sul: Educus; Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

CERVO, Amado I.; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**. Trad. de Haroldo Netto. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHOPRA, Deepak. **Corpo sem idade, mente sem fronteiras: a alternativa quântica para o envelhecimento**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: _____ (Org.). **Antropologia e velhice**. Campinas: IFCH/Unicamp, 1994. (Textos didáticos, n. 13, mar. 1994).

_____; SIMÕES, Júlio A. A aposentadoria e a invenção da “terceira idade”. In: _____ (Org.). **Antropologia e velhice**. Campinas: IFCH/Unicamp, 1994. (Textos didáticos, n. 13, mar. 1994).

DE LA TORRE, Oscar. **El turismo: fenômeno social**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1992.

DE MASI, Domenico. Por mais horas de folga. São Paulo, 24 de mar. 1999. **Revista Exame**, São Paulo, 30 de mar. 1999. Entrevista concedida a Maria Luisa Mendes.

DEPS, Vera L. Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. In: NERI, Anita L. (Org.). **Qualidade de vida e idade madura**. São Paulo: Papirus, 1993.

DIAS, Ana Cristina G. Representações sobre a velhice: o ser velho e o estar na terceira idade. In: CASTRO, Odair, P. **Velhice, que idade é essa?: uma construção psicossocial do envelhecimento**. Porto Alegre: Síntese, 1998.

DOMICIANO, Sandra C. P.; ZAGABRIA, D. B. Uma percepção social da velhice. In: SIQUEIRA, Jose Eduardo (Org.). **Conhecer a pessoa idosa**. Londrina: UEL, 1997.

DOURADO, Márcia; LEIBING, Annette. Velhice e suas representações: implicações para uma intervenção psicanalítica. **Boletim do CRE**. Porto Alegre, ano VIII, n. 04, set. 2002. Disponível em: <<http://www2.uerj.br/~revispsi/v2n2/artigos/Artigo%204%20-%20V2N2.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2006.

DUARTE, Maria J. R. S. Autocuidado para a qualidade de vida. In: CALDAS, Célia P. **A saúde do idoso: a arte de cuidar**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FEATHERSTONE, Mike. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. In: DEBERT, Guita (Org.). **Antropologia e velhice**. Campinas: IFCH/Unicamp, 1994. (Textos didáticos, n. 13, mar. 1994).

FERRARA, Lucrecia. **Ver a cidade**: cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel, 1998.

FERRARI, Maria A. C. Lazer e ocupação do tempo livre na terceira idade. In: PAPALÉO NETO, Matheus. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini-Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Posigraf, 2004.

FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

FERICGLIA, Josep M. **Envejecer**: uma antropología de la ancianidad. Barcelona: Anthropos, 1992.

FROMER, Betty; VIEIRA, Débora D. **Turismo e terceira idade**. São Paulo: Aleph, 2003. (Coleção ABC do Turismo)

FUSTER, Luis F. **Teoria y técnica del turismo**. Madri: Nacional, 1974, v. I e II.

GAIARSA, José Ângelo. **Como enfrentar a velhice**. São Paulo: Ícone, 1986.

GASTAL, Susana. O produto cidade: caminhos de cultura, caminhos de turismo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C. **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. Identidades na pós-modernidade: a apropriação pelo turismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: INTERCOM- Sociedade Brasileira de estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br>> Acesso em: 26 jul. 2005.

GOFFMAN, Erwing. Manicômios, prisões e conventos. 7. ed. Trad. de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GLOBO. COM. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1387619-5598,00.html>> Acesso em: 5 jan. 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GOLDSTEIN, Lucila L. A produção científica brasileira na área da gerontologia: (1975 – 1999). **Rev. online Bibli, Prof. Joel Martins**, v. 1, n.1, p. 1-14, out. 1999. Disponível em: <<http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=221&layout=abstract>> Acesso em: 20 nov. 2006.

GROSSI, Patrícia K. et al. Idosos institucionalizados. In: DORNELLES, Beatriz; COSTA, Gilberto J. C. da (Org.). **Lazer, realização do ser humano**: uma abordagem para além dos 60 anos. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2005.

GUIDI, Maria L. M.; MOREIRA, Maria R. de L. P. (Org.). **Rejuvenescer a velhice**. Brasília: UnB, 1996.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. **A ideologia da velhice**. São Paulo: Cortez, 1986.

IGNARRA, Luiz R. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

IWANOWICZ, J. Bárbara. O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial. In: BRUHNS, Heloisa T. (Org.). **Temas sobre lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000. (Coleção educação física e esporte).

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JECKEL-NETO, Emilio A. Tornar-se velho ou ganhar idade: o envelhecimento biológico revisitado. In: NERI, Anita L. (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papyrus, 2001.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. Trad. de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1999.

LEITE, Eduardo Furtado. Adolescência e velhice, um comentário desde a mídia contemporânea. In: CONGRESSO INTERNACIONAL CO-EDUCAÇÃO DE GERAÇÕES, 2003, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SESC São Paulo, 2003, p. 1-10. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/91.rtf>> Acesso em: 20 nov. 2006.

LIMA, Maria A. X. C. O termo “institucionalização”. **Portal do Envelhecimento**. s/d. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.net/acervo/retratos/retratos3.htm>> Acesso em: 2 jan. 2007.

LOBO, Adelina S. **Terapia corporal no meio aquático com pessoas na terceira idade**. Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre: UFRGS, 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade de Caxias do Sul, 2000.

LOPES, Gustavo. Como se mede a qualidade de vida. **Tópicos em geriatria**. São Paulo, n. 1, p. 5, fev. 1996.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: Papagaio Ltda., 1987.

MALVEIRA, Maria Angélica B., NASCIMENTO, Nair M. R. do. Imagem corporal. In: DORNELLES, Beatriz. TERRA, Newton L. (Org.). **Envelhecimento bem sucedido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MAFFESOLI, Michael. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Trad. de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAFFIOLETTI, Virginia. Velhice e família: reflexões clínicas. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 336-351, set. 2005. Disponível em: < http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932005000300002&lng=es&nrm=is&tlng=pt> Acesso em: 20 nov. 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1995a.

_____. **Lazer e educação**. São Paulo, Papyrus, 1995b.

_____. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 2002.

McPHERSON, Barry. Envelhecimento populacional e lazer. In: CONGRESSO MUNDIAL DE LAZER, 5., 2000, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

MEDEIROS, Ethel Bauzer. **O lazer no planejamento urbano**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

MEIHY, José Calros S. B. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MEIRELLES, E. A. **Atividade física na 3ª idade**. 2. ed. Rio de Janeiro; Sprint, 1999.

MESQUITA, Samira N. de. **O enredo**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

MESQUITA, Paulo; PORTELLA, Marilene Rodrigues. A gestão do cuidado do idoso em residenciais e asilos: uma construção solitária fortalecida nas vivências do dia-a-dia. In PASQUALOTTI, Adriano; BETTINELLI, Luiz Antônio (Org.). **Envelhecimento humano**: desafios e perspectivas. Passo Fundo: UPF, Grupo de Pesquisa Vivencer, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes Ltda., 2003.

MOESCH, Marutschka, M. **A construção metodológica dialética**: por uma epistemologia do turismo. Porto Alegre: PUCRS, 1999. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

_____. **Epistemologia social do turismo**. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

MOLETTA, Vânia F., GOIDANICH, Karin L. **Turismo para terceira idade**. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 1999.

MOLINA, Sérgio. **Conceptualización del turismo**. México: Limus, 1991.

_____. Pós-turismo: novas tecnologias e novos comportamentos sociais. In: GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka M. (Org.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

MORAGAS, Ricardo M. **Gerontologia social**: envilecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas, 1997.

MOREIRA, Myriam L. C. Relacionamento familiar entre gerações. In: GUIDI, Maria L. M.; MOREIRA, Maria R. de L. P. (Org.). **Rejuvenescer a velhice**. Brasília: UnB, 1996.

MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. Rio e Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: NETO, Vicente Molina; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS; Sulina, 2004.

NERI, Anita L. Qualidade de vida no idoso maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In: NERI, Anita L. (Org.). **Qualidade de vida e idade madura**. São Paulo: Papyrus, 1993.

_____. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo. Papyrus, 2000.

NETO, Otavio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Voze, 2003.

PENNA, Fabiola B.; SANTO, Fátima E. O movimento das emoções na vida dos idosos: um estudo com um grupo da terceira idade. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 8, n. 1, p. 17-24, 2006. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_1/original_02.htm> Acesso em: 04/02/2007.

PESSINI, Léo. Envelhecimento e dignidade humana: ame o (a) idoso (a) que você é ou está nascendo em você! In: PASQUALOTTI, Adriano et al. (Org.). **Envelhecimento humano**: desafios e perspectivas. Passo Fundo: UPF, 2004.

PESSINI, Salete; SILVA, Maria J. P. da; VITORELI, Eliane. A auto-estima de idosos e as doenças crônico-degenerativas. **Revista Brasileira de Ciências do envelhecimento Humano**. Passo Fundo, v. 2 n. 1 – p. 102-114. Jan.-Jun. / 2005. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/20/13>> Acesso em: 4 jan. 2007.

PEIXOTO, Clarisse. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, Myriam. L. de (Org.). **Velhice ou terceira idade?**: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

REQUIXA, Renato. **Sugestões de diretrizes para uma política nacional do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

REZENDE, Joffre M. de. “Institucionalização” do idoso. **Linguagem Médica**. S/local. 15/10/2002. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.net/acervo/retratos/retratos3.htm#_ftnref1> Acesso em: 4 fev. 2007.

RODRIGUES, Nara C.; TERRA, Newton L. **Gerontologia social para leigos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SALES, Fabiana de Lima. **Educação patrimonial e o turismo**: o caso da aula no Museu Municipal de Caxias do Sul - RS. Caxias do Sul: UCS, 2006. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Programa de mestrado Acadêmico em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, 2006.

SENFFT, Maria D. Lazer saudável na terceira idade. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 69-78, 2006. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewarticle.php?id=73&layout=abstract> > Acesso em: 2 fev. 2007.

SILVA, Jerto C. da. Terceira idade e cidadania. In: CASTRO, Odair P. de (Org.). **Velhice, que idade é esta?**: uma construção psicossocial do envelhecimento. Porto Alegre: Síntese, 1998.

SIMÕES, Regina. **Corporeidade e terceira idade**: a marginalização do corpo idoso. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1994.

SOOCHEONG (Shawn) Jang A.; CHI-MEI Emily Wu. Seniors’ travel motivation and the influential factors: an examination of Taiwanese seniors. **Tourism Management**. Oxford, V. 27, n. 2, p. 306-316, abr. 2006.

SOUZA, Karla Cecília D. N. Construindo a identidade do idoso: de ator político a sujeito de direitos especial ou identificado. In: Encontro Preparatório do CONPEDI, 15., 2006, Recife. **Anais...** Recife: CONPEDI, 2006. Disponível em: <http://www.conpedi.org/manaus/arquivos/anais/recife/politica_karla_nunes_e_souza.pdf> Acesso em: 21 nov. 2006.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: Educs, 2004.

TEIXEIRA, Maria H. Aspectos psicológicos da velhice. In: CALDAS, Célia P. **A saúde do idoso**: a arte de cuidar. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TRIGO, Luiz G. G. **Turismo e qualidade**: tendências contemporâneas. Campinas: Papirus, 2003. (Coleção Turismo).

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

URRY, John. **O olhar do turista**. São Paulo: Sesc, 1996.

VARANI, Gisele. **Percepções sobre saúde, atividade ocupacional e relações sociais de pessoas acima de 50 anos que realizam treinamento de força**. Porto Alegre: PUCRS, 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, 2004.

VELOSO, Esmeraldina Maria da C. **Políticas e contextos educativos para o idoso: um estudo sociológico numa universidade da terceira idade em Portugal**. Braga: Universidade do Minho, 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Minho, 2004. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/1822/908>> Acesso em: 10 fev. 2007.

VERAS, Renato. P. Aspectos sociais e demográficos do envelhecimento: aspectos demográficos. In: Caldas, Célia P. **A saúde do idoso: a arte de cuidar**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

VITOLA, Janice de O. C. **Terceira Idade: tendência atualizante e sentido da vida**. Porto Alegre: PUCRS, 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, 1997.

VOZER, Rogério da C. et al. Atividades de recreação. In: DORNELLES, Beatriz; COSTA, Gilberto J. C. da (Org.). **Lazer, realização do ser humano: uma abordagem para além dos 60 anos**. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2005.

YIN, Robert. **Estudos de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

WERNECK, Christianne. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: UFMG, CELAR-DEF, 2000.

WITCZAK, Marcus V. C. **Envelhecer ao aposentar-se? Discutindo a aposentadoria masculina, o envelhecer e o subjetivar**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

ANEXOS

Anexo A- Síntese de estudos relacionados com lazer/turismo/terceira idade e/ou idosos asilados.

SÍNTESE DE ESTUDOS RELACIONADOS COM LAZER/TURISMO/TERCEIRA IDADE E/OU IDOSOS ASILADOS

Programas de Mestrado em	Data da defesa	Autor (a)	Nº de artigos analisados	Foco do artigo
Turismo e Hotelaria- Universidade do Vale do Itajaí- UNIVALI	01/02/2004	ARAÚJO, Cleida Maria Silva	Entre sonhos e realidade: um estudo sobre o turismo para a terceira idade com idosos residentes em Balneário Camboriú- SC	Investigar as motivações turísticas dos idosos de Balneário Camboriú.
	01/06/1998	SILVA, Fátima Sueli de Souza.	O comportamento psicossocial do turismo na terceira idade.	Conhecer o comportamento psicossocial dos turistas da terceira idade que frequentam as Faculdades Abertas para Terceira Idade nos bairros paulistas da Lapa, Perdizes e Sumaré.
	01/11/2001	GARCIA, Maria Tereza G.	Turismo na terceira idade: um mercado em potencial.	Avaliar, no município de São Paulo, o mercado de turismo para terceira idade e as atividades das pessoas deste segmento, especialmente as relacionadas ao turismo.
Ciências da Comunicação- Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo- ECA/USP	01/05/2002	SOUZA, Heloísa Maria Rodrigues.	Turismo na terceira idade: expectativas e realidades.	Investigar as expectativas das pessoas da terceira idade, pertencentes as classes média e alta de São Paulo, ao efetuarem viagens turísticas rodoviárias.
	01/06/2002	DE FELICE, Andréa	Turismo rural para terceira idade.	Discutir o planejamento da implantação do turismo rural como forma alternativa de turismo para terceira idade.
	01/05/2003	PIAZZI, Betty Fromer	Turismo para terceira idade: atuação das operadoras turísticas.	Investigar a atuação das operadoras turísticas quanto a oferta de produtos e serviços turísticos para a terceira idade.

ANEXOS

Anexo B- Síntese de estudos publicados em revistas especializadas relacionados com lazer/turismo/terceira idade e/ou idosos asilados.

SÍNTESE DE ESTUDOS PUBLICADOS EM REVISTAS ESPECIALIZADAS RELACIONADOS COM LAZER/TURISMO/TERCEIRA IDADE E/OU IDOSOS ASILADOS

Revista científica	Período	Nº de periódicos analisados	Nº de artigos analisados	Dados do artigo	Foco do artigo
Turismo em Análise	1992-2006	26	198	BACAL, Sarah S. Turismo na terceira idade. São Paulo, v. 3, n. 2, p. 75-82, nov. 1992.	Discutir a adequação de pacotes turísticos para a terceira idade, destacando a relevância de se deter o segmento dos aposentados para minimizar os efeitos de sazonalidade da oferta turística.
Turismo-Visão e Ação	1998-2006	22	155	ARAUJO, Cleida M. S. Turismo para terceira idade: refletindo o futuro. Balneário Camboriú, ano 3, n 7, p. 09-30, out. 2000/ mar.2001	Definir peculiaridades a serem observadas para definição e oferta de produtos turísticos destinados ao promissor mercado da terceira idade.
<i>Estudios y Perspectivas en Turismo</i>	1992-2006	27	164	_____	_____
<i>“Annals of Tourism Research”</i>	2002-2006	09	83	_____	_____
<i>Tourism Management</i>	1999-2006	43	392	SOOCHEONG (Shawn) Jang ^a ; CHI-MEI Emily Wu. <i>Seniors' travel motivation and the influential factors: an examination of Taiwanese seniors</i> . Oxford, v. 27, n 2, p. 306-316, abr. 2006	Delinear as motivações de viagem dos taiwaneses seniors e identificar as variáveis que mais influenciam essas motivações. Comentam que a indústria do turismo deve dar atenção ao mercado sênior pela sua relevância demográfica, gradativo poder aquisitivo e flexibilidade de tempo após a aposentadoria.
Caderno Virtual de Turismo	2001 - 2006	22	122	SENFFT, Maria D. Lazer saudável na terceira idade. Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 69-78, 2006.	Apresentar a ativa participação dos idosos, com estilo de vida esportiva, nos lazeres físicos e turísticos mostrando um envelhecimento saudável e em busca de melhor qualidade de vida

ANEXOS

Anexo C – Folder do Asilo Padre Cacique

" O importante é manter o idoso junto à sua família e comunidade recebendo o reconhecimento que merece. Mas se isso não for possível, ajude-nos a cumprir nosso objetivo, transformando esta instituição em um lar digno e capaz de atender às necessidades de todos moradores "

**Informações sobre admissões:
Segundas e Quintas - Feiras
Junto ao Serviço Social**



FAS: 3246.5367

Sociedade Humanitária Padre Cacique
Av. Padre Cacique, 1178- Cep: 90810-240
Fones: 3233.16.91 ou 3233.57.25
asilopadrecacique@portoweb.com.br
www.asilopadrecacique.org.br

Histórico

O Asilo Padre Cacique é mantido pela Sociedade Humanitária Padre Cacique, organização não governamental sem fins lucrativos, fundada em 12 de maio de 1892, pelo Padre Joaquim Cacique de Barros. Nossa missão é abrigar e proporcionar uma melhoria na qualidade de vida de idosos com carência social e econômica que não possuam família ou que estejam sofrendo agressões das quais não possam se defender.



Visitas:

Quartas, Sábados, Domingos e feriados.

Entre 15:00 e 17:00 hs

Para visitas em grupos solicita-se agendamento de horário.

Nossos Idosos

Temos 150 moradores, predominando o sexo feminino, a maioria não tem familiares diretos.



Somos uma entidade de longa permanência e damos atendimento nas seguintes áreas:

- Médico - Enfermagem - Fisioterapia
- Nutrição - Serviço Social - Odontológico
- Recreação - Psicológico - Assistência Espiritual

Como Ajudar

Expressa-se no cotidiano a necessidade de uma receita ordinária que permita manter e aperfeiçoar a qualidade de nosso atendimento. O valor imprevisível das doações não nos permite a desenvoltura de metas e objetivos em longo prazo. Você poderá ajudar das seguintes formas:

- ♥ Contribuições financeiras espontâneas na instituição
- ♥ Contribuição financeira através de carnês bancários, que podem ser solicitados pelo telefone 3233-7571 ou 3233-1691.
- ♥ Doação de gêneros alimentícios, tais como: leite, café, óleo, biscoito salgado, etc
- ♥ Doação de medicamentos e fraldas descartáveis
- ♥ Doação de agasalhos.

ANEXOS

Anexo D – Cronograma semanal das atividades de recreação e lazer.



CRONOGRAMA SEMANAL DAS ATIVIDADES DE RECREAÇÃO E LAZER

	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
9:30 às 10:30 Benção da Saúde	9:30 às 10:30 Domínio	15:00 às 17:00 Dança Livre	9:30 às 10:30 Ginástica	15:00 às 17:00 Bingo	15:00 às 17:00 Sessão Pipoca	15:00 às 17:00 Karokê
15:00 às 17:00 Aula da Criatividade	15:00 às 17:00 Jogo de Cartas (Pife)	15:00 às 17:00 Dia da Noticia (jornal)	15:00 às 17:00 Roda de Chimarrão	15:00 às 17:00 Enfermarias Animadas	15:00 às 17:00 Sinuca	15:00 às 17:00 Jogo de Dama
15:00 às 17:00 Trabalhos Manuais	15:00 às 17:00 Coral	15:00 às 17:00 Trabalhos Manuais	15:00 às 17:00 Teatro			

ANEXOS

- Anexo E – Termo de consentimento:
- Idosos do Asilo Padre Cacique
 - Profissionais do Asilo Padre Cacique



UCS
UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE MESTRADO ACADÊMICO EM TURISMO

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui orientado quanto aos objetivos da pesquisa de dissertação para o Programa de Mestrado Acadêmico em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, realizada por Luciana Raquel Babinski, fone: (51) 3336.8394 sob a orientação do professor Dr. Airton da Silva Negrine. Para este fim, declaro que estou participando espontaneamente da pesquisa, tendo conhecimento de que será preservado meu anonimato e que a pesquisadora irá apresentar os resultados finais de seu trabalho ao Asilo Padre Cacique.

Porto Alegre, de fevereiro de 2007.

De acordo,



UCS
UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE MESTRADO ACADÊMICO EM TURISMO

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui orientado quanto aos objetivos da pesquisa de dissertação para o Programa de Mestrado Acadêmico em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, realizada por Luciana Raquel Babinski, fone: (51) 3336.8394 sob a orientação do professor Dr. Airton da Silva Negrine. Para este fim, declaro que estou participando espontaneamente da pesquisa, autorizando a publicação das informações concedidas e tendo conhecimento de que a pesquisadora irá apresentar os resultados finais de seu trabalho ao Asilo Padre Cacique.

Porto Alegre, de fevereiro de 2007.

De acordo,

ANEXOS

Anexo F – Roteiro de entrevistas:

- Idosos do Asilo Padre Cacique
- Profissionais do Asilo Padre Cacique

MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA PROFISSIONAIS DO ASILO PADRE CACIQUE	
	Entrevista n°: Data:
Nome:	
Função:	
Tempo em que trabalha na instituição:	
Há quanto tempo existe a programação de atividades de lazer na instituição?	
No princípio, quais eram as atividades de lazer realizadas na instituição e de que forma elas aconteciam?	
Atualmente, quem realiza o planejamento dessas atividades?	
De que forma esse planejamento acontece?	
Você acha que a realização dessas atividades possa contribuir de alguma forma aos idosos? Como?	
Com relação as saídas/passeio com os idosos asilados para a realização de atividades fora da instituição, quando e como surgiu essa idéia? Quem a idealizou?	
Hoje, quantas saídas são realizadas por ano?	
O que determina a escolha do local?	
Com que recursos financeiros ocorrem as saídas?	
Quais os sujeitos envolvidos na programação dessas atividades? Há a participação de idosos e de voluntários? De que forma?	
Quais os sujeitos/empresas envolvidos para a realização das atividades externas?	
De que forma os idosos obtém conhecimento sobre o local escolhido para a visitaçãõ?	
Os idosos recebem informações prévias sobre o local a ser visitado? De que forma?	
Você acha que a realização dessas atividades possa contribuir de alguma forma aos idosos? Quais as contribuições e de que forma?	
O que é ter qualidade de vida para você?	
Qual sua concepção de turismo?	

MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA IDOSOS MORADORES DO ASILO PADRE CACIQUE	
	Entrevista n°: Data:
Nome:	
Idade:	
Cidade de origem:	
Tempo de permanência na instituição:	
Como ocorreu sua entrada na instituição?	
Qual é o seu cotidiano?	
O que mais gosta de fazer na instituição?	
O que menos gosta de fazer na instituição?	
Como era sua vida fora da instituição?	
Qual era sua ocupação?	
Foi casada? Possui filhos?	
O que mais gostava de fazer? E o que menos gostava?	
Como foi sua infância?	
Que brincadeiras praticava?	
Que atividades de lazer você atualmente gosta de participar? Quais gostaria de realizar?	
Realizava viagens? Para onde costumava ir?	
O que mais gostava de ver e/ou fazer no local visitado?	
Que locais gostaria de conhecer?	
Tem conhecimento das atividades programadas pela instituição? De que forma?	
Participa de alguma das atividades da programação?	
Qual atividade mais gosta?	
Qual atividade menos gosta?	
Há alguma atividade que gostaria que fizesse parte da programação?	
Você participou de alguma? Qual? Se a resposta for negativa: Por que?	

Você tem conhecimento dos passeios promovidos pelo asilo?
Que recordações possui da viagem?
Que atividades realizaram?
Como se sentiu? (se gostou ou não)
O que mais gostou da viagem?
O que menos gostou?
Há algo que gostaria de ter feito ou de ter visto que não foi possível? O que? Por que?
Havendo outra viagem, gostaria de participar, ou participaria novamente? Por que?
Que local gostaria de ir? Por que?
O que gostaria de ver e/ou fazer?
Qual sua concepção de turismo?
O que é ter qualidade de vida para você?
Hoje, o que mais sinto falta é...
Hoje, o que mais quero é...

ANEXOS

Anexo G – Síntese das Entrevistas: Profissionais do Asilo

**SÍNTESE DAS ENTREVISTAS:
PROFISSIONAIS DO ASILO**

Entrevista	Profissional	Ocupação	Data
01	Cristina Pozzer Mesquita	Diretora Técnica	25/01/2007
02	Isabel Cristina de Ávila	Estagiária (Serviço Social)	30/01/2007
03	Irmã Leônis	Religiosa	30/01/2007
04	Ana Maria de Palma	Estagiária (Serviço Social)	01/02/2007
05	Maria Antônia Silva	Estagiária (Serviço Social)	05/02/2007
06	Irmã Amábilis	Religiosa	05/02/2007
07	Alda Maria Miranda da Rosa	Voluntária	06/02/2007
08	José Adair Hoole da Rosa	Voluntário	06/02/2007
09	Júlio César Pinto	Diretor	06/02/2007
10	Maria Helena Pereira Lopes	Técnica de Enfermagem	07/02/2007
11	Michele Domingos	Estagiária (Serviço Social)	07/02/2007
12	Sérgio Alves	Estagiário (Serviço Social)	08/02/2007

ANEXOS

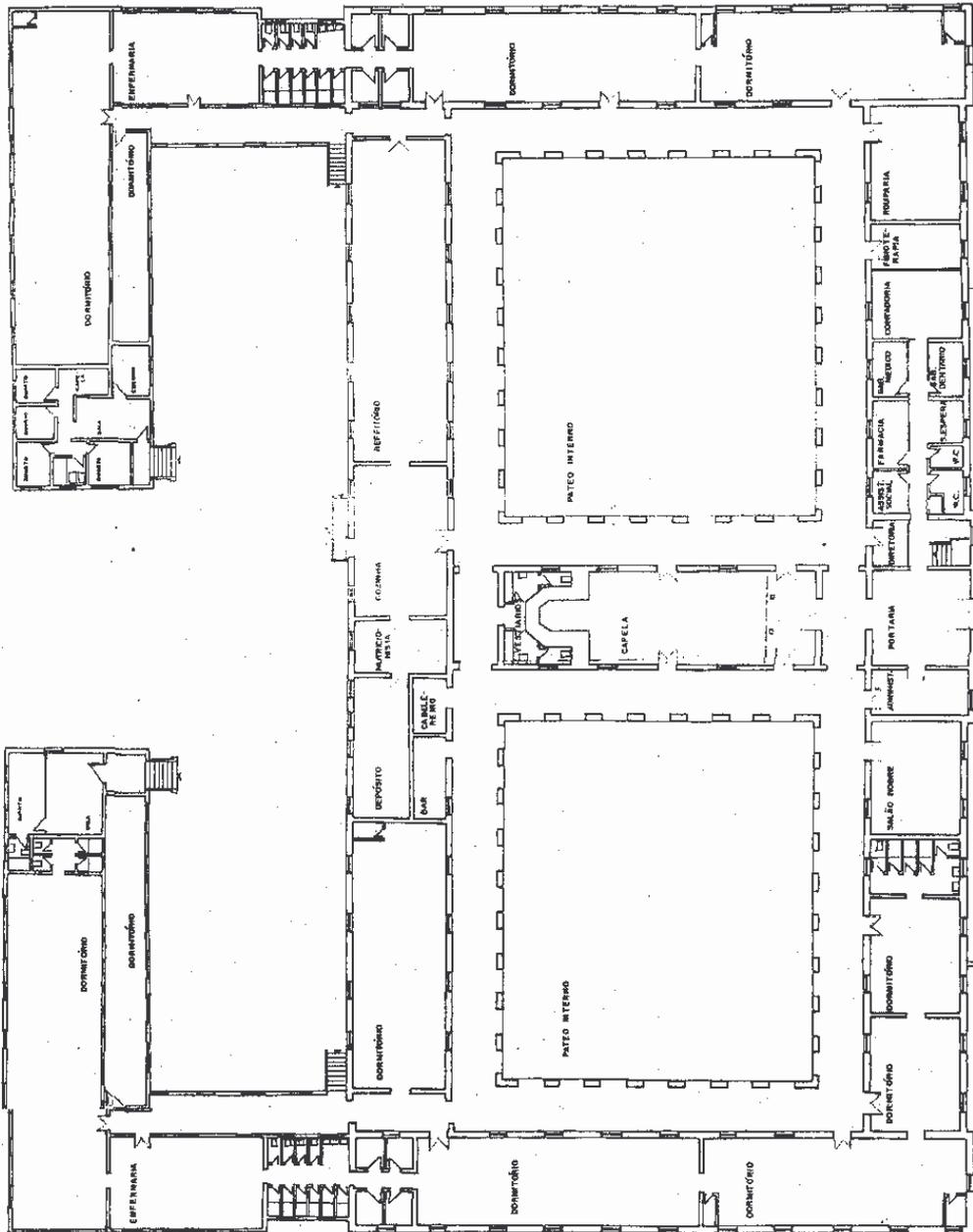
Anexo H – Síntese das Entrevistas: Idosos do Asilo

**SÍNTESE DAS ENTREVISTAS:
IDOSOS DO ASILO**

Entrevista	Idoso (psudônimo)	Data
01	Rosalva	31/01/2007
02	Helena	31/01/2007
03	Diva	01/02/2007
04	Júlia	01/02/2007
05	Francine	01/02/2007
06	Rubens	05/02/2007
07	Salette	05/02/2007
08	Morgana	06/02/2007
09	Juremias	06/02/2007
10	Maurício	07/02/2007
11	Celso	07/02/2007
12	Adriano	07/02/2007
13	Gustavo	07/02/2007
14	Fabiano	07/02/2007

ANEXOS

Anexo I – Planta baixa do Asilo Padre Cacique



ASILO PADRE CACIQUE - PLANTA MAIOR
1:300

ANEXOS

Anexo J – Registro fotográfico

Foto I



Fachada do Asilo Padre Cacique
Janeiro de 2007

Foto II



Jardim do Pátio Interno do Asilo Padre Cacique
Janeiro de 2007

Foto III



Apresentação de Dança de morador e voluntária do asilo, durante o Encontro do Voluntariado- Dezembro de 2006

Foto IV



Apresentação do Coral do Asilo durante as comemorações do Dia Nacional do Idoso Setembro 2006

Foto V



“Casamento caipira” em Festividade Junina Junho de 2006

Foto VI



Idosos assistindo apresentação de Dança Flamenca na Assembléia Legislativa de Porto Alegre
Novembro de 2006

Foto VII



Passeio a praia de Itapuã, no município de Viamão- RS
Janeiro de 2007

Foto VIII



Almoço durante o passeio a praia de Itapuã, no município de Viamão- RS
Janeiro de 2007